

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Gustavo da Silveira Amorim

MARCAÇÃO NO CONTATO LINGUÍSTICO: O português falado pelos Latundê

Recife
2015

GUSTAVO DA SILVEIRA AMORIM

MARCAÇÃO NO CONTATO LINGUÍSTICO: O português falado pelos Latundê

Tese apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Recife
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB4-1719

A524m Amorim, Gustavo da Silveira
Marcação no contato lingüístico: o português falado pelos Latundê /
Gustavo da Silveira Amorim. – Recife, 2015.
241 f.: il.

Orientadora: Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação. Letras, 2015.

Inclui referências.

1. Fonologia. 2. Línguas em contato. 3. Marcação e línguas indígenas.
I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017- 213)

GUSTAVO DA SILVEIRA AMORIM

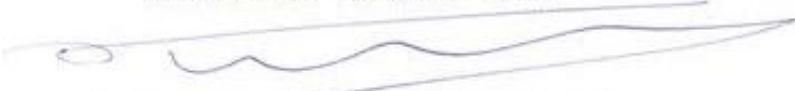
**MARCAÇÃO NO CONTATO LINGUÍSTICO: O Português Falado Pelos
Latundê**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em LINGUÍSTICA em 10/3/2015.


TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr^a. Stella Virginia Telles de Araújo Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE



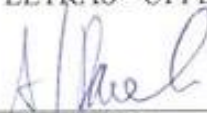
Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
LETRAS - UFPE



Prof. Dr^a. Kátia Nepomuceno Pessoa
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula
LETRAS - UFAL

Recife – PE
2015

For from him and through him and to him are all things.
To him be glory forever. Amen.
Romans 11:36

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me capacitar e me fazer sentir o teu zelo, cuidado e proteção constantemente.

Aos meus familiares, em especial, a minha mãe e o meu pai, pelo suporte coragem e exemplos a mim transmitidos.

A minha esposa, Jane, pelo carinho e compreensão pelas horas que não pude estar ao seu lado dedicando-me a este trabalho.

Aos meus filhos Breno e Estela, meu tesouros, por me fazerem acreditar que o mundo pode ser melhor.

A minha orientadora, Stella Telles, pelo carinho, compreensão, engajamento e ensino, por me fazer acreditar que podemos ser altruístas sem perdermos a essência da humildade. Por compartilhar-me com despreendimento os seus dados.

Às coordenadoras do PG-Letras, Evandra Gligoletto e Fabiele Stockmans, pela presteza sempre que necessário.

Aos meus mestres do Doutorado, pelo trabalho que foi realizado durante o curso, em especial, Stella Telles, Marlos Pessoa, Cláudia Roberta, Siane Goes, Benedito Bezerra, Virgínia Leal, Alberto Poza e Nelly Carvalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPE), Flávio Brainer, Artur Gomes, Márcia Mendonça e João Batista, pela colaboração na trajetória acadêmica.

A Abuêndia Padilha e Gilda Lins (*in memoriam*), pela dedicação e carinho que demonstraram durante as aulas.

Aos meus colegas do Doutorado, Solange Carvalho, Ana Cristina, Cleber, Morgana, Jaciara, Carolina Pires, Juliane, Ângela, Sônia, Ismar, Rinalda, Ludimila e Clara por me ajudarem nos momentos de dificuldades e de (muitas) necessidades.

Aos colegas da GER – Vale do Capibaribe, pela ajuda sempre que necessário, em especial Marta, Morgana, Edjane e JaneCleide.

Aos colegas e alunos do IFAL (Instituto Federal de Alagoas), pela grande ajuda e carinho que demonstraram durante a realização deste trabalho. Pela compreensão das faltas e substituições que de mim foram demandadas.

Aos membros da banca que tão gentilmente aceitaram o convite.

Aos meus amigos, familiares, entes queridos, todos que direta ou diretamente me ajudaram nesta caminhada. Nenhum trabalho é feito sozinho, portanto, os méritos também são de vocês.

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de um estudo sobre a Marcação no Contato Linguístico entre o Latundê e o Português. Trata-se de uma investigação com base na abordagem tipológica da linguística visando à elucidação das unidades mais e as menos marcadas que são, ou não, transferidas no processo de acomodação dos inventários fonéticos de ambas as línguas. Utilizamos como base os pressupostos teóricos defendidos por CROFT (1990), JAKOBSON, (1953), BATTISTELLA (1996), MATRAS & ELSIK (2006) e LACY (2006) para a descrição dos universais linguísticos e da marcação. No que tange ao contato linguístico, nos respaldamos nas reflexões de ROMAINE (2000) THOMASON (2001), AIKHENVALD (2007) e HYMES (1971). Para descrição linguística e histórica dos Latundê, nos baseamos em TELLES (2002), ANOMBY (2009) e PRICE (1977). No que tange ao aporte fonético para descrição do contato entre ambas as línguas, nos valemos dos escritos de WEINREICH (1953), BISOL (1996), VAN COETSEM (1988) e MATRAS (2009). Quanto às análises, nos fundamentamos nas observações de SPENCER (1996) LASS (2000) e RICE (2007). O nosso corpus é formado de trinta horas de fala, transcritas foneticamente de acordo com IPA, de vinte informantes da comunidade Latundê. Os dados fazem parte do acervo do NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas) da UFPE. A partir da nossa pesquisa chegamos à conclusão que: os mais jovens tendem a não transferir os padrões mais marcados da sua língua para a língua adquirida, enquanto os mais velhos reproduzem com menor frequência, os padrões mais marcados do Português; alguns contextos licenciam, enquanto outros bloqueiam a marcação, gerando um caráter variável que demonstra o quão conflitante é a situação do contato; embora não haja uma padronização, no que tange à estrutura silábica, o padrão CV é o mais recorrente, e menos marcado, corroborando o que apregoa os pressupostos da tipologia linguística, os processos que envolvem perda e permuta de segmentos são mais numerosos e mais marcados, dos que os que envolvem ganho de segmento; os fonemas não presentes no inventário fonológico do Latundê tendem a ser apagados ou reinterpretados pelo segmento mais próximo do Português; quanto à manutenção ou perda, o comportamento dos traços mais marcados do Latundê depende, não

categoricamente, da fonologia do Português, a marcação não está condicionada apenas aos universais linguísticos, mas às especificidades da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Línguas em Contato. Marcação e Línguas Indígenas.

ABSTRACT

The present work describes phenomena of phonological transference of Latundê, a Brazilian indigenous language, in Portuguese, in language contact situation. The observed phenomena were examined under the light of the assumptions of Linguistic Marking in its typological approach. As basis, we used CROFT (1990), JAKOBSON, (1953), BATTISTELLA (1996), MATRAS ELSIK (2006) and LACY (2006) studies, for the description of linguistic universals and marking. About language contact, we were supported by the reflections of ROMAINE (2000) THOMASON (2001), AIKHENVALD (2007) and HYMES (1971). For the linguistic and historical description of Latundê, we were based on TELLES (2002), ANOMBY (2009) and PRICE (1977). About the phonology of Portuguese, we were supported by BISOL (1996). For description of the contact between both languages we used the writings of WEINREICH (1953), VAN COETSEM (1988) and MATRAS (2009). The one of phonological phenomena observed was backed in SPENCER (1996) LASS (2000) and RICE (2007). Our corpus is formed of thirty hours of talk, phonetically transcribed according to IPA. In the survey, we used the speech production of 20 individuals from the Ladundê people, among these, 8 belonging to the pre-contact generation with the non- indigenous society and 12 belonging to the post-contact generation. The data are part of the acquis of NEI (Núcleo de Estudos Indígenas) of UFPE. With our research, we came to the following results: post-contact generation tends not to transfer most marked patterns of their language to the acquired language, while the native of pre-contact generation do, in a lower frequency, the more marked standards of Portuguese. The processes that involve loss and exchange of segments are more numerous than those involving segment gain. The phonemes of Portuguese that do not exist in Latundê tend to be erased or reinterpreted by the closest segment to Portuguese, resulting in the loss of contrast and in the emergence of the unmarked through the phonological neutralisation. There are phenomena that show a tendency towards the universal, as the deletion of the coda in favor of CV standard syllabic, and others that are arising out of restrictions of Latundê, as the monophthongization of nasal diphthong and the change of vowel quality in word-

final position. In the set of phenomena, we noticed that the interference is variable and not always motivated by phonological or natural marking.

KEYWORDS: Phonology. Marking. Languages in contact. Portuguese and Latundê.

RESUMEN

El presente estudio describe los fenómenos de la transferencia fonológica del *Latundé*, una lengua indígena Brasileña, en el portugués, en una situación de contacto lingüístico. Los fenómenos observados fueron examinados a la luz de los presupuestos de marcación lingüística, en su abordaje tipológico. Como modelo de fundamentación, se han utilizado los estudios de CROFT (1990), JAKOBSON (1953), BATTISTELLA (1996), MATRAS & ELSIK (2006) y LACY (2006), para la descripción de los universales lingüísticos y de la marcación. Sobre el contacto lingüístico, fueron tomados como soporte científico las reflexiones de ROMAINE (2000), THOMASON (2001), AIKHENVALD (2007) y HYMES (1971). Para la descripción lingüística de los *Latundé*, esta investigación se basó en TELLES (2002), ANOMBY (2009) y PRICE (1977). Sobre la fonología del portugués, se tuvieron en cuenta los estudios de BISOL (1996). Para la descripción del contacto entre ambas lenguas fueron necesarios los escritos de WEINREICH (1953), VAN COETSEM (1988) y MATRAS (2009). Finalmente, el estudio de los fenómenos fonológicos observados fueron abordados en las investigaciones de SPENCER (1996), LASS (2000) y RICE (2007). El corpus de este trabajo académico está compuesto por treinta horas de diálogos transcritos fonéticamente de acuerdo con el IPA. En la investigación se ha utilizado la producción del diálogo de 20 individuos del pueblo *Latundé*, dentro de ellos, 8 pertenecientes a la generación del pre contacto con la sociedad no indígena y 12 pertenecientes a la generación del post contacto. Los datos hacen parte del acervo del Núcleo de Estudios Indigenistas (NEI) de la UFPE. Con esta investigación se ha llegado a la siguiente conclusión: La generación post contacto tiende a no transferir los patrones más acentuados de su lengua hacia la lengua adquirida, mientras que los indígenas de la generación del pre contacto realizan con menor frecuencia los patrones más marcados del portugués. Los procesos que envuelven la pérdida y permuta de los segmentos son más numerosos de aquellos que involucran la ganancia del segmento. Los fonemas del portugués que no existen en el *Latundé* tienden a ser borrados o reinterpretados por el segmento más próximo al portugués, resultando en una pérdida de contraste y en la emergencia del no marcado a través de la neutralización fonológica. Hay fenómenos que revelan una tendencia a lo

universal, como desvanecimiento de la coda en a favor de patrón silábico CV, y otros que son consecuencia de las restricciones del *Latundé*, como la monoptongación de diptongo nasal y la mudanza de la cualidad vocálica en posición final de la palabra. El en conjunto de fenómenos, verificamos que la interferencia es variable y no siempre está motivada por la acentuación fonológica o natural.

Palabras Clave: Fonología. Acentuación. Lenguas en Contacto. Portugués y *Latundé*.

LISTA DE SÍMBOLOS

- **Transcrição**

Transcrição fonética	[]
Transcrição fonológica	/ /

- **Vogais**

Vogal médio-baixa anterior	[ɛ]
Vogal médio-alta anterior	[e]
Vogal alta anterior	[i]
Vogal baixa central	[a]
Vogal médio-baixa posterior	[ɔ]
Vogal médio-alta posterior	[o]
Vogal alta posterior	[u]
Vogal alta anterior nasal	[ĩ]
Vogal médio-alta anterior nasal	[ẽ]
Vogal baixa central nasal	[ã]
Vogal médio-alta posterior nasal	[õ]
Vogal alta posterior nasal	[ũ]

- **Consoantes**

Oclusiva alveolar surda	[t]
Oclusiva alveolar sonora	[d]
Fricativa alveolar surda	[s]
Fricativa alveolar sonora	[z]
Nasal alveolar	[n]
Lateral alveolar	[l]
Africada alveopalatal surda	[tʃ]
Africada alveopalatal sonora	[dʒ]

Lateral palatal	[ʎ]
Nasal palatal	[ɲ]
Fricativa palatal surda	[ç]
Fricativa palatal sonora	[ʒ]
Oclusiva velar surda	[k]
Oclusiva velar sonora	[g]
Fricativa velar	[x]
Oclusiva bilabial surda	[p]
Oclusiva bilabial sonora	[b]
Nasal bilabial	[m]
Fricativa labiodental surda	[f]
Fricativa labiodental sonora	[v]

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Diagrama de Hall.....	67
FIGURA 2	Configurações da Mescla Linguística segundo Romaine (2000, p.185).....	71
FIGURA 3	Esquema de representação do bilinguismo social segundo Appel e Muysken (1986, p. 23).....	74
FIGURA 4	Escolha de língua e <i>code-switching</i> conforme Grosjean (1982, p.127).....	82
FIGURA 5	Classificação das línguas da Família Nambikwára de acordo com Rodrigues (1986, p. 134).....	87
FIGURA 6	Localização e área dos Nambikwára de acordo com Roquete-Pinto (1919)	88
FIGURA 7	Território Nambikwára descrito por Price (1983).....	89
FIGURA 8	Localização atual dos Nambikwára.....	91
FIGURA 9	Localização da TI Tubarão-Latundê.....	94
FIGURA 10	Primeiros contatos com os Latundê (Foto: Price, 1977).....	97
FIGURA 11	Índios Latundê na TI Tubarão-Latundê.....	104
FIGURA 12	Ligações entre a intensidade do bilinguismo, o tipo de processo de acomodação; e sobreposição entre os sistemas fonológicos.....	118
FIGURA 13	Correspondência entre línguas e contato linguístico.....	120
FIGURA 14	Agentividade da Língua Recipiente de acordo Van Coetsem, 1988, p.10.....	122
FIGURA 15	Agentividade da Língua de Origem de acordo Van Coetsem, 1988, p.11.....	122
FIGURA 16	Relação de agentividade entre o Português e o Latundê.....	123
FIGURA 17	Estrutura silábica do Latundê.....	168
FIGURA 18	Estrutura silábica do Português (Câmara-Júnior).....	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Unidades e estruturas mais marcadas conforme levantamento de Moreira da Silva (2011).....	50
Quadro 2	Classificação dos Nambikwára segundo Lévi-Strauss (1948).....	92
Quadro 3	Classificação dos Nambikwára segundo Price e Cook (1969).....	93
Quadro 4	Distribuição dos povos pertencentes a TI Tubarão-Latundê	95
Quadro 5	Núcleos familiares de acordo com a habitação em 1999.....	98
Quadro 6	Situação sociolinguística dos Latundê (dados de 1999).....	101
Quadro 7	Quadro Comparativo dos Sistemas Fonéticos do Romansh e do Schweizerdeutsch de acordo com Weinreich (1953)...	111
Quadro 8	Tipos de processos que conduzem a mudança fonológica induzida por contato.....	116
Quadro 9	Fonemas consonantais do Latundê.....	125
Quadro 10	Fonemas vocálicos do Latundê.....	125
Quadro 11	Ditongos do Latundê.....	126
Quadro 12	Descrição dos fonemas consonantais (Retirada de Telles, 2002).....	126
Quadro 13	Descrição dos fonemas vocálicos orais (Com base em Telles, 2002).....	149
Quadro 14	Descrição dos fonemas vocálicos nasais (Com base em Telles, 2002).....	153
Quadro 15	Vogais no Português (Câmara Jr., 1970).....	154
Quadro 16	Consoantes no Português (Silva, 2002).....	155
Quadro 17	Sistemas consonantais x Sistemas vocálicos.....	156
Quadro 18	Resultado mais frequente do processo de monotongação em Latundê.....	162

Quadro 19	Comportamento dos ditongos /aw, ãw, aj, ãj/ em Latundê...	166
Quadro 20	Comportamento dos ditongos /aw, ãw, aj, ãj/ em Português.....	167
Quadro 21	Escala de Sonoridade (Bonet e Mascaró, 1997, p. 109).....	196

SUMÁRIO

1	SOBRE A PESQUISA	20
1.1	INTRODUÇÃO	20
1.2	JUSTIFICATIVA	24
1.3	OBJETIVOS	25
1.4	METODOLOGIA	26
1.5	DISPOSIÇÃO DA TESE	27
2	MARCAÇÃO LINGUÍSTICA	29
2.1	INTRODUÇÃO	29
2.2	MARCAÇÃO	31
2.2.1	A concepção de Jakobson e Trubetzkoy	35
2.2.2	Abordagem Gerativa	37
2.2.3	Abordagem Tipológica (Interlinguística)	39
2.2.4	Abordagem Naturalista (Morfologia Natural)	41
2.3	CRITÉRIOS DE MARCAÇÃO	42
2.4	MARCAÇÃO, MUDANÇA E CONTATO LINGUÍSTICO	45
2.5	JAKOBSON E A ABORDAGEM FONOLÓGICA DA MARCAÇÃO	48
3	O CONTATO LINGUÍSTICO	54
3.1	INTRODUÇÃO	54
3.2	SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO	57
3.3	MESCLAS DE CONTATO: PIDGIN, CRIOULO, LÍNGUA FRANCA E JARGÃO	60
3.3.1	Pidgin	63
3.3.2	Crioulo	65
3.3.3	Língua Franca ou Sapiir	69
3.3.4	Jargão	71
3.4	IMPLICAÇÕES DO CONTATO LINGUÍSTICO	72
3.4.1	Bilinguismo	72
3.4.2	Diglossia	78

3.4.3	Alternância de código	80
3.4.4	Morte da língua	83
4	COMUNIDADE DE ESTUDO: OS LATUNDÊ	86
4.1	INTRODUÇÃO	86
4.2	A FAMÍLIA NAMBIKWARA	86
4.3	OS LATUNDÊ	94
5	INTERFERÊNCIA FONÉTICO-FONOLÓGICA DO LATUNDÊ NO PORTUGUÊS	106
5.1	INTRODUÇÃO	106
5.2	INTERFERÊNCIA, FUSÃO, COEXISTÊNCIA E TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA	107
5.3	FONOLOGIA DO LATUNDÊ	124
5.4	FONOLOGIA DO PORTUGUÊS	154
5.5	COMPARAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS FONÉTICOS DO PORTUGUÊS E DO LATUNDÊ	156
6	PROCESSOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS FALADO PELOS LATUNDÊ	158
6.1	Introdução	158
6.1.1	Perda de elementos	161
6.1.1.1	Monotongação	161
6.1.1.2	Síncope em <i>onset</i> complexo de // e /r/	168
6.1.1.3	Apagamento da coda	171
6.1.1.4	Redução do gerúndio – Anteriorização da vogal final	173
6.1.1.5	Redução das palatais (nasal e lateral)	174
6.1.1.6	Aférese	177
6.1.1.7	Apócope	178
6.1.1.8	Síncope	180
6.1.2	Ganho de elementos (Inserção de elementos)	181
6.1.3	Alteração de elementos (permuta ou transposição)	184

6.1.3.1	Despalatalização de [j] e [ʒ]	184
6.1.3.2	Palatalização	186
6.1.3.3	Vozeamento e desvozeamento	189
6.1.3.4	Abaixamento e elevação das vogais orais	191
6.1.3.5	Nasalização e desnasalização	194
6.1.3.6	Fenômenos envolvendo os róticos	195
6.1.3.7	Labialização e deslabialização	197
6.1.3.8	Metátese	198
6.1.3.9	Sístole	199
6.1.3.10	Fortalecimento	200
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	208
	ANEXOS	221

1 SOBRE A PESQUISA

O estudo dessas línguas é evidentemente de grande importância para o incremento dos conhecimentos linguísticos. Cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana.

Câmara Jr (1977, p. 4)

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discorreremos sobre a diversidade e a situação das línguas indígenas brasileiras¹, bem como a motivação para o presente estudo. Também farão parte desta introdução a justificativa para a realização desta pesquisa, os objetivos almejados, os procedimentos metodológicos e a descrição da estrutura da tese.

Por se tratar de um estudo que diz respeito à linguística indigenista brasileira, vale iniciar a discussão situando aqueles que são os sujeitos da nossa pesquisa: os índios. Sabe-se que os povos indígenas são vistos geralmente como personagens passivos na / da nossa história. É um equívoco concebê-los, na nossa narrativa, dessa forma, pois seja no papel de aliados, ou de inimigos, esses povos tiveram um papel importante na formação de sociedades coloniais e pós-coloniais (ALMEIDA, 2013, p.9).

¹ Além do português, há no Brasil aproximadamente 180 línguas indígenas, faladas por 225 etnias. Dessas línguas, 110 são consideradas em extinção pelo fato de serem faladas por menos de 500 pessoas. Estima-se que, em 1500, cerca de seis milhões de índios falavam 1078 idiomas. Hoje, a população indígena brasileira chega a no máximo entre 440 mil e 500 mil indivíduos. Atribui-se o desaparecimento das línguas indígenas às pressões políticas do colonizador e, posteriormente, às necessidades de sobrevivência das populações indígenas. Revista Língua portuguesa, n 26, p. 57, 2010.

Embora não seja amplamente divulgado, no Brasil há cerca de 180 línguas indígenas, o que nos torna um país plurilinguístico. Esse percentual era de 1200 antes da chegada dos portugueses. Durante esses cinco séculos de colonização, um glotocídio foi visto intensificamente no nosso território.

Mesmo sendo vítimas de um processo de colonização desenfreado e escravizador, estes povos, com o tempo, passaram a ser reconhecidos como agentes na sociedade. Suas ações são vistas a partir de um recente período histórico como importantes para explicar a história deles e, conseqüentemente, a nossa. Saindo de um quadro de contato onde eram vistos como coadjuvantes, passando a ser também protagonistas.

Hoje, os estudos indigenistas são mais frequentes uma vez que na antropologia atual os povos que foram definidos como aculturados passaram a ser coadjuvantes de um processo histórico e participativo.

A reportagem da Revista Continente, Maio de 2009, sobre os Fulniô faz parte de um arsenal que descreve o que já é sabido pela comunidade científica: as línguas indígenas brasileiras estão desaparecendo em ritmo acelerado. Posto dessa forma, podemos perceber que há urgência em descrever como tais línguas se comportam em si, e em contatos com outras.

Câmara-Júnior (1977, p. 7) postula que os estudos indigenistas, mais precisamente sobre os de suas línguas, constitui no Brasil uma tarefa não somente enorme, mas também urgente. Hoje, meio século depois, esta citação se faz atual. Os estudos indigenistas ainda se mostram tímidos e carentes de recursos e pesquisadores.

Em continuidade, o autor afirma que:

Já desapareceram no Brasil muitas línguas, agora totalmente irrecuperáveis para a ciência. É muito difícil avaliar, hoje em dia, quantas línguas se teriam falado no Brasil há 400 anos, na época do descobrimento do país pelos europeus. Mas a quantidade de línguas que subsistem ainda hoje (...) é ainda um número considerável – cento e tantas. Todas elas, entretanto, estão ameaçadas de desaparecer dentro de muitos poucos anos.

O fato é que precisamos catalogar essas línguas e como elas agem durante o contato linguístico. Esses estudos são de grande valia porque podem mostrar como se deu, analogicamente, o contato do português com outras línguas. E as evidências aqui encontradas contribuirão para a descrição linguística, além de proporcionar às gerações futuras o conhecimento mais apurado sobre as línguas de contato.

Sobre esta relação, Almeida (*idem*, p. 14) afirma que:

[...] As relações de contato com sociedades envolventes e vários processos de mudança cultural vivenciados pelos grupos indígenas eram considerados simples relações de dominação impostas aos índios de tal forma que não lhes restava nenhuma margem de manobra, a não ser a submissão passiva a um processo de mudanças culturais que os levaria a serem assimilados e confundidos com a massa da população.

A autora ainda reitera que “as relações de contato eram, então, grosso modo, vistas como relações de dominação / submissão, na qual uma cultura se impunha sobre a outra, anulando-a”, p.16.

O contato entre línguas contribuiu para o léxico português². E é o contato linguístico um dos fatores que coloca o índio em situação ativa na história do Brasil mesmo após o decreto do Marquês de Pombal³.

Todavia, assim como ocorrera com os negros, é possível que o contato com índios possa ter influenciado outros níveis da nossa gramática.⁴

Seki, (1995, p. 33) ao discutir sobre a situação das línguas indígenas brasileiras diz que:

Essas estimativas devem ser ainda consideradas com certa cautela, pois as línguas indígenas encontram-se sob as mais diferentes pressões, sofrendo o impacto do crescente contato com a população envolvente e a língua majoritária. Contudo, não há em geral levantamentos que permitam estabelecer com maior margem de exatidão os reflexos do impacto do Português nos distintos grupos em termos de deslocamento de língua indígena, tanto no que se refere a graus de bilinguismo / monolinguismo, quanto no que se refere à interferência do Português nessas línguas, nem sempre claramente perceptível nas fases iniciais, mas que vai aos poucos contribuindo para a perda da língua minoritária.

² Citamos aqui como exemplos o caso dos grupos de palavras oriundos de outros povos que foram acoplados ao nosso léxico, como indianismos e africanismos.

³ Para estabelecer uma comunicação com os nativos, os portugueses foram aprendendo os dialetos e idiomas indígenas. A partir do tupinambá, falado pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores, criou-se uma língua geral comum a índios e não-índios. O crescente número de falantes do português começa a tornar o bilinguismo das famílias portuguesas no país cada vez menor. Em 17 de agosto de 1758, a língua portuguesa se torna idioma oficial do Brasil, através de um decreto do Marquês de Pombal, que também proíbe o uso da língua geral. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling03.htm> em 18/12/2014.

⁴ Alguns estudiosos afirmam que as influências não se restringiram apenas ao vocabulário. Jacques Raimundo, em *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*, aponta algumas mudanças fonéticas, iniciadas na fala dos escravos, que ainda se mantêm em algumas variedades do português do Brasil: as vogais médias pretônicas "e" e "o" passam a ser pronunciadas como vogais altas, respectivamente "i" e "u" (mininu, nutiça); as vogais tônicas de palavras oxítonas terminadas em "s", mesmo as grafadas com "z", se tornam ditongos (atrais, mêis, vês); a marca de terceira pessoa do plural, nos verbos do pretérito perfeito, se reduz a "o" (fizero, cáiro, tocaro). Em 1822, Jerônimo Soares Barbosa registrava em sua *Grammatica Philosophica*, uma peculiaridade sintática, originada na fala dos escravos, que até hoje é apontada como uma das distinções entre o português falado em Portugal e o que se fala no Brasil: a colocação de pronomes átonos antes dos verbos (mi deu, ti falô). Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling03.htm> em 18/12/2014.

Embora a preocupação da maioria dos estudiosos de línguas indígenas seja com as línguas minoritárias, esta pesquisa trafega no sentido contrário ao buscar descrever a influência dessas línguas tidas como frágeis no idioma nacional. Vale ressaltar que mesmo em território nacional, o português, aqui, é tido como segunda língua.

1.2 JUSTIFICATIVA

O contato linguístico e suas consequências se dão em todas as línguas do mundo. No entanto, no que tange ao desaparecimento de línguas, o prejuízo é maior uma vez que a não catalogação dessas línguas geraria um déficit linguístico que poderia prejudicar os estudos linguísticos vigentes e futuros, além dos problemas humanos advindos do processo de aculturação entre povos.

Ao corroborar com esta assertiva, Telles (2009, p.25) afirma que:

Quando um povo perde uma língua, também perde diversidade humana; perdem-se meios de compreensão e explicação do mundo; perdem-se soluções de adaptabilidade do homem ao meio, perde-se o conhecimento do potencial e do usufruto sustentável deste meio. Enfim, perdem-se conhecimentos fundamentais que venham a colaborar para a continuidade da sobrevivência do homem no planeta.

O estudo de uma língua diferente da nossa pode nos dar a impressão de que vamos encontrar algo distante da nossa realidade. O que não é verdade, visto que as semelhanças linguísticas são em maior número, Câmara-Júnior (1977, p.18).

Antes da perda total de uma língua, que pode ser assim configurado ou não, o processo inicial se dá pelo contato entre elas. Só depois de existirem lado a lado é que tais línguas podem, a depender da dinâmica, se fundirem, desaparecerem ou conviverem entre si.

No caso do relacionamento entre o Latundê e o Português, percebe-se que tal contato caminha para o desaparecimento do Latundê dado as circunstâncias históricas e sociais pelas quais esta língua tem passado. Hoje este povo é composto de 20 falantes dispersos. Como os mais novos não podem coabitar entre si, a continuidade da etnia está com os dias marcados. Logo, torna-se urgente as tentativas de descrição da língua e de seu comportamento.

Analisar e descrever o contato com base nos padrões de marcação e simetria contribuirá com o princípio de naturalidade que é pre-requisito para a tipologia linguística. No mais, as investigações sobre o contato linguístico são de grande valia para o conhecimento mais apurado das línguas do mundo e da nossa língua especificamente.

1.3 OBJETIVOS

Esta pesquisa objetiva o estudo da interferência fonética do Latundê no Português, levando em consideração o papel da marcação no contato linguístico entre estas línguas. Também busca refletir sobre os processos fonéticos oriundos do contato e como eles se evidenciam a partir das línguas em xeque.

No decorrer da tese, além dos objetivos postos aqui, buscaremos responder as questões postuladas:

- Investigar se os fatores internos (linguísticos) e externos (estruturais) interagem com os princípios da marcação.
- Identificar qual o papel da marcação no contato linguístico.
- Verificar se e quais os traços mais marcados da língua dominada passam para a dominante?

Dessa forma, ao refletirmos sobre as questões acima, esperamos contribuir com os estudos dos universais linguísticos e da cognição humana.

1.4 METODOLOGIA

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi coletado pela professora Stella Virgínia Telles e faz parte do NEI – Núcleo de Estudos Indigenistas – da Universidade Federal de Pernambuco. Os dados foram gravados em CD's, em formato *wave* e estruturados em forma de perguntas e respostas DID – Diálogo entre entrevistador e entrevistado.

Foram escutados aproximadamente 30 horas de gravação de fala dos 20 informantes Latundê. Inicialmente, analisamos de oitiva os dados que foram depois transcritos foneticamente com base no Alfabeto Fonético Internacional - IPA, e organizados em tabelas. Após segunda análise, em caso de dúvidas, os dados foram submetidos ao programa PRAAT para melhor audição. No que tange

à análise, os dados foram disponibilizados em tabelas e enumerados, com os respectivos comentários abaixo.

1.5 DISPOSIÇÃO DA TESE

Para este estudo, utilizamos os pressupostos científicos da tipologia linguística de base, além de autores que focam em seus estudos: contato, interferência, fonética, marcação e naturalidade.

No capítulo 1, discorreremos sobre os elementos basilares da tese, justificativa, objetivos, perguntas norteadoras, metodologia e disposição da tese.

No capítulo 2, trataremos sobre a marcação. Nele abordaremos o conceito de marcação e sua relação com os princípios de simetria e naturalidade. Veremos, a partir do panorama de Matras & Elvik (2006), Battistella (1996), Lacy (2006), as abordagens de marcação: estruturalista, gerativa, tipológica e naturalista.

Na seção 2.3, discorreremos sobre os critérios de marcação, e na seção 2.4, sobre a mudança linguística, contato e marcação. Nos deteremos aos estudos de Jakobson na abordagem fonológica na seção 2.5, bem como os universais linguísticos para a marcação observados por Moreira da Silva (2011), em contraponto com os padrões mais marcados do Latundê.

No Capítulo 3, o contato linguístico será nosso escopo. Nele discutiremos os tipos de mesclas de contato, pidgin, crioulo, língua Franca e jargão, a partir dos pressupostos de Tarallo e Alkimi (1987), Calvet (2004), Couto (2001), Hall

(1996), Hymes (1971), Romaine (2000) e AiKhenvald e Dixon (2006). Abordaremos também a diglossia, conforme Ferguson (1991), a alternância de código, de acordo com Auer (1999), Morte de língua, segundo McMahon (1994), Trask (2004) e Cristófar-Silva (2002).

No capítulo 4, apresentaremos a comunidade de estudo: os Latundê. Inicialmente, com base em Rodrigues (1995), Roquete-Pinto (1919), Lévi-Strauss (1946), Price e Cook (1969), Anomby (2009) e Telles (2002), faremos uma descrição dos povos e famílias indígenas do Brasil e dos Latundê especificamente. Recapitularemos o contexto histórico, formação, contato com os outros povos indígenas e com os não índios, limites geográficos e situação atual.

No capítulo 5, trataremos da interferência e transferência fonética do Latundê para o Português. Com base em Cristófar-Silva (2002), Bisol (1996), Weinreich (1953), Van Coetesem (1988) e Matras (2009), discutiremos os processos de interferência, fusão, coexistência e transferência linguística. Apresentaremos os aspectos mais relevantes da fonologia Latundê e do Português.

No capítulo 6, faremos as análises dos processos fonéticos presentes no contato do Latundê com o Português. A partir da perspectiva clássica de perda, manutenção ou ganho de elementos, discutiremos sobre quais os processos fonéticos mais marcados do Latundê permanecem, ou não, atestados no Português falado por Latundê.

Por fim, chegaremos às divagações finais dos resultados configurados na pesquisa e à perspectiva de continuidade do trabalho. Nos anexos encontram-se os dados analisados, transcritos foneticamente e dispostos em tabelas.

2 MARCAÇÃO LINGUÍSTICA

*A nossa vida é mesmo assim... Crescemos, uns qual árvore indivisa,
levados pela força de um destino retilíneo, como as palmeiras crescem;
outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes.
Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos.
Afinal, caminhamos na diretriz primitivamente escolhida,
quando o tempo nos concede alcançar; crescemos como as lianas⁵.
(ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 37)*

2.1. INTRODUÇÃO

É fato que o universo é regido por leis naturais. O que aparentemente demonstra ser fruto da eventualidade é um conjunto de princípios explicáveis que agem de forma complementar sob as forças centrífugas e centrípetas. Com a língua(gem), não diferentemente, enquanto sistema de relações, ela reflete estas características. Para Croft (2003, p 25), ela *reflete a tensão entre duas tendências concorrentes - uma em direção à regularidade, a outra em direção à hierarquização.*

Com o objetivo de melhor compreensão dos pressupostos da tese, neste capítulo nos deteremos à compreensão dos conceitos de: marcação, assimetria e naturalidade. Oriundos da linguística de base, estes termos estão relacionados aos universais linguísticos. A complexidade destes conceitos, por outro lado, apontam para o que é individual e para o que é geral. Tem a ver com o que já defendia Chomsky ao estabelecer a dicotomia Princípios x Parâmetros. Obviamente, posta a complexidade da língua, esses “agentes” da linguagem

⁵ Espécie de trepadeira que mantém sua raiz no solo, mas necessita de um suporte para manter-se ereta e crescer em direção à luz.

estão submetidos também aos fatores internos e externos nas línguas do mundo. Logo, o que é marcado numa língua pode não ser em outra, ou podem ocorrer marcações mais globais.

Matras e Elvik (2006, p.12) discorrem que:

A tarefa da teoria linguística é, a nosso ver, descrever como essas tendências concorrentes são responsáveis pela formação de estruturas linguísticas. Trata-se de um jogo, a nível local, de vários fatores: a estrutura e sua função na comunicação, o membro e o valor que ela representa tanto dentro do paradigma e em um quadro conceitual mais universal, a natureza do processo específico envolvido na formação a estrutura, e a motivação para aplicar esse processo para o paradigma ou partes dele. Esta complexa interação de fatores nunca é pré-determinada, uma vez que diferentes combinações de fatores tornarão resultados diferentes. A este respeito, tomamos uma visão "imparcial" do que "condição marcada 'é, e se é ou não uma estrutura é" marcado "em comparação com a outra". Em vez disso, nosso interesse é em explorar padrões nos resultados de diferentes combinações de fatores em nível local.

A assimetria e a naturalidade, efetivamente, teriam uma relação direta com a marcação. O que é assimétrico tende a ser mais marcado e menos natural. Por outro lado, o que é mais natural tende a ser menos marcado e mais simétrico. Esta é uma condição elementar, mas não totalitária para as línguas do mundo.

Para Batistella (1996, p.115), há um número de pesquisadores que sugerem formas específicas em que as condições de marcação desempenham um papel na descrição, na alteração ou na aquisição da língua(gem), exercendo uma função relevante na definição da gramática ótima, àquela que é o resultado satisfatório na teoria da otimalidade⁶.

⁶ Mesmo não trabalhando diretamente com a teoria da otimalidade nesta tese, é válido ressaltar que os princípios de marcação, simetria e naturalidade fazem parte do arcabouço teórico de seu axioma.

No que diz respeito à fonologia, área da linguística sob a qual se debruça o objeto de estudo desse trabalho, Battistella (1966, p.65) observa que condição marcada é uma propriedade da relação entre os dois sinais de um paradigma diacrítico, que é em parte independente da substância linguística, articulação e percepção, e deve ser definido principalmente como conceitual.

No que se refere aos conceitos postos aqui, utilizaremos os pressupostos teóricos defendidos por CROFT (1996, 2003), JAKOBSON, (1953), BATTISTELLA (1996), MATRAS & ELSIK (2006) para descrição teórica e abordagem histórica; e LACY (2006) para a descrição dos universais marcados para tratarmos das elucidações sobre Marcação Tipológica (no contato linguístico) e Naturalidade.

2.2. MARCAÇÃO

Battistella (1996, p.7), afirma que em muitas áreas alguns conceitos apresentam problemas quanto à sua complexidade axiológica. Não diferentemente no campo da linguística tais discussões emblemáticas ainda hoje se fazem presentes. Uma dessas discussões gira em torno do conceito de marcação, pois segundo ele:

A dicotomia não-marcado versus marcado é um dos conceitos-chave, tanto a teoria da gramática gerativa desenvolvida por Noam Chomsky e a teoria da linguística estrutural desenvolvida por Roman Jakobson. Ela tem sido usada em áreas da linguística que vão desde a descritiva e tipológica até a aplicada, e foi emprestado para campos tão diversos como a antropologia, arte, música, poesia e literatura.

O termo que fora introduzido na linguística, na década de 1920, pelos linguistas europeus da Escola de Praga cujo significado da condição marcada não

permaneceu constante, mesmo dentro de uma única estrutura intelectual hoje é um marco central na linguística. O conceito de marcação está relacionado à frequência daquilo que é menos comum na língua. Logo, a relação deste conceito se coaduna à noção de naturalidade. Se um elemento é mais natural, ele será menos marcado. Se o oposto, será mais marcado. Deste modo, as línguas teriam uma tendência a optar por padrões não marcados.

Battistella (2006, p.13) expõe que:

A possibilidade de relações universais marcado / não-marcado é atenuada por outros fatores. Um deles é a observação de que a assimetria é muitas vezes sensível ao contexto. Isso faz com que uma condição local marcada em vez de um fenômeno geral signifique que contexto deve sempre ser considerado ao determinar valores de condição marcada. Poderia ser, é claro, que o aspecto contextual da condição marcada seja dado universalmente, mas este não é de modo algum fácil de mostrar além do nível de fonologia. Uma preocupação relacionada sobre as implicações universais decorre do fato de que muitas assimetrias podem ser revertidas entre as diferentes comunidades de fala, períodos de tempo, ou registradores.

Para Trask (2004, p.187) os vários critérios para entender que uma forma ou construção é marcada podem não coincidir; e os valores da alternativa marcado / não-marcado podem também mudar ao longo do tempo. A complexidade posta na interação de fatores nunca é previamente estabelecida, uma vez que as diferentes combinações deles tornarão, conseqüentemente, os resultados diferentes.

Em continuidade, ele afirma que:

Ser marcado é uma noção muito ampla, que se aplica em todos os níveis de análise. Em termos gerais, é **marcada** qualquer forma linguística que – sob qualquer ponto de vista – menos usual ou menos neutra do que alguma outra forma, a forma **não-**

marcada. Uma forma marcada pode distinguir-se de outra também marcada pela presença de mais material, de maior quantidade de matizes de significado, por ser mais rara numa determinada língua ou nas línguas em geral, ou de vários outros modos (*idem*, p.129)

Na, e para a fonologia, *é sugerido que processos fonológicos estejam diretamente sensíveis à distinção entre os elementos marcados e os não marcados.* Nesta relação, *a marcação dos segmentos fonéticos está relacionada a propriedades linguísticas como: i) serem pouco comuns; ii) serem pouco frequentes; iii) serem adquiridos tardiamente; iv) serem pouco estáveis quanto à mudança sonora* (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p148).

Segundo Battistella (2006, p. 13), “a condição marcada na fonologia é uma propriedade da relação entre os dois sinais de um paradigma diacrítico que é em parte independente da substância linguística (articulação e percepção), e deve ser definida principalmente como conceitual”.

O conceito de marcação está diretamente relacionado ao de simetria, propriedade matemática que consiste na correspondência e permuta de elementos dentro de um conjunto onde, mesmo com a troca de lugares, eles continuam tendo o mesmo valor. Neste caso a marcação estaria ligada ao conceito de assimetria, posto que esta seja a quebra da valoração de correspondência dos elementos, Trask, 2007.

Para Matras e Elvik (2006, p. 8):

Assimetrias de paradigmas têm vindo a ser associado com a noção de "condição marcada". O conceito pressupõe que a relação estrutural entre os dois polos de um paradigma é previsível, em certa medida. Ele também assume que um dos

polos *marcado* será sempre exibir propriedades que o outro polo *desmarcado* não tem.

Os referidos autores tratam dos aspectos sobre assimetria afirmando que a simetria é mais simples por ser explicada “em **termos formais**, ao nível do paradigma e, em **termos funcionais**, através de regularidade na posição e formas das estruturas que executam operações lineares semelhantes na organização de informação de enunciados”. Eles ainda afirmam que as “as forças que provocam a assimetria são muito mais opacas”, pois “elas competem em vários níveis locais contra o poder aparentemente esmagador e sempre presente da busca pela simetria”, (*idem*, p. 10).

A noção de valores dos conceitos de *marcados* e *não marcados* foi inicialmente desenvolvido para sistemas fonológicos por Trubetzkoy (1931) e primeiro aplicado a categorias morfossintáticas e semânticas por Jakobson (1932). Croft (1990, p. 87) afirma que *Markedness has since been adopted by both the generative and the typological approaches to linguistic theory, not surprisingly in rather different ways.*⁷ Por isso, a depender da corrente teórica adotada, o conceito de marcação pode ser compreendido de forma distinta, dadas as interpretações e as abrangências a que elas se propõem.

Conforme Battistella (1996, p. 12): O termo *marcação* abrange uma série de conceitos.

...algumas tentativas foram feitas para separar os conceitos subjacentes a este termo e distinguir entre diferentes tipos de condições marcadas. Jakobson, por exemplo, mantém uma

⁷ O conceito de marcação tem sido adotado nas abordagens gerativista e tipológica, não surpreendentemente de maneiras bastante diferentes.

distinção entre condição fonológica marcada, que envolve categorias cujos significados são meros diferenciadores e condição marcada semântica, que envolve categorias conceituais que sinalizam o que significa, bem como distinguem os vocábulos.

Com os passar do tempo, os modelos teóricos sobre marcação também foram discutidos e repensados de acordo com a corrente a que se propunha. Nos parágrafos que seguem discorreremos, seguindo o percurso histórico descrito por Battistella, 2006, sobre estes modelos: estruturalista, gerativista, tipológica e naturalista.

2.2.1 A concepção de Jakobson e Trubetzkoy

A abordagem estruturalista está diretamente ligada às pessoas de Jakobson e Trubetzkoy, componentes do Círculo de Praga, para quem, as correlações fonológicas são compartilhadas em um elemento definidor comum. A partir da observação do comportamento dos traços fonológicos, eles introduzem os termos marcado e não-marcado. *It was in the context of the search for correlations among phonemes that the terms marked and unmarked were first proposed.* Battistella (2006, p. 19).

Na visão semiótica estruturalista, de acordo com Matras e Elvik, (2006, p. 15), Trubetzkoy (1939) introduziu o conceito de condição marcada no contexto de sua pesquisa sobre correlações fonológicas com base nas relações entre a presença de alguma característica fonológica e sua ausência na consciência dos falantes. Mais adiante, ele restringiu a aplicação da condição *marcada* às neutralizáveis

oposições fonológicas. A partir daí, a neutralização tornou-se o critério de marcação.

Por isso, diz-se que *a neutralização é um critério originalmente fonológico que foi estendido (nem sempre bem) para a situação em que algum contexto requer o cancelamento do contraste entre os membros de uma oposição*, Battistella (1996, p. 11).

Battistella (*idem*, p.12) também afirma que Jakobson aplicou o conceito de marcação em várias direções e além da fonologia, a outros níveis linguísticos e domínios da semiótica, com base não apenas nos atributos linguísticos, mas nas categorias semânticas da gramática e da cultura. Ele também afirmou que a condição marcada pode ser vista como uma relação binária.

O autor em estudo ainda discorre que Jakobson observando, além disso, “uma série de correlações de condição marcada notou que os valores não marcados tendem a ser representado por zero forma”, sugerindo que existe uma correspondência entre as características semânticas e sua expressão fonológica: “não apenas os valores marcados tendem a ser codificados por meio de marcadores manifestados, mas também valores semanticamente próximos de uma categoria que tendem a ser expressos fonologicamente ou marcadores fonotaticamente semelhantes”. Os valores marcados também tendem a mostrar diferenciação menos formal do que os valores não marcados.

Jakobson também teria evidenciado seus estudos com base nas observações sobre a aquisição de primeira língua e sobre a afasia. Em suas pesquisas, ele descobriu correlatos extralinguísticos de condição marcada propondo uma

hierarquia das características fonológicas universais ao coletar dados corroboradores da tese de que as características ou segmentos marcados são mais difíceis de serem adquiridos por crianças e de serem apreendidos por afásicos, Battistella (*idem*, 16).

2.2.2 Abordagem Gerativa

Para Matras & Elvik (2006, p.10), a visão de Chomsky de *marcação* mostra uma flexibilidade notável, uma vez que o conceito não foi desenvolvido de forma sistemática, e que é difícil falar sobre a existência de um trabalho mais bem elaborado sobre *marcação* em sua obra.

Battistella afirma que na concepção gerativista o conceito de *marcação* exposto por Chomsky está relacionado a duas ideias centrais, i) a condição marcada é concebida como codificação de uma estrutura de preferência ou a estrutura padrão para a aquisição da linguagem; e ii) a condição marcada é vista como aquela que reflete o custo de determinadas opções analíticas. Em tal conceito, *as duas ideias estão interligadas na abordagem gerativa, na medida em que uma teoria formal é necessária para expor a adequação explicativa no que diz respeito à aquisição da linguagem* (1996, p.18).

Ainda segundo o autor, Chomsky também distinguiu dois tipos de condição marcada: a distinção entre uma gramática sem *marcação* do núcleo e uma periferia marcada, e as estruturas de preferência dentro do núcleo e dentro da periferia.

No que tange à fonologia, para Moreira da Silva (2011, p. 31):

No contexto da Gramática Gerativa, Chomsky & Halle (1968, p. 402.) propõem uma teoria de marcação baseada num conjunto de convenções de marcação ou definições dos valores “marcado” / “não-marcado” para os traços fonológicos em contextos particulares. A marcação concebe uma estrutura como preferida ou que surge por defeito / omissão. Os elementos marcados e não marcados são compreendidos como os que apresentam maior ou menor custo. São as regras da Gramática Universal que atribuem um valor não marcado aos traços. Com efeito, os valores por omissão estão codificados na Gramática Universal, havendo um conjunto de regras que fazem emergir os valores marcados.

Chomsky & Halle, (*idem*, p. 425) propõem uma marcação universal e inata. Os segmentos marcados ou os valores dos traços *são estabelecidos de acordo com universais interlinguísticos, frequência distribucional, mudança linguística e aquisição da língua.*

É no final dos anos 70 e durante a década de 80 que, segundo Battistella (1996, p. 10):

...a condição marcada começou a ser tratada como parte de uma teoria do núcleo da gramática. A *Gramática nuclear* consistia em alguns parâmetros que deveriam ser corrigidos durante a aquisição de uma linguagem real. O conceito de condição marcada foi aplicado duplamente neste quadro. Em primeiro lugar, todo o núcleo da gramática foi considerado como não marcado contra a periferia marcada. A condição marcada de uma construção foi determinada pela sua regularidade, estabilidade e centralidade para o núcleo de uma linguagem particular, bem como por generalizações intralinguísticas sobre os tipos de construção. Em segundo lugar, a condição marcada seria também aplicada aos valores de parâmetros no interior do núcleo e no interior da periferia. Assim, condição marcada também foi visto como uma estrutura de preferência dentro dos dois componentes da gramática.

Moreira da Silva (2011, p.32) afirma que no que diz respeito à Teoria da Otimidade, formulada por Prince & Smolensky (1993), a marcação é vista como a

violação de uma restrição ou princípio da língua. Segundo esta teoria, cada língua é definida como um conjunto de hierarquizações de princípios universais. As restrições numa posição mais elevada, e que são raramente violadas, indicam os aspetos não marcados, enquanto as menos importantes, e que são violadas frequentemente, mostram os aspetos mais marcados.

2.2.3 Abordagem Tipológica (Interlinguística)

Croft (1996, p.4) afirma que a principal característica da tipologia linguística é verificar as regras de comparação nas línguas do mundo. A comparação Interlinguística coloca a explicação dos fenômenos linguísticos de uma única língua em uma nova e diferente perspectiva.

A fim de distinguir o conceito de marcação de outras escolas teóricas, Croft (1996) introduziu a concepção de marcação tipológica. Para ele:

Marcação tipológica é uma rede de relações causais aparentes entre um subtipo de assimetrias interlinguísticas, todas as quais têm a ver com a forma como a função é codificada em forma gramatical. O tema geral da assimetria também sugere um link para os padrões assimétricos na ordem das palavras e na fonologia, que diferem de marcação tipológica de forma significativa. Marcação tipológica é uma propriedade universal de uma categoria conceitual, não uma propriedade de uma linguagem específica ou de uma categoria gramatical de linguagem particular, como é concebida em marcação para a Escola de Praga. (p.87 - 88)⁸

⁸ Typological markedness is a network of apparent causal relationships among a subtype of cross-linguistic asymmetries, all of which have to do with how function is encoded into grammatical form. The general theme of asymmetry also suggests a link to asymmetrical patterns in word order and phonology, which differ from typological markedness in significant ways. Typological markedness is a universal property of a conceptual category, not a language-particular property of a language-particular grammatical category as it is in Prague School markedness.

Quanto à marcação, na abordagem tipológica, autores como Croft (1996) e Givón (1990) se utilizaram da perspectiva estruturalista para embasar a sua teoria. Esta concepção se vale dos fenômenos interlinguísticos e universais que é a sua característica definidora, Battistella (2006, p.19). A marcação tipológica é, portanto, uma ferramenta importante para o tipologista porque fornece um meio para ligar diretamente propriedades linguísticas (estruturais) formais em todos os idiomas.

A condição marcada é assegurada por padrões interlinguísticos que podem ser formulados como restrições sobre possíveis combinações de propriedades linguísticas. Na abordagem tipológica, a marcação é vista como uma rede de relacionamentos, que engloba uma série de padrões gerais logicamente independentes. Croft (1990, p.87), reclassifica os critérios utilizados pelos estruturalistas em três: estruturais, comportamentais e de frequência de token.

Na abordagem tipológica, um valor de categoria é mais ou menos marcado, em vez de individualmente ou duplamente marcadas como na abordagem semiótica. De acordo com Croft (2003, p.87), o fato de que a neutralização não é um conceito relativo explica por que é um critério válido de condição marcada tipológica.

Para Matras e Elvik, o reconhecimento do caráter relativo (gradual ou escalar) da condição marcada permite que se desenhe em alguns conceitos fundamentais da tipologia linguística o que diz respeito à condição de marcada. Além de simples implicacionais universais, hierarquias e protótipos também podem ser vistos como padrões da condição marcada. (2006, p.18)

2.2.4 Abordagem Naturalista⁹ (Morfologia Natural)

Na abordagem naturalista, de acordo com Matras & Elvik (2006, p.13) a condição marcada foi desenvolvida na escola de Morfologia Natural, que surgiu na Áustria e na Alemanha, em meados dos anos 1970. Os estudos de Dressler *et al* (1987), para quem “a naturalidade universal corresponde à facilidade para o cérebro humano (Dressler *et al* 1987, p.11), fazem parte desta corrente que se debruçou sobre a morfologia natural para dar sustentação a sua tese. Ainda para estes autores:

Os proponentes da Morfologia Natural caracterizam sua abordagem como semiótica e, ao mesmo tempo, funcional. A escola foi inspirada, entre outros, pela teoria da marcação desenvolvida na Escola de Praga. Por outro lado, morfologistas naturais compartilham de uma série de pontos de vista teóricos com o paradigma funcionalista e, principalmente, com orientação de função tipológica, como a assunção do caráter relativo da condição marcada, a suposição de protótipos e a dependência de motivações e evidências extralinguísticas e intralinguísticas (*Idem*, p.12).

Ainda de acordo com Matras & Elvik, (*idem*, p. 14) a Teoria da Morfologia Natural é concebida como uma teoria da Naturalidade, onde são reconhecidos vários níveis de análise linguística que são organizados por outras subteorias correspondentes.

A Morfologia Natural objetiva, nesse aspecto, estabelecer conflitos entre os princípios de naturalidade. Dois desses são: i) os conflitos entre princípios de naturalidade (o que é natural e o que é específico do idioma); e ii) os conflitos entre os diferentes componentes do sistema de linguagem.

⁹ The naturalness approach

Comumente a naturalidade é vista por ter fundamentos extralinguísticos que determinam, ou proíbem; favorecem, ou desfavorecem as estruturas linguísticas, restringindo as possibilidades e especificam as preferências da faculdade da linguagem universal. No entanto, embora a morfologia privilegie os fatores extralinguísticos (neurobiológicos e sociocomunicativos), os fatores linguísticos não são redutíveis aos extralinguísticos, (*ibidem*, p.14).

2.3 CRITÉRIOS DE MARCAÇÃO

Matras & Elvik (2006, p.15) elencam quatro critérios relevantes para a marcação. São eles: i) frequência, ii) complexidade conceitual, iii) complexidade estrutural, iv) distribuição,

A frequência tem ocupado uma posição central na abordagem tipológica da condição marcada. Embora, acredite-se que os elementos não marcados são mais frequentes que os marcados, este critério é relativo e universalmente aplicável, sendo bastante questionável na abordagem tipológica chegando a ser abandonado por Croft, 1990, p.84, ao afirmar que “o critério de frequência mostra uma conexão direta entre as propriedades de estrutura da linguagem e propriedades de uso da linguagem”.

Ainda segundo Croft (*idem*, p.159) a condição marcada é mais do que uma manifestação de motivação econômica, havendo a necessidade de olhar para outras causas da frequência de certos valores gramaticais na fala.

Na abordagem estruturalista / semiótica, a complexidade conceitual é a propriedade que define a condição semanticamente marcada. Para Jakobson, a marcação é definida como uma relação assimétrica entre sinalização e não-sinalização de uma determinada propriedade. Assim, o membro marcado da oposição é, por definição, mais complexo semanticamente que o membro não marcado, como outros critérios melhores correlatos da condição marcada de diagnósticos de complexidade conceitual (Matras & Elvik, 2006, p. 17).

Ainda segundo estes autores (Idem, p. 19), *o reconhecimento da extensão e da complexidade de um marcador em termos fonológicos como um fator relevante, em vez de um morfológico, é tido por outros autores que trabalham com a tipologia linguística. Como exemplo, eles citam a codificação morfossintática que é chamada de codificação zero, onde não existe evidente formal de marcação de um valor de categoria.*

Os critérios de marcação com base na distribuição compreendem os critérios comportamentais e o critério de valor neutro. Os critérios comportamentais foram desenvolvidos especificamente na abordagem tipológica, e dizem respeito a qualquer tipo de evidência do comportamento linguístico dos elementos que demonstram que um valor de uma categoria conceitual é gramaticalmente mais versátil do que outro, Croft (1990, p. 93).

Já o critério de valor neutro diz respeito à neutralização de contrastes paradigmáticos em determinados contextos. O critério foi desenvolvido na Escola de Praga e tomado por Greenberg (1966). No entanto, o valor neutro é descartado como um critério válido de marcação tipológica visto que não há

consistência interlinguística. Não existe um padrão interlinguístico consistente de contextos neutros que podem ser ligados à codificação estrutural ou potencial comportamental (Croft, *idem*, p.96).

A razão para a introdução de critérios dependentes do sistema em Morfologia Natural, segundo Matras & Elvik (2006, p. 19), é que o conceito de naturalidade baseada exclusivamente em fatores independentes de sistema resulta em previsões incorretas, especialmente na mudança de linguagem. Eles consideram certos aspectos da normalidade dependente de idioma para ser parte de naturalidade.

Segundo Croft (1990, p. 97), no que tange aos critérios externos da marcação, os proponentes da abordagem naturalista introduziram uma série de critérios ou correlatos extralinguísticos da condição marcada como:

- evolução da linguagem (o mais tarde, o mais marcado);
- maturação ontogenética (o mais tarde, o mais marcado);
- fala do bebê (menos elementos marcados preferidos pelos adultos no *maiês*),
- aquisição da linguagem (menos marcado adquirido antes do mais marcado);
- distúrbios da linguagem e da fala (mais marcado afetado / anteriormente menos marcado);
- testes de percepção (menos marcado mais facilmente percebida do que mais marcado);

- e erros linguísticos (mais marcados evocam mais erros do que os menos marcados).

Esses critérios são basilares e dariam conta de uma série de elementos universais linguísticos.

2.4 MARCAÇÃO, MUDANÇA E CONTATO LINGUÍSTICO

Matras & Elvik (2006, p. 22) garantem que *em muitas abordagens, a mudança linguística é vista como cooperadora para compreensão da marcação*. Logo, a mudança de idioma é tida como critério de marcação. Esta assertiva faz sentido nesse trabalho visto que o objeto de análise, o português resultante do contato entre o Português e o Latundê, trata de câmbio de materiais linguísticos. Neste caso, especificamente, dos elementos fonéticos.

Ainda de acordo com estes autores:

A existência de estruturas marcadas é um resultado inevitável da compartimentação e da abertura do sistema de linguagem. E uma vez que diferentes componentes da linguagem têm funções divergentes e tendem a seguir diferentes princípios de naturalidade, o abandono das estruturas marcadas em um nível implica em estruturas marcadas em outro nível (*Idem*, p. 25).

Em outras palavras, a mudança linguística leva à condição de marcação na mudança de um componente da língua para outro, ao invés de uma redução global de condição marcada. Tais estruturas marcadas são obrigadas a existir em qualquer momento na história de uma língua.

Os estudiosos apontam para os dois tipos de forças que agem no contato linguístico: a interna e a externa. Assim, tais forças podem simplificar ou complicar a gramática de uma língua. Givón (1979, p. 123), diz que os falantes são propensos a recorrer a estruturas não marcadas da Gramática Universal em situações cujo contato está ligado ao estresse comunicativo, enquanto situações de contato menos marcadas, aquelas que prosseguem de forma mais gradual, não precisam.

Givón (*idem*, 124) diz que nas situações de pidgin a condição de marcação é reduzida, e situações de contato entre línguas podem resultar em aumento de elementos marcados. As categorias marcadas são reduzidas em pidgins enquanto as não-marcadas são as primeiras a serem inovadas durante o processo de crioulização. A marcação sugere que em situações de contato envolvendo a interferência deve favorecer a redução da condição marcada.

Na aquisição de segunda língua, o grau relativo de dificuldade para o aprendiz está relacionado a fatores extralinguísticos como idade. É fato que na aquisição de uma segunda língua, os adultos tendem a terem dificuldades com os padrões mais marcados, enquanto os mais novos não a tem. Estruturas marcadas da língua em aquisição podem deixar de serem adquiridas durante a aprendizagem, caso sejam os adultos que a esteja adquirindo. Por isso, estruturas não marcadas são mais propensas a surgir em grandes sociedades caracterizadas por um intenso contato linguístico, levando às línguas a simplificação dos seus sistemas linguísticos, Croft (2000 p. 192-193).

Jakobson (1978, p. 35-37), afirma que quanto maior a função socioespacial de um dialeto, mais simples será o seu sistema linguístico. Dialeto e línguas relativamente isoladas são mais propensas a desenvolverem condições marcadas e estruturas redundantes, como conjunto de fonemas complexos com um elevado número de contrastes fonológicos, complexidade alofônica e alomórfica, irregularidade morfológica e padrões de concordância complexos. Por outro lado, os casos de alto contato dialético que são caracterizadas por redes sociais relativamente abertas, são susceptíveis à produção de estruturas linguísticas não marcadas pela diminuição da irregularidade, da redundância e da complexidade.

Apesar de os empréstimos serem um aspecto do aumento da condição marcada, ela (a condição) é operativamente específica de cada empréstimo. Esta condição marcada do empréstimo coodetermina quais as formas e funções são mais susceptíveis de serem emprestadas do que outras. Quanto mais transparente e menos integrador for um elemento na língua de origem, torna-se mais provável de ser emprestado. A condição marcada é relativa ao contexto, à saliência, à frequência, à ocorrência e à distância tipológica da situação do contato, Matras & Elvik (2006, p. 26).

Croft (2000, p.198), estende a noção de condição marcada não só para os mecanismos de mudança, mas também para as formas de contextos de difusão, ou seja, padrões de realização. Ele afirma que, enquanto na mudança interna as inovações entram nos pontos menos marcados e estendem a ambientes mais acentuados, em empréstimos e outras inovações mudanças motivadas externamente se espalham de pontos marcados para menos contextos marcados.

2.5 JAKOBSON E A ABORDAGEM FONOLÓGICA DA MARCAÇÃO

O termo marcação recebeu o tratamento mais expansivo nos estudos de Roman Jakobson a partir de 1930. Ele e Trubetzkoy difundiram a ideia de correlação fonológica como uma série de oposições binárias que compartilham elementos em comum. É Jakobson que afirma que a neutralização e o estágio onde as posições marcadas não estão em estado de marcação.

É também Jakobson quem introduz a concepção de níveis de marcação propondo que a forma não marcada tanto tem uma forma geral como uma parcial. Ele descobriu uma relação entre a marcação em uma hierarquia universal de traços fonológicos: os traços marcados implicam maior dificuldade de aprendizagem e uma maior facilidade de perda por parte de pessoas com afasia. Ele ainda diz que:

O padrão do desenvolvimento fonológico universal consiste numa progressão de diferenciações cada vez mais finas entre traços distintivos, inicialmente distinção entre consoantes e vogais, formando-se, posteriormente, oposições cada vez menos universais. A dissolução da competência linguística individual, nas patologias da linguagem, é governada pela mesma regularidade: a perda do valor primário pressupõe a perda do valor secundário e é por isso que se fala da infantilidade da fala dos afásicos. A dissolução do sistema de sons nos afásicos fornece uma imagem de espelho do desenvolvimento fonológico da criança – os sons a serem adquiridos mais tardiamente são os primeiros a serem perdidos, (1941, p. 60-63).

No percurso da fonologia, Jakobson (1941, p. 84) viu a representação fonêmica como um nível sem redundância de representação que contém apenas informações distintivas. A prática descritiva da informação teórica de Jakobson

teve uma grande e importante influência sobre a notação livre da redundância na fonologia e na sintaxe gerativas.

Com base na literatura médica, Jakobson examinou a aquisição da linguagem e a afasia da fala à luz dos universais linguísticos propondo uma relação entre uma hierarquia universal dos traços fonológicos, a aquisição da linguagem na infância e a perda dela durante a afasia. A aquisição fonológica da criança e os distúrbios dos afásicos baseiam-se nas mesmas leis de solidariedade como o inventário fonológico o percurso fonológico das línguas do mundo.

Os estudos de Jakobson e de Trubetzkoy sobre a tipologia fonológica levaram Jakobson a propor que os sistemas de sons são organizados hierarquicamente e que certas oposições fonológicas fornecem o núcleo do sistema de som de todas as línguas. Estas são as oposições que definem os sons mais prototípicos — vogais e consoantes que ocorrerão em todos os idiomas: vogais cardeais /a/, /i/, /u/; consoantes plosivas /p/, /t/, /k/; e as nasais /m/, /n/. Estes sons são encontrados em praticamente todas as línguas do mundo.

Jakobson propõe novas leis implicativas entre estes sons e os sons fora do inventário básico. Dessa forma, as leis tipológicas preveem que em nenhuma língua haverá vogais nasais, a menos que haja vogais orais; nenhuma língua terá uma vogal arredondada posterior, a menos que ela também tenha uma vogal anterior fechada não arredondada; nenhuma língua terá uma vogal fechada não arredondada a menos que ela também tenha uma arredondada; nenhuma língua terá uma fricativa dental simples, sem uma fricativa dental estridente (*Idem*, 1941, p. 86).

Jakobson também observa que certos sons são muito raros nas línguas do mundo, por exemplo, as fricativas laterais e o /r/ tcheco estridente. Ele propõe que esses sons são mais afastados do núcleo; e, portanto menor nesta hierarquia.

A hierarquia de oposições fonológicas definida pela tipologia encontra-se também no desenvolvimento do sistema fonético da criança. Com base em estudos diários de aquisição da linguagem, ele confirma a hierarquia na aquisição dos padrões e os padrões mais marcados seriam adquiridos tardiamente.

Moreira da Silva (2011, p.36) elenca os critérios de marcação. No entanto, a autora chama a atenção para o fato de que eles nem sempre funcionam do modo esperado. São eles: frequência, distribuição, aquisição da língua, patologias da linguagem, história da língua, facilidade de produção e percepção, universalidade, implicação e processos fonológicos. Ela também apresenta algumas unidades e estruturas consideradas mais marcadas como podemos ver a seguir.

Quadro 1: Unidades e estruturas mais marcadas conforme levantamento de Moreira da Silva (2011)

	Segmentos e estruturas mais marcadas	Autores
1	Vogais nasais	Ferguson & Chowdbury 1960; Greenberg 1966: 14; Durand 1990: 74; Kenstowicz 1994: 63
2	Vogais longas	Zipf 1935; 1963; Greenberg 1966: 14
3	Vogais médias em comparação com as vogais altas	Kenstowicz 1994: 65
4	Consoantes aspiradas	Greenberg 1966: 14
5	Consoantes glotalizadas	Greenberg 1966: 17
6	Obstruintes [+vozeadas] por oposição às [-	Greenberg 1966: 14; 24;

	vozeadas]	Lass,1984: 155; Kenstowicz 1994: 62
7	Consoantes fricativas por oposição às oclusivas	Kenstowicz 1994: 65
8	Articulações secundárias como labialização, palatalização e velarização	Kenstowicz 1994: 65
9	A região dental / alveolar é preferida, com exceção das africadas, o que pode ser observado pelo fato de este ser o ponto de articulação usado quando, numa língua, existe apenas uma obstruente. Nas nasais, esta tendência ainda se faz notar mais, resultando na preferência por /n/.	Lass 1984: 154-156
10	Segmentos com articulações múltiplas e complexas, no geral, são mais marcados em comparação com segmentos com articulações singulares.	Kenstowicz 1994: 65
11	Quanto às líquidas, a lateral será a menos marcada, já que as línguas que possuem duas ou mais líquidas têm provavelmente uma lateral, e um contraste lateral / não lateral.	Lass 1984: 158
12	Em termos de semivogais, há uma preferência por /j/, embora a maioria das línguas possua também /w/; as outras semivogais são raras.	Lass 1984: 158
13	Sílabas acentuadas – nem todas as línguas têm sílabas acentuadas, embora estas surjam cedo na aquisição, talvez devido à sua saliência perceptiva e, no caso do inglês, devido ao fato de as palavras lexicais serem iniciadas por sílaba tônica.	Demuth 1996: 121
14	Quanto à sílaba, existe a preferência pelo formato não marcado CV.	Blevins 1995: 213;
15	De acordo com a TO, a sílaba está sujeita às	Archangeli 1997: 7; Hammond

	<p>seguintes restrições universais:</p> <p>a) As sílabas começam com consoante - Ataque</p> <p>b) As sílabas têm uma vogal - Núcleo</p> <p>c) As sílabas acabam com uma vogal - Não Coda</p> <p>d) As sílabas têm no máximo uma consoante numa margem - Complexo</p> <p>(significa que os ataques complexos e codas complexas são inaceitáveis)</p> <p>e) As sílabas são compostas por consoantes e vogais - Ataque e Núcleo</p>	1997: 36
--	--	----------

As estruturas elencadas no quadro acima são validadas interlinguisticamente. Com relação às línguas em contato, objeto deste estudo, podemos afirmar que o português apresenta menos estruturas marcadas do que o Latundê. No caso do português, as estruturas em 2, 4, 5 e 10, constantes do quadro acima, não são observadas.

Já no Latundê, além de todas as estruturas apresentadas no quadro, ainda são observadas as seguintes estruturas mais marcadas:

- estrutura silábica bastante complexa;
- inventário vocálico maior do que o consonantal;

- combinação de dois traços mais marcados em um segmento (vogais nasais e laringais) e;
- acento e tom lexicais.

Para refletirmos sobre a marcação no processo de interferência Latundê – Português, trataremos, no capítulo seguinte, de conceitos a cerca do contato linguístico.

3 CONTATO LINGUÍSTICO

*“Bilingualism is for me the fundamental problem of linguistics”
Jakobson¹⁰*

3.1 INTRODUÇÃO

A história, em grande parte, gira em torno de lendas e mitos. Um desses mitos é o surgimento das línguas do mundo. Questionamentos de como e quando elas surgiram permeiam, ainda hoje, as mentes dos filósofos e cientistas. Não diferentemente das demais áreas, a perspectiva teológica descreve a narrativa da construção da *Torre de Babel* como uma dessas tentativas de explicação no que tange à miscelânea de línguas existentes. Jakob Bohme, teólogo do século XVII, afirma em seu *De Signatura Rerum*¹¹ que *a língua divina original, raiz ou mãe de todas as línguas do mundo, é chave para um conhecimento verdadeiro e perfeito de todas as coisas. É no ato da criação que o primeiro homem, Adão, contemplando as obras do Criador de toda a natureza, nomeara todas as criaturas de acordo com suas próprias qualidades essenciais, usando a linguagem humana como meio.*

A hipótese defendida por Bohme também fora amplamente sustentada pelos filólogos e comparatistas do final do século XVIII. Sem vínculo com a teologia, estes estudiosos buscavam, através da reconstrução da árvore linguística, a protolíngua: a língua-mãe geradora das demais línguas.

¹⁰ *Apud Romaine, 1995, p.1*

¹¹ *De Signatura Rerum* (Desde o nascimento e o nome de todos os seres), 1622.

Jacob Grimm, filólogo alemão, com base nas descobertas de Rasmus Rask, aperfeiçoou o método comparatista, sobretudo o que fora denominada de “mudança de som” ou “Lei de Grimm”¹² com intuito de descrever as mudanças ocorridas na língua-mãe o *proto-indo-europeu* (PIE). A Lei de Grimm estava na base das discussões, ocorridas mais tarde, na Universidade de Leipzig, Alemanha, no conhecido grupo dos neogramáticos. Os estudiosos desse círculo questionaram os estudos de Grimm e seus compatriotas ao apontarem para o fato de que os estudos comparatistas se basearem em dados de língua escrita e não de língua falada (GABAS JR, 2008, p. 80).

Humberto Eco, em *A busca da língua perfeita*¹³, nos relata sobre os projetos de reconstrução em busca da língua sagrada. No seu livro, o autor nos mostra que a tentativa de procura de correlatos entre as línguas do mundo é interesse antigo das civilizações. Ele afirma que na Europa, no século XIX, houve 173 projetos de reconstrução linguística.

Dadas, até aqui, as investigações, é comum pensarmos que, pelo prisma teológico, o surgimento das línguas no planeta é fruto da desobediência e soberba humanas. Eco, *idem*, nos mostra que há um equívoco quanto a esta interpretação uma vez que, no capítulo XI, v. 1 do livro de Gênesis, a Bíblia

¹² A Lei de Grimm analisou, sobre o viés da fonologia, as relações que havia entre as línguas indo-europeias. As similaridades entre o alemão clássico, grego e inglês antigo eram previstas a partir de leis fonéticas: i) as consoantes oclusivas surdas (p, t, k, kw) do PIE mudaram em fricativas surdas correspondentes (f, θ, h, hw) nas línguas germânicas; ii) as consoantes oclusivas sonoras (b,d,g,gw) do PIE mudaram em oclusivas surdas correspondentes (p, t, k, kw) nas línguas germânicas; iii) as consoantes aspiradas sonoras (bh, dh, gh, gwh) do PIE mudaram em oclusivas não-aspiradas sonoras correspondentes (b,d,g,gw) nas línguas germânicas (GABAS JR, 2008, p. 78).

¹³ ECO, Humberto. *A busca da língua perfeita*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001.

discorre sobre a existência de uma única genealogia, de *uma mesma língua e de uma mesma fala*.

Diferentemente, no capítulo que antecede a narrativa de Babel, a própria Bíblia aponta para a existência de famílias linguísticas distintas, conforme Gênesis 11:

v. 5... Por estes foram repartidas as ilhas dos gentios nas suas terras, cada qual **segundo a sua língua**, segundo as suas famílias, entre as suas nações...

v.20 ... Estes são os filhos de Cão segundo as suas famílias, **segundo as suas línguas**, em suas terras, em suas nações...

v. 31... Estes são os filhos de Sem segundo as suas famílias, **segundo as suas línguas**, nas suas terras, segundo as suas nações.

Uma explicação para tal passagem se dá a partir da perspectiva dos filósofos gregos que concebiam os povos que falava de forma diferente como *bàrbaroi*, seres que balbuciavam falando de forma incompreensível. Logo, acreditavam que aqueles outros eram serem inferiores que não falavam a língua verdadeira da razão e do pensamento: o *logos*.

Tal conflito entre as línguas existentes apontam para uma política linguística que muito explica a hierarquia (status) linguística ainda hoje atuante. O status linguístico resultante das relações assimétricas entre sociedades ou subgrupos de uma sociedade decorre também das circunstâncias e condições que envolvem o contato linguístico. Esse por sua vez evolue da dinâmica própria do processo, em que ocorrem conflitos e acomodações e que pode derivar pidgins, crioulos e mudança linguística.

No reconhecimento de um universo entrelaçado, compartilhamos com o ponto de vista de Eco (2001) e assumimos a ideia de que a existência de cada língua e de sua historicidade é reveladora do entendimento do mundo:

“Cada língua constitui um determinado modelo de Universo, um sistema semiótico de compreensão do mundo, e se temos quatro mil modos diferentes de descrever o mundo, isto nos torna mais ricos. Deveríamos nos preocupar pela preservação das línguas tal como nos preocupamos com a ecologia.” (ECO, 2001, p.234)

3.2 SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO

Pouco é sabido sobre o contato entre as línguas do mundo quando diante da imensidão que é o universo linguístico com o qual nos deparamos¹⁴. A necessidade que os humanos têm de se comunicarem, a partir do momento que a interação foi estabelecida, é condição imprescindível para o contato linguístico. Trask (2004, p. 66) afirma que *poucas línguas estão - ou estiveram - suficientemente isoladas para evitar todo tipo de proximidade, e, portanto, toda língua mostra alguma prova de um contato antigo ou moderno entre línguas.*

Thurston (1987, p. 34) afirma que:

...toda língua deve ter sofrido alguma influência de seus vizinhos em um determinado ponto e tempo. Para ele, todos os idiomas são línguas mistas na medida em que todos copiaram formas lexicais e outros recursos lingüísticos de línguas vizinhas.

Embora não saibamos exatamente como se deu o contato entre as línguas do mundo, as evidências do contato podem ser observadas, de forma objetiva, através de empréstimos lexicais. O contato linguístico, entretanto, não se reduz

¹⁴ É estimado o número de sete mil línguas vivas atualmente ao redor do mundo. (<http://www.ethnologue.com/world>. Em 21 de janeiro de 2015).

apenas a itens lexicais oriundos dos empréstimos entre culturas distintas com base na dominação, na expansão do comércio, ou em qualquer circunstância que promova a necessidade de comunicação entre culturas de línguas diferentes.

O contato, a depender das línguas envolvidas, pode trazer consequências muito devastadoras. Em casos extremos, o impacto do contato pode ser avassalador, fazendo com que uma das línguas seja extinta, quer seja pelo deslocamento linguístico que seja pelo etnocídio. Nestes casos ocorre a morte de uma das línguas em contato, aspecto que discorreremos na seção sobre as consequências do contato.

No tocante aos efeitos do contato em relação aos níveis linguísticos, Trask, *Idem*, afirma que *o contato linguístico pode ir mais longe que a interferência lexical, afetando a gramática e a pronúncia.*

Concordando com o que afirma Trask, Thomason postula que embora seja senso comum que o resultado mais comum da mescla linguística seja o empréstimo de palavras, este é apenas a consequência mais comum quando se trata da intersecção linguística:

When the agents of change are fluent speakers of the receiving language, the first and redominant interference features are lexical items belonging to the nonbasic vocabulary; later, under increasingly intense contact conditions, structural features and basic vocabulary may also be transferred from one language to the other. (THOMASON, 2001, p. 36).

Não obstante, podem-se detectar exemplos de transferências em todos os aspectos linguísticos, uma vez que todos os níveis da estrutura linguística são

possíveis de serem transferidos entre idiomas mútuos, sem qualquer tipo de restrição, dadas as possibilidades de conjunturas sociais e estruturais.

Quando as línguas entram em contato, as suas gramáticas também são intercruzadas. Tal processo não é algo simples e justo. Diversos fatores externos são responsáveis por esta miscelânea que, devido a tais fatores, nem sempre é concebida de forma inocente.

Em meio a condicionantes sociolinguísticas, assumimos que as gramáticas (sendo também reflexo das relações intersocietárias) entram num "jogo" em que as peças são acomodadas de acordo com as necessidades comunicativas dos interlocutores (GILES e CUPLAND, 1991). Em meio a esse "jogo", nos importa refletir como os fenômenos que emergem do contato entre línguas podem refletir questões que envolvem a marcação e universais linguísticos.

Para Aikhenvald (2007, p.1):

As línguas podem assemelhar-se umas as outras em categorias, construções, e significados, e nas formas reais usadas para expressá-las. As categorias podem ser semelhantes porque são universais e cada língua tem alguma forma de fazer uma pergunta ou a elaboração de um comando. Ocasionalmente, duas línguas compartilham a forma por pura coincidência.

A literatura linguística atesta que a semelhança interlinguística motiva estudos tipológicos há décadas. (CROFT, 1990; COMRIE, 1989; WHALEY, 1997). Embora línguas apresentem padrões regulares de dessemelhanças, aquelas podem ser agrupadas em tipos básicos. Essa realidade induz a reflexão acerca da existência de universais linguísticos.

As línguas individuais, independentemente das semelhanças tipológicas e/ou genéticas observadas entre elas, são sujeitas a mudanças continuadas que ocorrem também devido ao contato linguístico. Para Thomason (2001, p.14) as influências e consequências do contato linguístico são descritas em três níveis: i) mudança induzida pelo contato; ii) mescla linguística extrema, o que resulta em pidgin, crioulo e línguas bilíngues; e iii) morte da língua.

A seguir, abordaremos fenômenos decorrentes do contato linguístico.

3.3 MESCLAS DE CONTATO: PIDGIN, CRIOULO, LÍNGUA FRANCA E JARGÃO

Um ponto saliente dos estudos sobre o contato linguístico é o conceito de “mescla¹⁵”. Este termo, utilizado por Tarallo e Alkimin (1987, p.7), descreve a relação entre as línguas e seus resultados. Inicialmente, eles chamam a atenção para o fato de a mescla ser interpretada como algo impuro, definhamento, deterioração. Esta "impureza linguística", historicamente, levou a sociedade a alimentar a ideia de contaminação e, obviamente, construir a discriminação linguística.

Ao pensarmos sobre o processo de simbiose que as coisas e os elementos do mundo estão sujeitos em todo o tempo, podemos ter uma ideia clara de que o processo de amálgama é próprio não apenas da natureza linguística, mas de tudo o que pode existir. Apesar disso, as mesclas, com graus, níveis e saliências variadas, nem sempre são refletidas ou percebidas pelos usuários das línguas do

¹⁵ Mescla é mistura, contato, amálgama, etc. Tarallo e Alkimin (1987, p.7).

mundo. Focalizando a natureza da mescla, o estudo das línguas, por seu turno, seja sincrônico ou diacrônico, pode evidenciar os fenômenos do contato nos diferentes níveis linguísticos.

Tarallo e Alkimin (*idem*, p.9) salientam que o dinamismo linguístico se dá nas “comunidades de fala”¹⁶. É *nelas e entre elas que se concretizam o contato linguístico, que por sua vez, produzem fenômenos de mescla ou de convivência / coexistência, mecanismo ativado pelos indivíduos que integram tais comunidades*. Esse fato se alinha à perspectiva de que uma comunidade de fala não é, em absoluto, homogênea. Nela podem coexistir processos de ordem interna e externa, assim como forças centrífugas e centrípetas (BAKHTIN, 2010).¹⁷

A dinâmica social é também pontuada por Tarallo e Alkimin (*ibidem*, p.9). Esses autores mencionam que a mescla linguística, resultante da dinâmica, pode ser intracomunidade ou intercomunidade. No primeiro caso, *as variantes convivem e/ou se entrecruzam em uma mesma comunidade de fala, em que apenas uma língua é falada*. No segundo, *línguas distintas coexistem e se misturam em uma mesma comunidade*. Como exemplo de mesclas intracomunidades podemos citar o português e suas variantes, questões geográficas, históricas e sociais. São variantes que convivem “pacificamente” em território nacional. Já para as mesclas intercomunidades tomemos o exemplo do convívio do português e demais línguas

¹⁶ Labov (1972) conceitua comunidade de fala como *grupo de falantes que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua*. Para Romaine (2000), trata-se de *um grupo de falantes que não compartilham necessariamente a mesma língua, porém compartilham um conjunto de normas e regras no uso da língua*.

¹⁷ Bakhtin aponta a luta entre classes as forças que agem de dentro para fora do sujeito ou das instituições, assim como as forças que agem fazendo o movimento oposto. É imprescindível vislumbrar o poder político que a língua tem.

(alemão, polonês e italiano) na região sul, bem como a coexistência espaço-temporal entre diferentes línguas indígenas e entre elas e a língua portuguesa.

Ao discutir a mescla linguística sob a égide do contato linguístico, Calvet, (2004, p.35), considera que há aproximadamente na Terra, cerca de 5.000 línguas e cerca de 150 países. Com base nesses números, o autor nos diz que cada país poderia ter 30 línguas. Apesar de em termos reais a distribuição das línguas não corresponder a esse cenário, o pesquisador aponta para o fato de:

... que o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade... *Idem* (2002, p. 35)

Os dados de Calvet deixam claro que, desde sempre, o contato linguístico é uma realidade da vivência do humano. Os acontecimentos históricos de guerra, expansão e colonização apontam para a mescla linguística. Diante deste contexto, vemos que o relacionamento entre as línguas do mundo é um processo fértil para a diversidade linguística. Outro aspecto de interesse decorre do fato de o contato permitir a emergência de padrões estruturais, os quais trazem luzes para a compreensão da faculdade da linguagem.

A depender do contato podemos avaliar diferentes fenômenos resultantes. A intensidade o contato linguístico pode derivar instrumentos mais ou menos elaborados de comunicação definidos como jargão, pidgin e crioulo.

Os primeiros estudiosos, ao se aterem sobre o estudo das línguas pidgins e crioulas, se utilizaram dos dados (relatos) de missionários e comerciantes que viajaram e mantiveram contato com as áreas das mesclas¹⁸.

3.3.1 Pidgin

O termo pidgin foi usado pela primeira vez em 1850 para conceituar o convívio do inglês e o chinês¹⁹. Mas, outras duas hipóteses também são colocadas quando se trata de pidgin. A segunda afirma que o termo fora transportado da América do Sul no início do século XVII pelos marinheiros e comerciantes ingleses da colônia de Leigh ao estabelecerem contato com os índios *Pidiam*. A terceira explicação é a origem a partir da palavra portuguesa *ocupação* que teria sofrido algumas mudanças fonéticas até resultar em *pidgin*, (TARALLO e ALKMIN, 1987, p.80)²⁰.

Para Couto (2001, p. 1) o pidgin é uma língua com uma redução drástica da gramática. Esta redução se dá sobre a morfologia e o léxico. *Não é língua materna de ninguém, pois entre si os povos dominados só falam suas respectivas línguas, ao passo que os dominadores nunca se dão ao trabalho de falar outra língua que não a sua própria.*

Crystal (2008, p. 201) afirma que, além do processo de redução, para o surgimento do pidgin, as comunidades de falas envolvidas neste processo

¹⁸ Tarallo e Alkmin, 1987, p. 109-114, citam Francisco Adolfo Coelho, Hugo Schuchardt e Dirk Christiaan Hesseling como os pioneiros neste campo de estudo. Este último atribui aos escravos europeus a força linguística. Foram eles (os escravos) os responsáveis pelas alterações sofridas pelas línguas maternas.

¹⁹ Neste caso, o termo *business* ao ser empregada na expressão do pidgin chinês de base inglesa, /deˈju pidzIn/, significando *that's your business*.

²⁰ Ocupação > */pa'saw/ ou /pasaŋ/

necessitam cada uma delas se aproximarem sucessivamente dos traços mais óbvios da outra língua. Trata-se de uma intersecção nem sempre consciente, mas motivada por aspectos econômicos como o comércio. Daí o grande surgimento de pidgins em áreas de intenso comércio e desenvolvimento econômico.

Dubois *et al* (1998, p. 469) discorre que o pidgin, mesmo não sendo uma língua em si mesma, é um sistema mais completo que o sabir, *pois seu vocabulário cobre numerosas atividades*. O sabir, ou língua franca²¹, por sua vez, é um sistema linguístico reduzido a algumas regras de combinação e ao vocabulário de determinado campo lexical.

Ainda de acordo com Tarallo e Alkmin (1987, p. 88):

Fontes históricas indicam que, no tempo das cruzadas, nas regiões de batalhas entre mulçumanos e cristãos, teria florescido uma língua de contato, denominada Língua Franca ou sabir. Com documentação precária, a existência dessa língua é contestada por alguns estudiosos. Originalmente usada entre árabes e europeus, essa língua teria se expandido, tendo sido usada ao longo da costa do Mediterrâneo, especialmente na África do Norte.

Em Trask (2004, p.228), o conceito de língua franca é mais explorado. Para ele, a língua franca se distingue do pidgin quando, por ventura, um dos grupos “aprende” a língua do outro. Neste caso, a gramática e o léxico de uma

²¹ Na atualidade, conforme Tarallo e Alkmin, 1987, p, 90, a expressão língua franca refere-se a *um fenômeno mais amplo: a mescla de contato para intercomunicação em situações bilíngues e plurilíngues*. Como exemplo, os autores citam a língua wolof no Senegal; do swahili, no Quênia, na Tanzânia e em Comores; do Tucano, no Nordeste da Amazônia.

sobressaem à outra. O pidgin é compreendido então como *uma colcha de retalhos que permite uma forma bastante rudimentar de comunicação*²².

Ainda de acordo com Trasky (p.229), um pidgin pode seguir caminhos distintos: i) ele pode cair em desuso; ii) ele pode continuar em uso por várias gerações e durar séculos; iii) ele pode sofrer algumas alterações e se transformar em língua materna. Neste último caso, trata-se do processo de crioulização do qual abordaremos mais à frente.

Hall, *apud* Tarallo e Alkmin (1987, p. 86), ao tratar do caráter reducionista que o pidgin apresenta, em sua estrutura e léxico, aponta algumas características que definem tais simplificações:

- Nível fonológico – o número de contrastes empregados é reduzido. As vogais representadas são, em geral, as chamadas vogais cardinais (a, e, i, o, u) enquanto os grupos consonantais são caracteristicamente evitados.
- Nível morfológico – ausência de algumas categorias flexionadas, como gênero, número e tempo verbal.
- Nível sintático – as estruturas sentenciais são simples, as sequências tendem a ser coordenadas, evitando-se as estruturas complexas e subordinação extensiva.
- Nível lexical – número reduzido de vocábulos cuja ação se norteia pela extensão de significados e por polissemias significativas.

3.3.2 Crioulo

O crioulo é um pidgin consolidado. Quando os falantes crianças oriundos dessa mescla linguística utilizam o pidgin como única língua, ou a língua que passa a ganhar mais evidência, esta se consolida como língua materna.

²² Conforme Tarallo e Alkmin (*idem*, p. 8) algumas características do pidgin são: i) seu caráter auxiliar e secundário para os dois grupos, cada um dos grupos mantém sua própria língua no convívio social do cotidiano e do habitual; ii) as línguas pidgin preenchem funções sociais limitadas, sobretudo aquelas vinculadas a atividades comerciais mercantilistas.

Para Couto (2001, p.2):

Língua crioula é um pidgin que foi adquirido como língua nativa, como preconiza a chamada teoria da nativização. De acordo com essa concepção, o crioulo é um ex-pidgin, ou seja, um pidgin que virou língua materna de uma comunidade.

Ainda para Tarallo e Alkmin (1987, p. 95), *as línguas crioulas constituem um conjunto de línguas cuja história conhecida é ligada a uma situação de contato entre populações linguísticas, cultural e etnicamente distintas. Estas são distinguidas das línguas pidgin por possuírem uma comunidade de falantes nativos e, conseqüentemente, por desempenharem funções sociais amplas como qualquer língua natural.*

Em Dubois *et all* (1998, p. 161), dá-se o nome de crioulos a *sabires, pseudo-sabires ou pidgins, que, por motivos diversos de ordem histórica ou sociocultural, se tornaram línguas maternas de toda uma comunidade.*

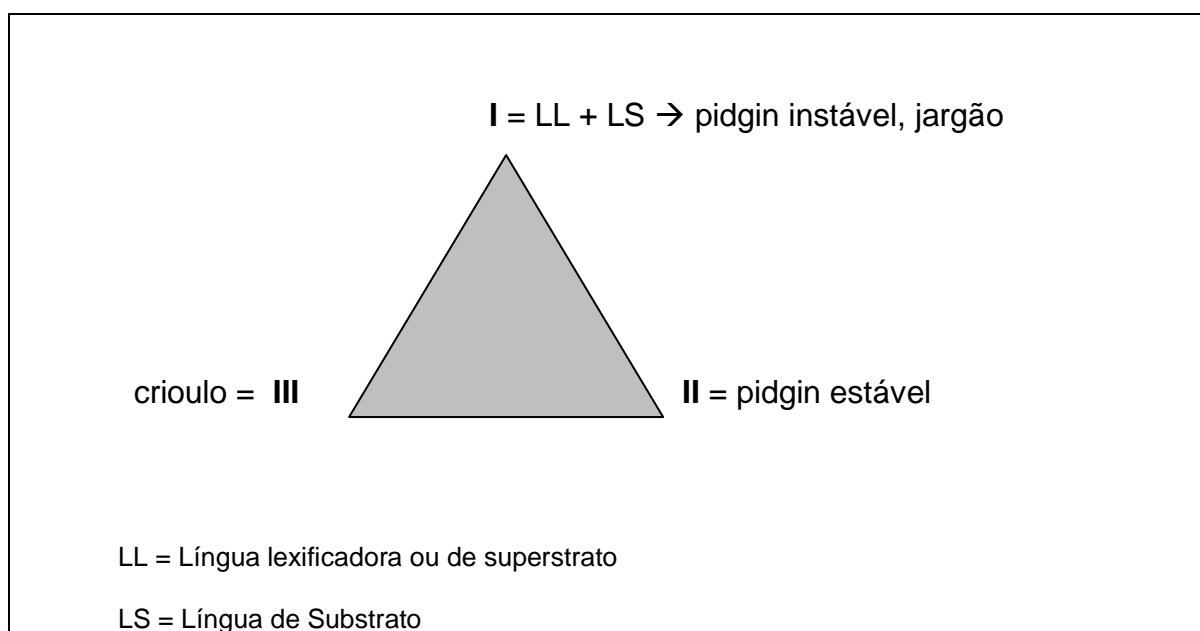
As línguas tipo pidgin, de acordo com autores como Tarallo e Alkmin (1987, p. 96), além de serem as línguas que darão origem aos crioulos (pois *todo crioulo se origina de um pidgin, embora nem todo pidgin se transforme em crioulo*), são associadas a atividades de comércio, enquanto os crioulos são marcados pela *relação de escravidão.*

Quanto ao aspecto funcional, as línguas crioulas dão conta das necessidades comunicativas totais de seus falantes nativos e usuários, uma vez que a passagem do estágio de pidgin a crioulo é marcada por uma ampliação do léxico

e de estrutura. Neste caso, para os estudiosos, os crioulos nada mais são que pidgins enriquecidos.²³

O processo de evolução de um pidgin em crioulo é descrito por Hall (1996, p. 4), em um diagrama. Nele podemos ver que, inicialmente, o pidgin é configurado a partir de um jargão, uma espécie de pidgin instável. Depois, o pidgin ganha estabilidade, se configurando como um pré-crioulo. Por fim, já estabilizado, o pidgin se transforma em crioulo.

Figura 1: Diagrama de Hall



De acordo com Hall, (idem p. 5), a evolução do jargão para o pidgin estável é chamada de pidginização. A evolução do pidgin estável para o crioulo é

²³ Valdman *apud* Tarallo e Alkimin, 1987, p. 96, cita um conjunto de traços negativos dos crioulos franceses do Haiti, de Guadalupe, Martinica, Reunião, Maurício, Seychelles e Rodrigues como: i) ausência de distinção de gênero; ii) não-obrigatoriedade de marcador de plural; iii) verbos não-flexionados; iv) relacionamento paratático no interior do sintagma nominal; v) ausência de hipotaxe; vi) construções passivas; vii) vogais arredondadas; viii) certos grupos consonantais.

denominada crioulização. A volta do crioulo para o jargão, processo também possível, é conhecido como descrioulização.

Obviamente, o crioulo é consequência natural de situações de contato. No entanto, nem todo contato linguístico gera, automaticamente, um pidgin ou um crioulo. Os contatos podem dá origem a fenômenos de mesclas diversas que podem ou não desaparecer; ou serem absorvidas pelas línguas presentes na alquimia (TARALLO e ALKMIN, 1987, p. 103).

Quanto ao processo de desenvolvimento e de formação de um pidgin e de crioulos, Hymes (1971, p. 93) afirma que:

A pidginização e a crioulização da linguagem não são processos marginais; ao contrário, são processos que ocorrem nas línguas em geral. Tais processos, de natureza bastante complexa, compreendem a ocorrência de outros subprocessos: os de mudança. A incidência desses processos ocorre, principalmente: 1) na forma interna das línguas (fala-se assim em redução ou expansão); 2) na forma externa das línguas (daí se falar em amplificação e complicação); 3) no escopo de uso (o domínio) de uma variedade linguística (fala-se assim em restrição ou extensão).

Hymes (*idem*, p. 94), ainda explica que diferentemente da posição clássica, onde um crioulo era oriundo (ou não) de um pidgin, nesta segunda proposta, a evolução de um pidgin não produz necessariamente um crioulo, mas um conjunto de variedades concorrentes, chamada de *contínuo pré-pidgin*²⁴.

²⁴ Para Hymes, o contínuo pré-pidgin poderia evoluir e gerar a cristalização de um pidgin e teria autonomia enquanto sistema de comunicação. Com base nesta assertiva, um pidgin seria o resultado de um processo que ganharia autonomia. Esse pidgin constituído poderia se transformar em crioulo. Mas, o contínuo pré-pidgin não evolui para um pidgin. Torna-se possível supor a cristalização de um crioulo sem a existência de um pidgin anterior. (TARALLO E ALKMIN, 1987, p. 105).

Na concepção final deste autor, o contexto inicial em que fora estabelecido o contínuo pré-pidgin poderia alçar três resultados aceitáveis: i) a cristalização de um pidgin; ii) a cristalização de um pidgin que se crioula; iii) a cristalização de um crioulo sem necessariamente ter sido oriundo de um pidgin anterior.

Tarallo e Alkimi (1987, p. 106) afirma que a cristalização de um crioulo é apenas uma das três possibilidades para a mescla de contato que pode ser descrita da seguinte forma: i) o crioulo pode submergir; ii) o crioulo pode se estabilizar, sem muitas variações; iii) o crioulo pode se mesclar com língua padrão oficial.

De acordo com o que vimos até aqui, podemos descrever o processo de hibridização linguística com base na mescla a partir dos seguintes estágios: i) contínuo pré-pidgin; ii) pidgin cristalizado; iii) pidgin em processo de despigginização; iv) pidgin em processo de crioulação; v) crioulo cristalizado; vi) crioulo em processo de descrioulação (contínuo pós-crioulo).

3.3.3 Língua Franca ou Sapi

O termo língua franca refere-se à língua de contato entre grupos ou membros de grupos de línguas distintas com finalidade para o comércio. Durante o Império Romano, o grego serviu como língua franca no oriente; e, no milênio seguinte, o latim no ocidente. Esta língua (o sapi) também é conhecida como língua de marinheiro. No mundo moderno, o inglês desempenha este papel ao ser considerado como língua do comércio e das ciências.

Devido à natureza colonizadora dos falantes, suas línguas serviram de língua franca em certos momentos da história. É o caso do português e do espanhol durante a expansão marítima, e do francês durante o século VII.

Trask (2004, p. 167) relata que a expressão *lingua franca* fora originadamente utilizada para as *línguas dos francos, francônio*, mas teve o sentido modificado assumindo o sentido de língua europeia ou língua cristã. Ele ainda assegura que a língua franca:

...era uma variedade de italiano, fortemente suplementada com palavras derivadas do francês, do espanhol, do grego, do árabe, e do turco, que se usava como língua do comércio no Mediterrâneo oriental, no final da Idade Média. Desde então, a denominação aplica-se a toda língua que desfruta de um amplo entre falantes de um grande número de línguas, numa dada região.

No presente, o termo é utilizado para designar uma língua estabelecida há algum tempo, tida como materna em um grupo influente, e que serve de comunicação entre os falantes de outras línguas, como por exemplo, o papel que o inglês exerce em Cingapura.

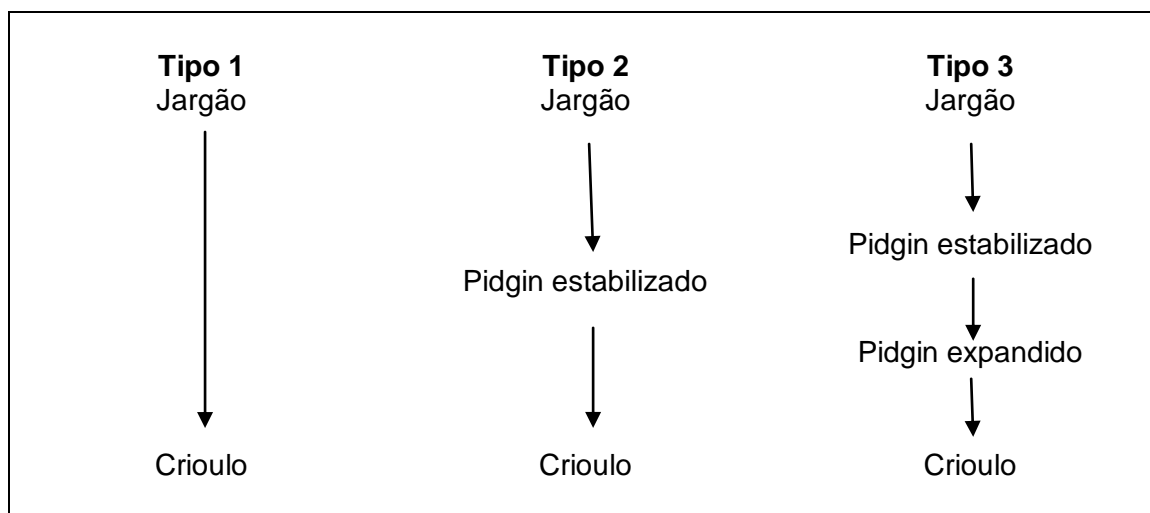
Atualmente, além do inglês, inúmeras línguas servem de língua franca para comunicação entre os povos, como por exemplo, o tupi. No entanto, um caso que merece destaque é o do esperanto, língua que vem sendo incorporada no mundo desde a década de 80 com a finalidade de ser a língua franca universal. Vale ressaltar que neste caso os interesses para que tal língua se propagasse eficientemente é diferente das línguas francas da Idade Média, uma vez que se trata de uma língua artificial criada com ideologias políticas, filosóficas e religiosas.

3.3.4 Jargão

O jargão é um pidgin instável. Sua concepção se aproxima do sabir ou língua franca. Romaine (2000, p.182) faz uso desse termo para exemplificar o processo de criação de um crioulo.

A simplificação e a instabilidade são as marcas mais salientes de um jargão. No pidgin as normas são mais estáveis, enquanto que no jargão as normas não são afixadas. Segundo esta autora, é a partir do jargão que a mescla linguística se configura.

Figura 2: Configurações da Mescla Linguística segundo Romaine (2000, p.185)



No tipo 1, o jargão deu origem diretamente a um crioulo. De forma diferente, no 2, o crioulo não se originou diretamente de um jargão. Este deu origem a um pidgin estabilizado para, posteriormente, chegar a um crioulo. No tipo 3, o jargão evoluiu se transformando em um pidgin estabilizado, depois em um pidgin expandido até chegar a um crioulo. O fato é que a origem nos três casos está em um jargão.

3.4 IMPLICAÇÕES DO CONTATO LINGUÍSTICO

Todo contato resulta em processos linguísticos que alteram e dinamizam as línguas do mundo que passam por transformações que advêm tanto da sua motivação interna, quanto da externa. No que tange às motivações externas, podemos afirmar que são os contatos os grandes responsáveis por muitas dessas transformações, podendo resultar em outros processos oriundos ou que se assentam no contato.

3.4.1. Bilinguismo

Os estudos e as correntes linguísticas, na sua maioria, têm como base línguas únicas ou comunidades monolíngues. Contudo, o bilinguismo ocorre amplamente através do mundo e permanece apresentando um leque de questionamento para a comunidade científica atual. Embora não seja de hoje o questionamento em torno do bilinguismo²⁵, só agora podemos vislumbrar o descortinar desse tema. Estudiosos do passado já reconheciam a relevância do fenômeno. Jakobson (1953), por exemplo, assumiu que “*bilingualism is for me the fundamental problem of linguistics.*”

Romaine (1995, p.6) elenca alguns questionamentos com base no que deve ser observado ao estudar o contato linguístico:

- O que é que o desempenho dos falantes diante do processo bilíngue nos diz sobre a competência de pessoas e das comunidades multilíngues?

²⁵ Do inglês *bilingualism*.

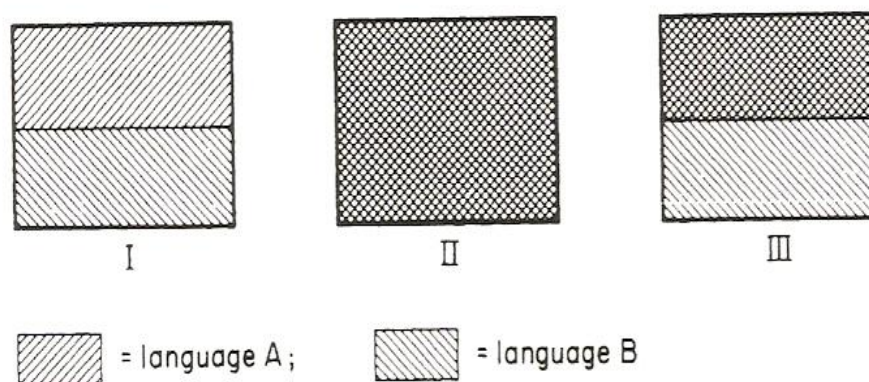
- É a troca de elementos linguísticos, por acaso, comportamento linguístico, e o câmbio linguístico aleatório?
- Isto é indicativo de fluência pobre e inabilidade em uma ou ambas as línguas, em outras palavras, o resultado de competência imperfeita?
- Ao contrário, com qual critério medimos a competência dos bilíngues?
- Pode-se distinguir entre troca, empréstimo e interferência linguística?
- São a mudança de código e o bilinguismo generalizado em uma comunidade sinais de atrito de uma língua minoritária?
- São os sistemas de idiomas, que estão disponíveis para um indivíduo bilíngue, fundidos ou separados?

Além desses questionamentos, outros de base sociofilosófica também estão inseridos nos estudos sobre o bilinguismo. Para alguns pesquisadores, muitas línguas minoritárias foram exterminadas devido à forte influência e à troca linguística. No entanto, mesmo sendo acusado por estes como um passo para o extermínio das línguas minoritárias, o bilinguismo não deve ser visto como o responsável pela extinção, pelo contrário, o estudo dele, aliado ao conhecimento metacognitivo, poderão contribuir para o salvamento de muitas dessas línguas, ainda que no plano escrito, já que na oralidade muitas não gozam do *status* de suas línguas como oficiais nas atividades sociais, sendo relegadas aos rituais de suas sociedades.

O comportamento linguístico de uma determinada sociedade não pode servir unicamente de parâmetro para outras. Assim, se algumas comunidades apresentam mais facilidade em absorver outra forma linguística, umas têm maior resistência, enquanto que outras convivem por centenas de anos lado a lado com determinadas línguas.

O bilinguismo também pode ser classificado como social ou individual. Segundo Appel e Muysken (1986), o *bilinguismo social* ocorre quando em determinada sociedade duas ou mais formas linguísticas são faladas, quando cedo, toda sociedade se torna bilíngue, mas elas podem se tornar diferentes no que se relaciona ao nível ou forma de bilinguismo, conforme figura abaixo.

Figura 3: Esquema de representação do bilinguismo social segundo Appel e Muysken (1986)²⁶



De acordo com a figura, na comunidade I, as duas línguas são faladas por dois diferentes grupos monolíngues. No entanto, um grupo reduzido de falantes bilíngues será necessário para fazer a comunicação entre os grupos. Esta forma de bilinguismo social geralmente ocorre no período colonial dos países. Pode-se tomar por exemplo o Brasil quando os portugueses aqui chegaram.

Em sociedades representadas pela forma II, todos os falantes são bilíngues. Em países como África, Índia e Brasil, existem muitas sociedades totalmente bilíngues, em que os falantes dominam as duas formas linguísticas existentes.

²⁶ *Apud* Appel e Muysken (1986), p. 2.

Na forma III, um grupo dessa comunidade é bilíngue, enquanto a outra é monolíngue, sendo este grupo, na maioria das vezes, a minoria. Pois, geralmente, o grupo bilíngue é o dominante e o outro, o dominado. Tal circunstância é típica das assimetrias comuns nas relações entre os sujeitos do contato. Situação como essa evidencia o papel da língua para uma sociedade, a qual pode ser objeto de libertação, e também de dominação.

Como dito anteriormente, estas formas de bilinguismo social não são uniformes, nem tão pouco refletem em detalhe de todas as existentes no interior das sociedades. Em muitas comunidades, a situação linguística é extremamente complexa, com mais de dois grupos e linguagens envolvidos.

Com relação aos aspectos linguísticos, o estudo do bilinguismo pode responder e explicitar os fenômenos decorrentes da situação do contato. Fenômenos no domínio do léxico ou da sintaxe podem ser muito produtivos. Entretanto, podemos considerar que é o nível da fonética/fonologia que marcadamente sofre a interferência com o contato linguístico.

No contato, duas ou mais formas linguísticas podem perdurar por anos, conforme os quadros I e III na figura 3. No entanto, alguns fenômenos linguísticos podem ocorrer paralelamente. Um embate linguístico pode surgir dentro dessas comunidades linguísticas e estas línguas podem cambiar o léxico uma da outra.

Sobre isso, Bloomfield (1961, p. 25), classifica esses empréstimos em íntimos, culturais e dialetais.

O empréstimo externo ou cultural sempre é motivado por contatos político, sociais e comerciais, inclusive militares, sempre com a dominação de um dos povos. Já os empréstimos dialetais se dão entre os contatos dentro de uma mesma língua, são as variantes regionais.

O que particularmente nos interessa - o empréstimo íntimo - ocorre quando as duas línguas passam a conviverem no mesmo campo geográfico. Dessa forma, se a língua A domina a língua B, poderão ocorrer três hipóteses: i) B desaparece e deixa um substrato em A; ii) A desaparece e deixa um superstrato em B; iii) permanecem as duas, trocando elementos, na condição de adstrato. No entanto, não devemos esquecer que as motivações pelas quais os falantes se apropriam, ou são obrigados a se apropriarem, para adquirem outra(s) língua(s) extrapolam os aspectos aqui vislumbrados.

Os exemplos dados por Romaine (1995, p. 2) demonstram como pode ocorrer o câmbio linguístico entre a língua materna e a língua adquirida posteriormente. A partir desses exemplos, a estudiosa elenca os questionamentos mais relevantes que deverão ser observados em pesquisas que tratam da análise das comunidades bilíngues.

(a) *Kio Ke six, sevem hours te school de vie spend karde ne, they are speaking English all the time.* (Panjabi / Inglês)

*Because they spend six or seven hours a day at school, they are speaking English all the time.*²⁷

(b) *Will you rubim off? Ol man will come.* (Tok Pisin / Inglês)

²⁷ "Porque eles passam seis ou sete horas por dia na escola, eles estão falando inglês o tempo todo".

*Will you rub [that off the blackboard]? The men will come.*²⁸

(c) *Sano esttá tulla tanne ettá I´m very sick.* (Finlandês / Inglês)

*Tell them to come here that I´m very sick.*²⁹

(d) *Kodomotachi liked it.* (Japonês / Inglês)

*The children liked it.*³⁰

(e) *Won o arrest a single person.* (Yoruba / Inglês)

*They did not arrest a single person.*³¹

(f) *This morning I hantar my baby tu dekat babysitter tu lah.* (Malay / Inglês)

*This morning I took my baby to the babysitter.*³²

De acordo com Aikhenvald e Dixon (2006, p. 2):

Se duas ou mais línguas estão em contato, os falantes de uma tendo conhecimento da outra, eles podem compartilhar traços linguísticos, incluindo hábitos de pronúncia. Historicamente, todo idioma deve ter sofrido certa influência de seus vizinhos. O impacto do contato é mais forte e mais fácil de ser discernido em alguns idiomas, enquanto em outros é mais fraco.

O que fora dito acima pode ser comprovado em qualquer comunidade em que a língua do colonizador fora imposta durante o ato de conquista ou de contato. Em algumas comunidades, a situação de bilinguismo é motivada por outras

²⁸ "Você esfregará [o quadro-negro de fora]? Os homens virão".

²⁹ "Chame-os aqui que eu estou muito doente".

³⁰ "As crianças gostam disso".

³¹ "Eles não prenderam uma única pessoa".

³² "Esta manhã eu ocupei meu bebê à babá".

necessidades que se fazem presente nessa sociedade. O português é a língua de contato que é utilizada por todos os membros em situações diárias e em contatos com a comunidade externa. Enquanto a língua interna é utilizada em seus rituais e é utilizada em contexto familiar que exige mais aproximação familiar entre os membros.³³

3.4.2 Diglossia

O processo de diglossia pode ser compreendido conforme Dubois et al (1998, p. 190) como: i) situação de bilinguismo; ii) situação bilíngue, na qual uma das línguas é de status sociopolítico inferior; iii) aptidão que tem um indivíduo de praticar corretamente outra língua, além da língua materna.

Embora seja entendida também como uma competência linguística em que o falante de uma determinada língua possa conhecer os níveis formal e informal de sua gramática, para este trabalho, o conceito que recorreremos é o de diglossia enquanto situação de convívio de duas ou mais línguas em uma comunidade. Trata-se, neste caso, da utilização de uma das línguas como língua oficial, enquanto a outra fica a cargo das situações de convívio. Geralmente, a língua do dominador é a língua das relações comerciais, a outra é utilizada nos rituais ou no seio das famílias (comunidade).

Devido às colonizações e à globalização, a diglossia é muito comum no mundo pós-moderno. Em países que foram colônias portuguesas, como Moçambique e

³³ Como exemplo, podemos citar o que ocorre com o Fulni-ô. Conforme COSTA1993, p. 58.

Timor Leste, por exemplo, o Português é a língua oficial, enquanto as línguas nativas são conservadas no âmbito familiar e em ciclos informais. Assim como nas comunidades mais desenvolvidas, o aprendizado de mais de uma segunda língua faz com que as comunidades se tornem plurilíngues.

Por causa desta competência linguística, em que o sujeito passa a dominar dois ou mais códigos, o conceito de diglossia fora ampliado às comunidades monolíngues. Neste caso, entende-se que o sujeito pode ser bi- ou multilíngue fora e dentro da sua própria língua³⁴.

Para Ferguson (1991, p. 5) a diglossia é:

Uma situação linguística relativamente estável em que, junto aos dialetos primários da língua (que podem incluir a variante padrão ou as normas regionais), há um dialeto muito divergente, altamente codificado (muitas vezes, bastante complexo gramaticalmente) sobrepondo-se à variedade. É o veículo de um grande e respectivo corpo de literatura escrita, tanto de período anterior ou de outra comunidade de fala; é aprendido através da educação formal, usado na escrita e na fala em contextos formais, mas não é usado em qualquer uma das seções de comunidade para conversação coloquial.

Fishman (1967 p. 8), afirma que a diglossia é gradual e variável. Para ele, o conceito de diglossia está ligado ao aspecto social, enquanto o bilinguismo ao individual. Dessa forma, a relação entre bilinguismo e diglossia na situação do contato pode se dar das seguintes formas: i) diglossia e bilinguismo atuando juntos; ii) bilinguismo sem diglossia; iii) diglossia sem bilinguismo; e iv) nem diglossia, nem bilinguismo.

³⁴ Crystal (1985, p. 82) discorre que, em geral, os sociolinguistas se referem a uma variedade alta (A) e outra baixa (B), correspondendo grosso modo a uma diferença de formalidade. A variedade alta é apreendida na escola, costuma ser usada nos locais cuja formalidade é maior. A variedade baixa é usada em outros ambientes relativamente informais.

O referido autor complementa afirmando que:

O bilinguismo sem a diglossia tende a ser transicional, tanto em termos de repertórios linguísticos de comunidade de fala como em termos das variedades de fala envolvidas *per si*. Sem separar, no entanto, as normas complementares e valores para estabelecer e manter a separação funcional das variedades de fala, aquela língua ou variedade que seja o bastante favorável para ser associada ao movimento predominante das forças sociais tende a substituir a(s) outra (s) (*idem*, p.7).

No caso dos Latundê, a diglossia se configura como um processo em que os falantes foram obrigados a aprender a língua dos brancos, utilizando-a nas atividades em contexto de contato com o não índio. No entanto, o grupo conserva a língua original nos rituais e no reduto familiar como fora explicado anteriormente.³⁵

3.4.3 Alternância de código³⁶

O processo de diglossia quando é configurado entre duas línguas distintas resulta em bilinguismo. O bilinguismo, abordado no item 2.3.1, pode ser analisado de diversos pontos de vista, mas um em especial, que será tratado neste tópico, é a alternância de código, ou *code-switching*. Trata-se de um processo linguístico inerente ao falante bilíngue desenvolvido, ou não, na língua que aprendera como segunda língua, no caso do bilíngue, ou da terceira por diante, como nos plurilíngues.

³⁵ Vale ressaltar que, atualmente, devido à incorporação da cultura do branco, os Latundê estão falando mais frequentemente o Português em diversas situações de comunicação, até mesmos nas mais informais. Isso se deve ao fato de as gerações mais novas serem menos conservadoras e resistentes ao contato.

³⁶ Tratamos também deste processo ao discorrermos sobre o bilinguismo na seção 2.3.1.

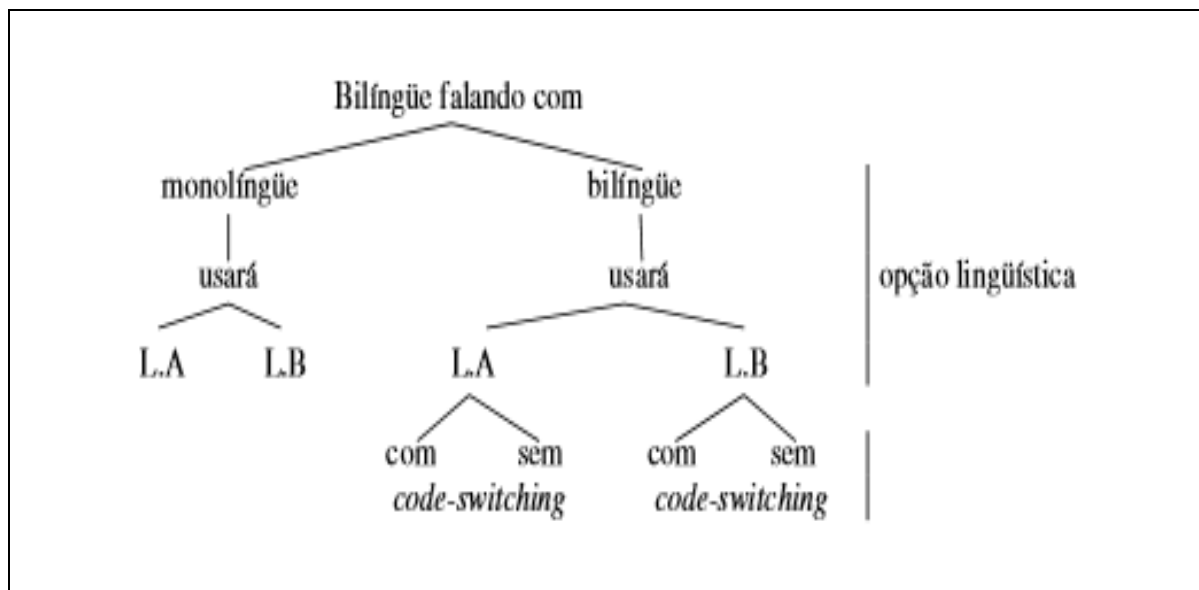
Dessa forma, o falante bilíngue, ao se comunicar com outro falante que detenha suas mesmas línguas, poderá fazer escolhas linguísticas dentro de cada código, ou alternando os códigos. Por isso, os pesquisadores dizem que o falante bilíngue apresenta um comportamento próprio em seu processo de interação que é a utilização do *code-switching*, que se caracteriza por ser uma estratégia de adequação interativa desejável e favorável do ponto de vista pragmático. Este processo constitui um processo de ativação e desativação de uma ou de outra língua.

Para Auer, (1999, p. 46):

O termo *code-switching* reserva-se para os casos em que a justaposição dos dois códigos é percebida e interpretada como um ato localmente significativo pelos participantes. Contrapõe-se, assim, ao *code-switching* também denominado *language mixing* (mistura de código ou de línguas), em que a justaposição dos códigos tem significação para os participantes em sentido mais global, sendo um padrão recorrente de comunicação.

Um falante bilíngue *decide primeiramente qual deverá ser a língua de base para ser utilizada com o outro falante que domina suas línguas também*, e a partir daí decide se fará uso, ou não, do *code-switching*, é o que afirma Grosjean (1982, p. 127) a partir do esquema abaixo.

Figura 4: Escolha de língua e code-switching conforme Grosjean (1982, p.127)



Conforme o esquema acima, o falante bilíngue apresenta competência linguística para se comunicar tanto com um falante monolíngue quanto outro bilíngue. Ao se comunicar com o falante monolíngue, o referido falante bilíngue fará a escolha de uma língua A, ou a língua B. Neste caso, não poderá fazer uso das duas. No processo comunicativo com outro falante bilíngue, ele poderá utilizar a língua A com, ou sem, alternância com a língua B. Ou utilizar a língua B com, ou sem, alternância com a língua A. O que determina tais escolhas são as vantagens e desvantagens do câmbio linguístico.

Neste trabalho, não trataremos diretamente do *code-switching* por entendermos que nos desviaríamos do objetivo basilar desta pesquisa que é o enfoque nos segmentos fonéticos. Outro aspecto seria o fato de os falantes latundê só apresentarem a alternância de código durante as narrativas percorridas nas

entrevistas quando solicitados para que narrassem os acontecimentos e lendas do seu povo.

3.4.4 Morte da língua

O contato linguístico é um processo também político cujas consequências podem ser apenas o de mixagem, ou mais intensamente a morte da língua. Muitas vezes, o contato é tão devastador que extermina as línguas minoritárias, trata-se de um verdadeiro glotocídio.³⁷

Para McMahon (1994, p. 228), a morte de uma língua:

"Envolve essencialmente uma transferência de obediência de parte de uma população a partir de uma língua que foi nativa na área, para uma língua mais recentemente introduzida na qual a população indígena tornou-se bilíngue. A nova linguagem é geralmente falada nativamente por falantes mais potentes, que podem também ser mais numerosos, e normalmente é associada pelos falantes da língua minoritária com a riqueza, prestígio e progresso, a língua minoritária é, então, efetivamente abandonada por seus falantes, tornando-se apropriada para uso em cada vez menor (e menor) contexto, até que seja inteiramente suplantada pela língua que está entrando".

Dubois et al (1998, p. 422) afirma que uma língua morta *é uma língua que deixou de ser falada, mas cujo estatuto numa comunidade sociocultura é, às vezes, desempenhar ainda um papel no ensino, nas cerimônias rituais, etc., como o latim.*

Para Trask (2004, p. 200), *a língua é considerada "moribunda", ou está prestes a morrer, quando o resultado de morte é praticamente inevitável.* Segundo o autor,

³⁷ Calcula-se que no início da colonização portuguesa existiam aqui cerca de 1200 línguas que, após anos de ocupação de território se resume a 180. Conforme Rodrigues, 2002, p.19, muitas delas estão moribundas e carecem ser catalogadas.

a cabo de uma ou duas gerações, ninguém mais será capaz de falar esta língua, pura e simplesmente. É a morte da língua que resulta do processo denominado substituição da língua.

Ao dar continuidade ao seu argumento, o referido autor assegura que a morte de uma língua é um processo gradual. Assim, exemplifica o pesquisador:

...em um dado lugar, em um determinado momento, algumas crianças ainda estão aprendendo - como sua língua materna - a língua que está morrendo, enquanto outras a estão aprendendo apenas imperfeitamente, e outras ainda não estão aprendendo de maneira nenhuma. A língua pode desaparecer por completo em certas áreas e sobreviver em outras, *Idem*, p. 201.

Ainda segundo Trask, *ibidem*, são características da morte de uma língua: i) a perda das irregularidades; ii) a queda em desuso das formas e dos esquemas de construção sentencial mais complexos ou menos frequente; iii) a substituição maciça das palavras nativas por palavras tiradas da língua de prestígio; iv) a mudança de pronúncia que se torna mais próxima da língua de prestígio; v) a perda da variação estilística que leva à sobrevivência de um único estilo invariável.

Nem sempre a morte de uma língua está diretamente ligada a aspectos linguísticos. Cristóvão-Silva (2002, p. 56) elenca três aspectos não linguísticos que contribuem para a aniquilação de uma língua. O primeiro diz respeito ao fato de o pesquisador não poder investigar o processo de morte devido à presença de uns poucos falantes da língua. O segundo trata da opressão política imposta aos falantes, que neste caso deixam de falar a língua para não serem perseguidos. E

o terceiro ocorre quando a língua é mantida apenas em rituais em que os falantes não sabem mais o teor semântico do que verbalizam.

Não diferente do aqui fora apresentado, a situação da língua Latundê é bastante delicada, uma vez que a comunidade passou por diversos transtornos que impactaram a forma como se organizavam socialmente. O número de número de falantes diminuiu; e, conseqüentemente, a língua se encontra altamente ameaçada. O português, sendo a língua dominante, de prestígio, e funcional para a relação com o mundo não indígena, ganha espaço crescente entre os Latundê. Esta é a situação não só do Latundê, mas de vários grupos indígenas.

4 COMUNIDADE DE ESTUDO: OS LATUNDÊ

*Que gente é essa que fala idioma tão diferente das línguas conhecidas,
tão diferente da língua dos seus mais próximos vizinhos;
que tem costumes tão estranhos aos que vivem perto;
que não conhece os objetos essenciais da vida dos seus companheiros de sertão?
De onde veio? Por onde passou que não deixou rastros?
Quando chegou àquelas matas onde vive há tanto tempo?
Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?
Roquete-Pinto (1975, p.121)*

4.1 INTRODUÇÃO

Discorreremos neste capítulo sobre o povo Latundê e a sua comunidade: descrição, contexto histórico, cultural e geográfico desta etnia. História do contato, conflitos internos e externos, dificuldades enfrentadas pelo grupo ao longo de sua existência, denominação, acesso, hierarquia social, padrão e constituição familiar, contatos interétnico, bilinguismo e ensino na aldeia.

4.2 A FAMÍLIA NAMBIKWÁRA^{38 39 40}

Os Nambikwára⁴¹ são conhecidos na etnologia brasileira por terem sido oficialmente contatados pelo Marechal Rodom e por terem sido estudados por Lévi-Strauss. De origem Tupi, o vocábulo Nambikwára é o resultado da fusão dos

³⁸ Os Nambikwara se auto denominam *Anunsu*. Conforme Price & Cook Jr: *The Nambikwara call themselves "á nu sú" people. This name, written "anunzê", has apereared throughout the literature but has been erroneously thought to be a band name.* (1969, p. 690)

³⁹ Os Nambikwra são famosos na etnologia brasileira por terem sido oficialmente contatados pelo Marechal Rodom e por terem sido estudados por Lévi-Strauss.

⁴⁰ Os Nambikwara não estão ligados aos troncos Tupi e Macro-Jê. Trata-se de uma família linguística isolada com características específicas que não se enquadra em nenhum desses dois grupos.

⁴¹ Lévi-Strauss (1946, p. 139) afirma que se trata de uma palavra Tupi e que deve ser escrita como Nhambikwara.

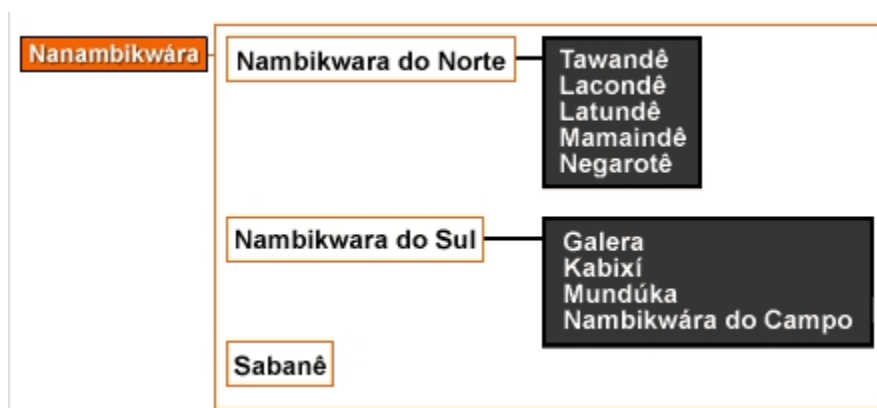
termos “*nambi*”, que significa “*orelha*”; e “*kuara*”, cujo significado é “*buraco*”. Portanto, Nambikwára⁴² é “*buraco de orelha*”.

Coforme Lévi-Strauss (1946, p. 48):

The name Nambikwra was mentioned for the first time, and only by hearsay, by Antonio Pires de Campos in the beginning of the 18th century. Since then it appeared several times with reference to an unknown tribe located on the headwaters of Tapajoz. There is a great discrepancy between the different spellings. When General Candido Mariano da Silva Rondon began to explore the land between the Tapajoz and Gi-Parana, in 1907, he met with unknown group of a unknown language, and he did not hesitate to identify them with the tribe often mentioned in the early documents. It was at that time that the name *Nhambikwara* was definitely adopted, its spelling fixed, and that it was recognized as a Tupi nickname the meaning of which is "big ears".

A família Nambikwara é dividida em dois grandes grupos além de outra remanescente conforme figura abaixo:

Figura 5: Classificação das línguas da Família Nambikwára de acordo com Rodrigues (1986, p. 134)

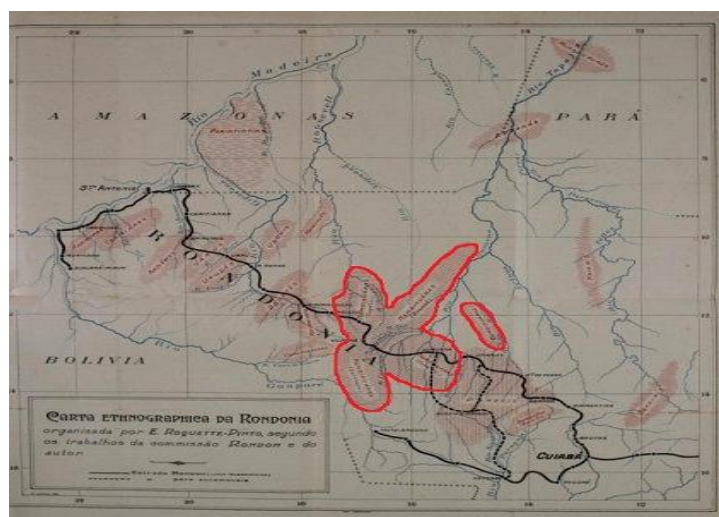


⁴²Seguimos neste trabalho a orientação da Associação de Antropologia Brasileira, que, em 1953, estabeleceu, a fim de padronizar os nomes dos povos indígenas do Brasil, com o intuito de facilitar os estudos etnográficos e Linguísticos, a nomenclatura padrão.

Conforme figura acima, o povo Latundê faz parte da família Nambikwára, que se divide em Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê. Os Latundê juntamente com os Lakondê, os Tawandê, os Mamaindê e os Negarotê, pertencem ao grupo Nambikwára do Norte. Já o Nambikwára do Sul é composto pelos povos Galera, Kabixi, Mundúka e Nambikwára do Campo, cada um correspondendo a um complexo dialetal. O Sabanê é uma língua à parte por se acreditar que não há muitas semelhanças entre as estruturas linguísticas dessa língua e as demais línguas desse grupo.

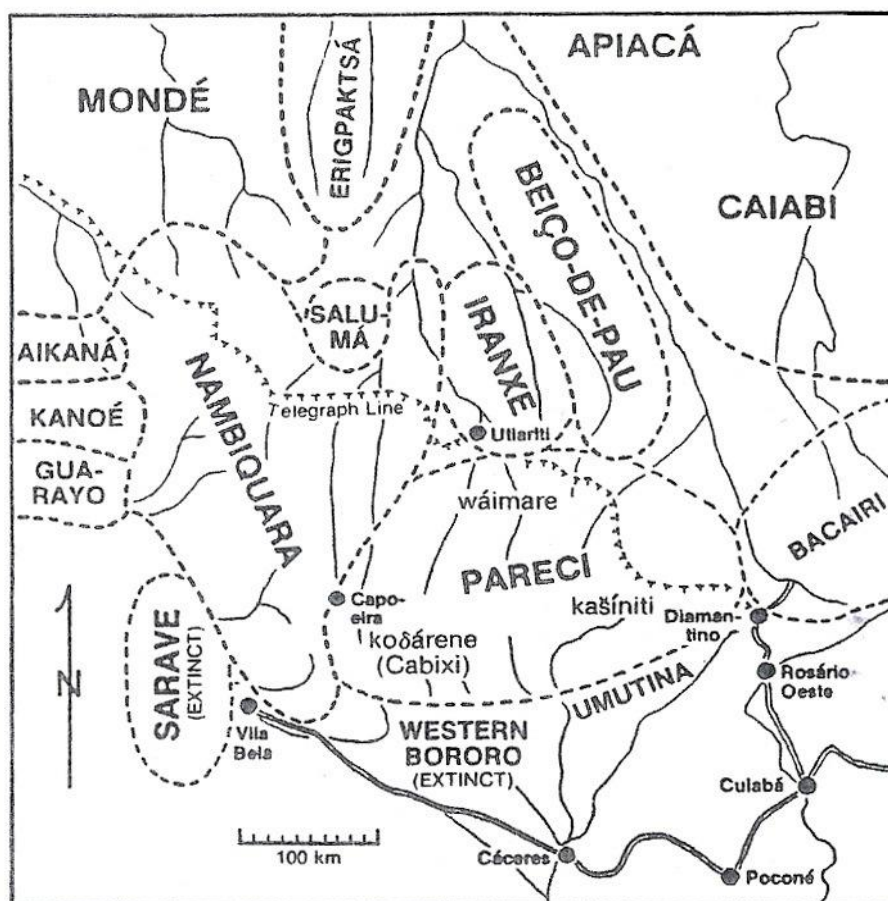
Situado na área entre os rios Juruena e Comemoração, o território consta do registro de muitos autores, Roquete-Pinto (1919), Lévi-Strauss (1946), Price e Cook (1969), Price (1977). Mas, é de Roquete-Pinto (1919) e Price (1983) a exposição mais aceita. Em ambos, os limites geográficos desses povos são relatados da seguinte forma: pelo Rio Papagaio (sul), pelo rio Gi-Paraná (norte), pelo rio Tapajós (leste), e pelo rio Guaporé (oeste).

Figura 6: Localização e área dos Nambikwára de acordo com Roquete-Pinto (1919)



De acordo com a FUNAI⁴³, os dados atuais indicam que os Nambikwára, hoje, com cerca de dois mil índios, estão distribuídos em seis Terras indígenas (TI), vivem no sudoeste do Mato Grosso e áreas próximas de Rondônia, entre a floresta amazônica e o cerrado.

Figura 7: Território Nambikwára descrito por Price (1983)



No que tange ao conhecimento desses povos, é de meados do século XVIII que obtemos os primeiros contatos com os Nambikwára. Foi Luiz Pinto de Souza Coutinho, terceiro capitão geral do Estado do Mato Grosso, o organizador de uma expedição pelas margens do Rio Guaporé com o propósito de abrir caminhos entre a capital de então Província de Mato Grosso e o Forte Bragança.

⁴³ Fundação Nacional do Índio

Os relatos históricos nos mostram que era prioridade do Governo Militar, após a Proclamação da República, em 1889, a integração de todas as terras brasileiras. Uma das ações dessa integração foi a determinação do governo em construir linhas telegráficas em terras indígenas da Amazônia com o propósito de interligar o Rio de Janeiro a Cuiabá. À frente dessa empreitada estava o Major Antonio Gomes Carneiro; e entre a comitiva o seu aluno Cândido Mariano da Silva Rondon.

É Rondon o principal agente de contato entre os índios Nambikwára e os não índios. Pois, como é sabido, dele partia o discurso de apaziguamento entre o contato, preferindo, antes de qualquer coisa, ser atingido, a atingir os silvícolas. Além da motivação de expansão para a implantação das linhas telegráficas, Rondon era conduzido por um desejo ardente de respeito e proteção aos povos daquela região.

Dessa forma, os índios Nambikwára estavam entre os indígenas que ajudaram a comissão do governo a alcançar os lugares mais hostis. Este encontro entre indígenas e brancos culminou em invasões e conflitos entre povos, além das doenças que foram trazidas pelos não indígenas; por isso, a extinção de várias tribos e povos, além do prejuízo linguístico resultante da aculturação dos indígenas frente à presença do não índio, uma vez que para que ocorresse o processo de interação, os indígenas se viram obrigados a aprender o português.

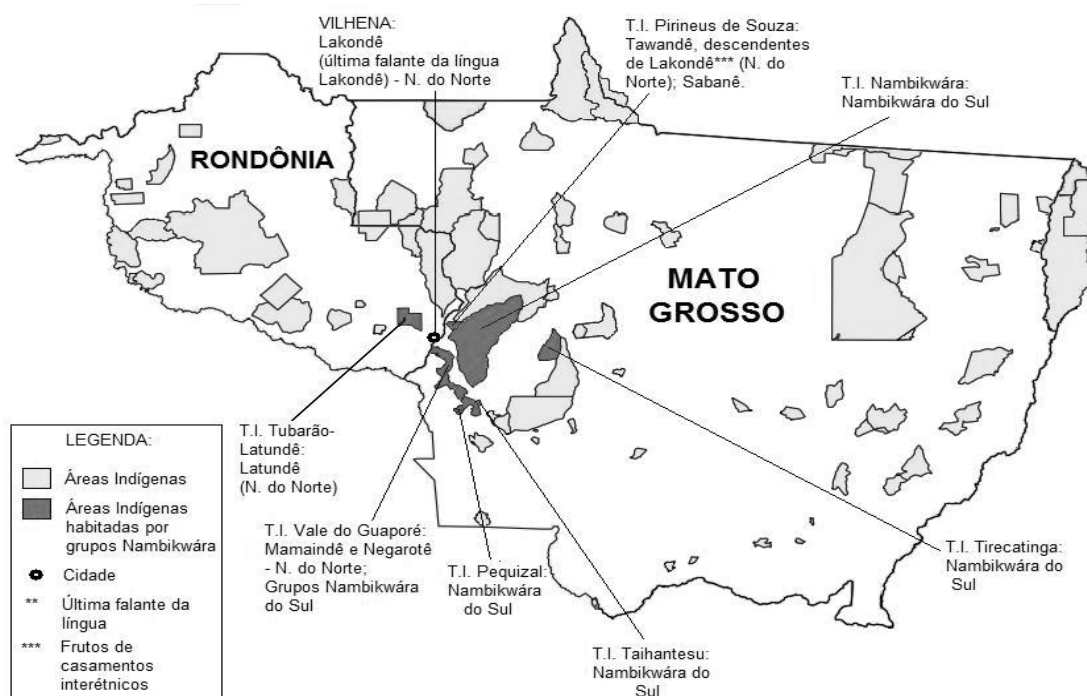
O contato entre os grupos Nambikwára não se deu de forma pacífica. Os Nambikwára do Norte não foram receptivos e os planos dos governos foram frustrados. De forma diferente, o contato com os Nambikwára do Sul se deu de

forma mais intensa. Mesmo após os constantes conflitos, o contato perdurou por mais tempo que com os do Norte, acarretando mudanças culturais, de costumes e da língua.

Telles (2002, p. 10) afirma que:

Do grupo linguístico do Norte, hoje restam apenas remanescentes de cinco etnias: Tawandê, Lakondê, Mamaindê, Negarotê e Latundê. Destes, os três últimos permanecem em áreas próximas de seus territórios tradicionais e se preservam enquanto grupos relativamente autônomos. Estes povos não habitavam tradicionalmente a região norte do território Nambikwára; e esse fato pode ter favorecido a sua independência grupal ao longo do percurso histórico.

Figura 8: Localização atual dos Nambikwára



Como consequência do contato, no final do século XX, a população desses povos foi reduzida a mais ou menos 650, sendo 50 deles crianças. Price (1985, p. 312)

chama a atenção para o processo de aculturação, pois para as crianças “*seria mais confortável falar português que a língua dos seus pais*”.⁴⁴

Ainda com relação à classificação linguística, alguns estudiosos utilizam classificações diferentes para organizar os povos Nambikwára. A divisão clássica de Lévi-Strauss (1948) distribui os Nambikwára de acordo com a aproximação linguística que há entre eles. Para ele há três grupos principais que se subdividem formando cinco unidades constituídas por vários dialetos de uma mesma língua.

Price e Cook (1969), em trabalho posterior, sugerem outra classificação para a família Nambikwára. Para eles há dois grandes grupos: os Sabanê e os Nambikwára. Entretanto, embora o Sabanê não seja compreensível para os outros grupos linguísticos, por razões estruturais, Price (1972), com base num estudo comparativo, considera o Sabanê como integrante da família linguística Nambikwára. Para uma visualização das propostas de Lévi-Strauss e de Price e Cook, apresentamos as respectivas classificações nas tabelas a seguir.

Quadro 2: Classificação dos Nambikwára segundo Lévi-Strauss (1948)

Grupo a		Grupo b		Grupo c
Subgrupo a1	Subgrupo a2	Subgrupo b1	Subgrupo b2	
Oakléto Halótesu Kiaáru Kuritsu	Soálesu Kodáteli Munúkoti	Nikedétosu Tarúnde Maimãnde	Toãnde Iólola Nasélate Lakõnde Sováinte	Sabáne

⁴⁴ “...fifty were children who are probably more comfortable speaking Portuguese than the languages of their parents.”

			Naváite Taiate	
--	--	--	-------------------	--

Quadro 3: Classificação dos Nambikwára segundo Price e Cook (1969)

Nambikwára				Sabanê
Do Norte	Do Sul			
Latundê	Vale do Jurema	Vale do Guaporé	Vale do Sararé	
Lakundê	Halotésu Kithaulhu Sawentésu Wakalitesu Wasusu	Saráré	Alântesu Waikisu Hahãtesu	
Tawandê				
Mamaindê				
Negarotê				

Lévi-Strass não aponta os Latundê como pertencente ao grupo Nambikwára devido ao não contato com este povo que só fora inicialmente descobertos (contatados) em 1975 pelos Aikaná, conforme veremos a seguir.

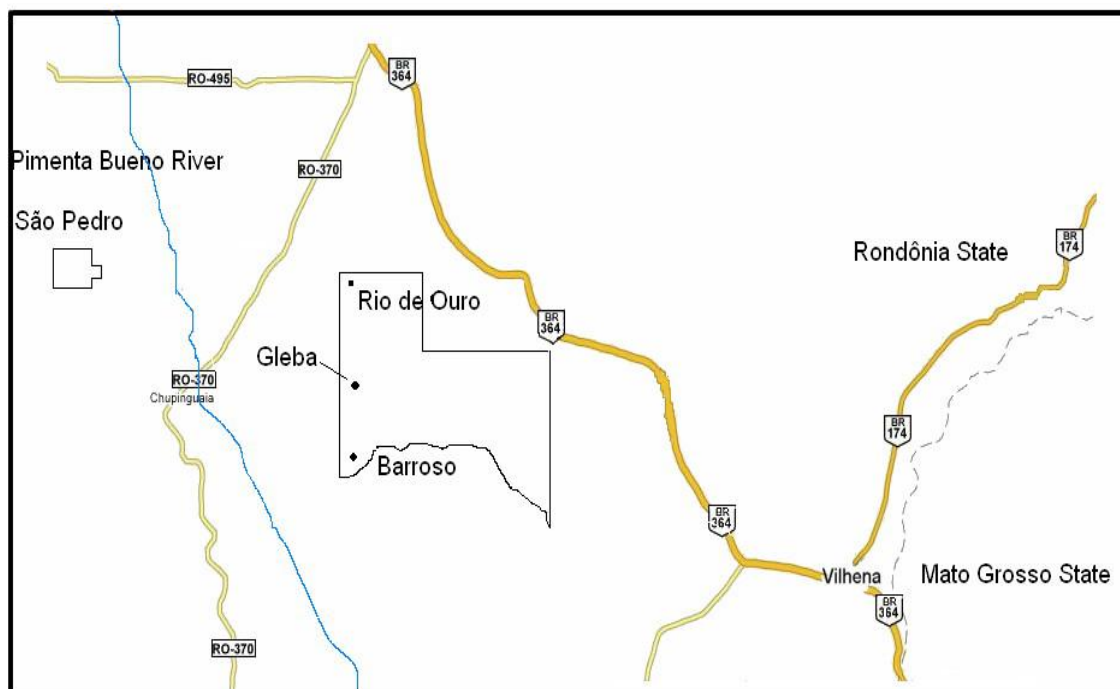
4.3 OS LATUNDÊ

O povo Latundê, pertencente ao Nambikwára do Norte, habita uma área de 116.613.671 hec. no município de Chupinguaia, na região sudoeste do estado de Rondônia. Com eles, convivem outros dois grupos que não possuem nenhum

grau de parentesco linguístico. São os Aikaná e os Kwazá, que fazem parte da Terra Indígena (TI) Tubarão-Latundê⁴⁵.

No mapa abaixo pode-se observar a localização da TI Tubarão-Latundê, que se situa entre a RO 370 e a BR 364.

Figura 9: Localização da TI Tubarão-Latundê⁴⁶



A reserva está localizada a oeste do município de Vilhena. Nela há três vilas, Rio do Ouro, Barroso e Gleba (também conhecida como Tubarão). Gleba é a que contém a maior população mista. De fácil acesso, pode ser adentrada pela cidade de Chupinguaia, que fica a 19 km da TI. Rio do Ouro possui uma população exclusivamente Aikanã e está a 20 km da Gleba. Barroso contém a menor população e corresponde a uma área de ocupação esparsa em que se distribuem

⁴⁵ Conforme Anonby, the Tubarão-Latundê Indian Reserve is inhabited by people from several tribes; the tree main linguistically-unrelated, Aikanã (also known as Tubarão), Kwazá and Latundê, 2009, p.3.

⁴⁶ Inicialmente estes povos ocupavam uma área de ricas florestas no oeste do rio Pimenta Bueno, próximo a uma pequena vila denominada de São Pedro.

remanescentes Kwazá, Aikaná e Latundê. A média de distância do Barroso para a Gleba é de aproximadamente 25 km. O acesso se dá por uma estrada parcialmente carroçável, de difícil locomoção.

Com relação à população de cada povo, Anomby (2009, p.5) afirma que o quantitativo total de pessoas é de 219 índios. Deles, 175 são Aikanã; 25 são Kwazá e 19 são Latundê. Há ainda 189 índios distribuídos por outras localidades fora da TI. ⁴⁷

Quadro 4: Distribuição dos povos pertencentes a TI Tubarão-Latundê

TI	Rio do Ouro	67
	Gleba	48
	Barroso	34
Outras localidades	São Pedro	18
	Vilhena	15
	Chupinguaia	7
	Total	189

Durante muitos anos, os Latundê, os Kwazá e os Aikanã viveram em contato com grupos vizinhos, como os Kanoê, Mekens / Sakirap, Tuparí, Salamã, entre outros povos que têm sido acolhidos pela população local da TI. Mesmo com diferentes línguas, eles se relacionavam com festivais e casamentos intergrupais. A cultura desses povos tornou-se muito similar devido ao contato intenso entre eles. De acordo com Anomby (2009, p. 6), *os traços mais comuns entre este povos incluem cestas de fibra de "marico", casas em forma de colmeia para*

⁴⁷ Em conversa com os professores desses povos, Anomby, *Idem*, não afirma os motivos pelos quais tais índios estão afastados dos demais.

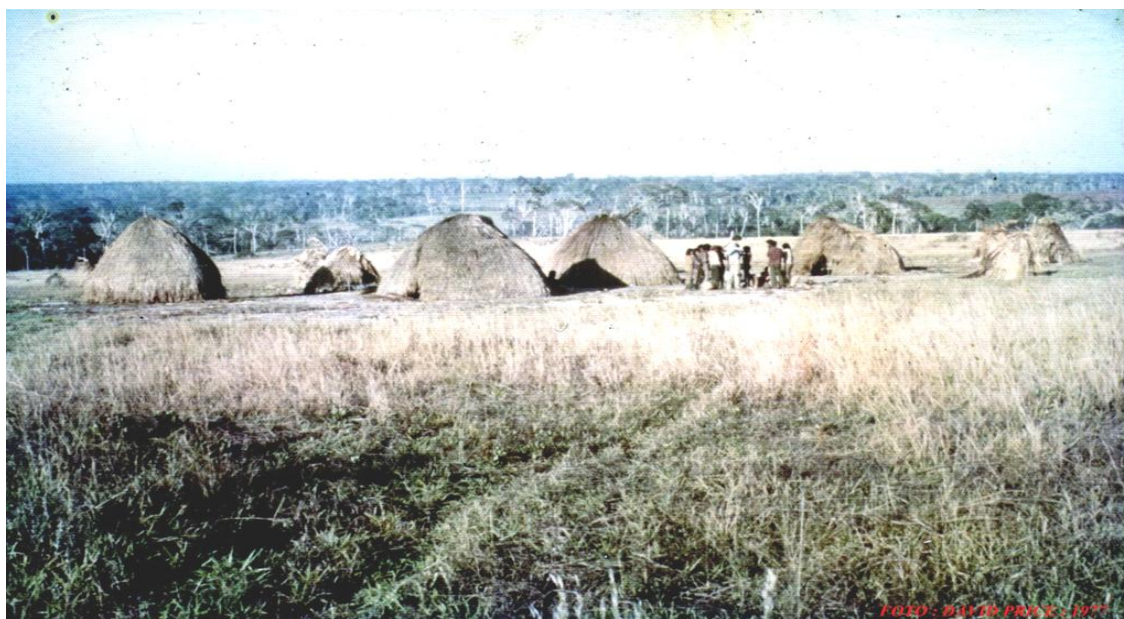
aproximadamente dez famílias, bebida de milho fermentado, canibalismo e divisão de clãs.

Quanto ao contato, sabe-se que foram os índios Aikaná os primeiros a contatarem com os Latundê. Price (1977, p. 72 - 73) descreve que o então Capataz Rural Jorge Falcão fora informalmente designado encarregado da operação de contato. No ano de 1976, acompanhado por cinco índios Aikaná e um serigueiro, após cinco dias de intensa caminhada, ocorreu o encontro com os Latundê. Neste primeiro momento, o desconhecido povo tremia de medo, mas se posicionaram, ainda que fragilmente, na linha de defesa. Após dormirem no campo, o capataz e demais membros da excursão conseguiram, no outro dia, um contato comprovado por poucas fotografias com o povo Latundê. Jorge descreveu que tais índios não conseguiram se comunicar com os Aikaná e que eram em número de 10 homens e 8 crianças, afora poucas crianças que afirma não tê-las visto.

A FUNAI, em 1977, com a ajuda do Capataz Rural realizou uma nova excursão aos índios Latundê. Desta vez, além de Jorge, juntos a ele estavam presentes David Price e dois índios Nambikwara do Norte (Lakondê) que conseguiram identificar os Latundê como também pertencentes à etnia Nambikwara do Norte. Foram mensurados como uma aldeia composta por oito casas e dezenove habitantes.⁴⁸

⁴⁸ Para uma descrição mais detalhada ver Telles, 2002, p.17.

Figura 10 : Primeiros contatos com os Latundê (Foto: Price, 1977)



Em 1999 o povo era composto por vinte pessoas. Entre 1999 e 2000 a grupo ficou ainda menor com a saída de três dos membros: Fátima (irmã de Terezinha⁴⁹), Batatá (a anciã do grupo); e João (irmão solteiro de Terezinha). As crianças e os jovens do grupo são, na sua maioria, parentes consanguíneos. De acordo com as relações de parentesco, os mais novos não poderão coabitar entre si, o que implica a não autonomia e a não perpetuação do grupo Latundê.

⁴⁹ Trata-se de a informante deste projeto de pesquisa.

Quadro 5: Núcleos familiares de acordo com a habitação em 1999⁵⁰

	<i>Pais</i>	<i>Filhos</i>	<i>Agregados</i>
Casa 1	Mané Torto (60) Terezinha (45)	Luiz (22) Antônio (20) Lorena (12) Catarino (10) Justino (8) Jaelson (4)	João (26) Francisco (25) Irmãos de Terezinha
	Mané Torto (60) Fátima (30)	Maria (13)	
Casa 2	José (40) Lurdes (40)	Jair (13) Dido (11) Lourival (3) Lorimar (6 meses)	Cinzeiro (50) Irmão de Lurdes
Casa 3	Batatá (65)		

Dados atuais⁵¹ noticiam que o grupo se enfraqueceu politicamente. Tereza mudou-se para uma aldeia de outro grupo Nambikwára do Norte e Maria e Lorena foram morar na Gleba.

No que concerne às atividades econômicas, a extração de borracha foi a grande atividade econômica na década de 30 do século passado, no sul de Rondônia. Durante o apogeu dessa atividade, os Aikanã e os Kwazá trabalharam para barões da borracha em troca de café, açúcar e armas de fogo. Conseqüentemente, após aprenderem as estratégias de negociação, na década de 70, os próprios índios, agora independentes, passaram a vender a sua própria borracha nas cidades vizinhas (Van der Voort , 1998).

⁵⁰ Telles 2002, p. 19.

⁵¹ Informação proveniente de comunicação pessoal com Stella Telles, janeiro de 2015.

A comercialização da borracha também fora um pano de fundo para o processo de bilinguismo ocorrente entre os povos dessa região. O português se tornara uma espécie de língua franca utilizada para a comercialização do produto no exterior e na interação com os seringalistas. Contudo, as línguas indígenas permaneciam sendo usadas mais provavelmente na retirada e no processamento da borracha nas reservas.⁵²

A economia na aldeia, diferentemente do que fora no passado, representa a atual situação dos índios. Há pouca lavoura de subsistência⁵³, o que faz com que a produção de comida seja escassa. Os integrantes da aldeia, quando precisam de provimentos compram sua comida na cidade ou recebem-na dos parentes que vivem em Rio do Ouro.

Ainda de acordo com Anomby (2009, p.7):

As principais fontes de dinheiro em ambas as aldeias, como a maioria das aldeias no Brasil, são as remessas de aposentadoria para os idosos e da venda de artesanato indígena, além da venda de madeira e os pequenos serviços prestados aos demais moradores e visitantes.

No que diz respeito à religião, atualmente, a presença do protestantismo é muito forte na TI Tubarão-Latundê. Missionários UNIEDAS⁵⁴ (índios da tribo Terena) começaram a trabalhar na área em 1980 e, como resultado, a maioria das pessoas que vivem na reserva índios Tubarão-Latundê hoje se consideram

⁵² Neste contexto histórico pode-se perceber claramente a hierarquização linguística no que tange à utilização da língua materna. Para os índios, já ocorria o processo de contato oriundo do dominador. Mesmo reconhecendo a necessidade advinda da dependência econômica, os índios relutavam em manter a língua mãe no interior da aldeia, ou seja, no seio familiar.

⁵³ Devido à cultura errônea da terra e a constante presença das aposentadorias concedidas aos idosos e inválidos, a rotina desses povos está sendo fortemente alterada.

⁵⁴ União das Igrejas Evangélicas da América do Sul, criada por missionários americanos em 1912, que é atualmente conduzida por liderança indígena.

protestantes. Os Terenas ministram suas pregações exclusivamente em Português.

Uma outra família missionária protestante, pertencente à missão ALEM⁵⁵, vivem na aldeia Rio do Ouro, onde o marido, Warrisson, é um professor e sua esposa, Ana, é uma líder de igreja. Eles trabalham na reserva há doze anos e só falam Português.

Anomby (2009, p.8) relata o fato de os índios, ainda hoje, rejeitarem os esforços dos missionários da ALEM para usar o Aikanã na igreja:

Quando Ana veio pela primeira vez a Gleba 12 anos atrás, as pessoas disse-lhe que queria igreja em Português e não em Aikanã. Eles, especificamente, disse-nos: " *Nós não quer um linguista. Queremos alguém que vai fazer igreja em Português.*" Ana compôs algumas canções em Aikanã, mas quando ela cantou para os índios, eles disseram que soava feio. Ana pediu que as pessoas orassem em Aikanã, mas eles sempre recusam. Em um culto que participou no Rio do Ouro, Ana escolheu cinco pessoas aleatoriamente para ler partes do Bíblia. Todos foram fluentes. Ana disse-nos que, até hoje, os índios nunca pediu nada em Aikanã - eles parecem sentir que igreja deve ser em Português.

Os Latundê, em particular, não se converteram ao protestantismo. Localizados mais remotamente, o difícil acesso às igrejas existentes da Gleba e no Rio do Ouro não favoreceu ao longo de anos, a frequência do Latundê nos cultos.

A educação escolar também tem situação similar entre os Latundê. Nunca houve escola no Barroso, nas proximidades das casas dos Latundê. Dessa forma, apenas com a ida mais sistemática dos mais jovens Latundê para as aldeias Aikaná - sobretudo a partir do ano de 2000 - é que as crianças Latundê passaram

⁵⁵ Associação Linguística Evangélica Missionária é uma organização missionária fundada em 1982 sob a inspiração da *Wycliffe Bible Translators*.

a frequentar escola. Sobre isso, Anomby, *Idem*, nos relata que é ensinado até quarta série em todas as aldeias e a maioria dos Aikanã e Kwazá são alfabetizados em Português. Em Rio do Ouro, há dois professores, um brasileiro que leciona em Português, e um professor bilíngue que explica os assuntos em Aikanã. Três moradores estão terminando o ensino médio, dois da Gleba, e um do Rio do Ouro. A língua Latundê não é objeto de conteúdo escolar.

Com relação à situação linguística dos Latundê⁵⁶, sabe-se que, com exceção de Mané Torto que é falante nativo de uma língua Nabikwára do Norte muito próxima do Latundê, o número de falantes do Latundê é de dezenove pessoas. O grupo, excetuando a Batatá, que não fala português, apresenta bilinguismo em Latundê / Português. O bilinguismo resultante do contato, que se deu em 1976, se firmou com o contato crescente com os Aikaná, com quem se comunicam em português. A complexidade linguística que se instaurou entre os Latundê pode ser observada na tabela seguinte.

Quadro 6 : Situação sociolinguística dos Latundê (dados de 1999)

Membros	Situação Social	Situação Linguística
Mané Torto (60)	Líder interno da tribo	Não Latundê
Cinzeiro (50) Batatá (65)	Membros mais velhos da tribo	São monolíngues em Latundê
Lurdes (40)	Matriarca da casa 2	Apresenta distúrbio de fala. É considerada uma falante ruim pela própria tribo. Fala um <i>pidgin</i> com seus filhos.
José (40)	Patriarca da casa 2	Fala um português pouco claro.

⁵⁶ Anomby (2009, p. 5) chama a atenção para o fato de os povos presentes na TI Tubarão-Latundê não serem estudados extensivamente ainda. Dos estudos realizados podem-se citar as pesquisas realizadas no âmbito antropológico e no linguístico: Lévi-Strauss (1930), Lieutenabt Zack (1942), Melatti e Price (1970), Carlson (1984), Vasconcelos (1993,1996) Van der Voort (1995,1998) e Telles (2002)

Jair (13) Dido (11)	Filhos mais velhos da casa 2	Devido ao desempenho dos pais, apresentam problemas de comunicação em ambas as línguas.
Lourival (3) Lorimar (6 meses)	Filhos mais novos da casa 2	Estão em processo de aquisição da linguagem.
Terezinha (45)	Matriarca da casa 1, uma das mulheres de Mané Torto	Apresenta boa competência comunicativa. Apesar de ser considerada bilíngue, apresenta problemas com relação à compreensão do Português.
João (26) Francisco (25)	Irmãos de Terezinha	Falam Português sem muita fluência.
Fátima (30)	Irmã de Terezinha	Apresenta nível de compreensão muito inferior ao da sua fala.
Luiz (22) Antônio (20) Lorena (12) Catarino (10) Justino (8) Jaelson (4)	Filhos de Terezinha e Mané Torto	Falam um bom Português
Maria (13)		Também fala um bom Português

Entre 1995 e 2000, Telles (comunicação pessoal em novembro de 2014) verificou que o aprendizado do Latundê na comunidade é mais tardio do que o Português, mesmo sendo as crianças, desde o nascimento, expostas e estimuladas às duas línguas simultaneamente. Na avaliação subjetiva dos indígenas, o Latundê é uma língua mais difícil, sendo essa a razão de as crianças apresentarem melhor desempenho no Português. Só em torno dos dez anos começam a utilizar com fluência o Latundê, embora apresentem conhecimento passivo da língua desde a primeira infância, quando atendem com pertinência aos comandos em Latundê. Outro fator que pode responder ao fato de a produção linguística ocorrer

primeiramente em Português deve ser o prestígio social que essa língua alcança entre comunidades minoritárias⁵⁷.

Essa situação, decorrente do contato linguístico, se dá devido à mescla linguística presente na TI e às necessidades de os indígenas se ausentarem das terras da TI. Os povos que vivem em Rio do Ouro viajam a cidade pelo menos uma vez por mês para fazer compras ou ir buscar assistência médica. Os da Gleba se deslocam para a cidade todos os dias, quando precisam ir para a sede do município de Chupinguaia. Dependendo da necessidade, eles ficam hospedados na casa de alguém conhecido, ou na "Casa do Índio", uma espécie de guarita para os índios. A Casa do Índio mais próxima da TI se localiza em Vilhena.

Ainda quanto ao contato linguístico, estudos mostram que os índios do sul de Rondônia têm o hábito de casar-se com índios de tribos amigas. Isto pode ser comprovado com a presença de palavras no léxico das línguas em que foram coadunadas.

Conforme dados mais recentes, na Gleba, cerca de cinquenta por cento dos casamentos são mistos; com índios de outras etnias ou com não índios. Embora haja certa rivalidade entre os povos da Gleba e os do Rio dos Ouros, o número de casamentos entre os índios dessas duas aldeias são muito frequentes.

Quanto aos índios Latundê, Anomby (2009, p. 9) discorre que:

Os índios da aldeia de Latundê Barroso têm o menor prestígio e são um pouco culturalmente e economicamente subjugados pelo Aikanã e Kwazá. Devido às pequenas populações de Kwazá e Latundê, é quase impossível para eles para se casar dentro de

⁵⁷ Discorreremos com mais detalhes sobre o processo de bilinguismo no povo Latundê no trabalho proposto a ser desenvolvido.

sua tribo. Assim, a sobrevivência das línguas, e até mesmo o povo como um grupo distinto, é muito tênue.

Devido às constantes necessidades de cuidado desses povos, a OSCIP Creatio⁵⁸ realizou estudos sobre os impactos sócio-antropológicos-ambientais na TI Tubarão-Latundê, já que toda região está sobre a influência da PCH⁵⁹ Cascata, que está sendo construída no Rio Pimenta Bueno. Tais estudos visam objetivar informações que subsidiem a descrição dos possíveis impactos oriundos da PCH sobre esta TI.

Figura 11: Índios Latundê na TI Tubarão-Latundê



Outro ponto que deve ser levado em conta ao considerar falantes bilíngues e monolíngues é que eles não podem ser nitidamente diferenciados. A avaliação do grau de bilinguismo é complexa, dado que a sua medida é escalar, ou seja, o

⁵⁸ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

⁵⁹ Pequena Central Hidrelétrica

conhecimento de outra língua é uma questão de grau, que vai desde 0 até a “perfeição”. (Van Coetsem, 1988, p. 9).

5 INTERFERÊNCIA FONÉTICO-FONOLÓGICA DO LATUNDÊ NO PORTUGUÊS

“O contato linguístico é apenas um aspecto do contato cultural, e a interferência linguística é uma face da difusão lexical e aculturação”.

Weinreich (1953, p. 5)

5.1 INTRODUÇÃO

Para Thomason (2001, p. 5), *o contato entre línguas está em toda a parte, muitos países têm mais do que uma língua oficial e, muito provavelmente, a maior parte da população mundial fala duas ou mais línguas.* Posto dessa maneira, compreende-se que são muitos os estudos que abordam, sob formas, áreas, concepções diversas e interdisciplinares o contato linguístico. No que concerne à linguística, estes estudos são de igual abundância. De acordo com Weinreich (1953), *grande ou pequena, as diferenças e similaridades entre as línguas em contato podem ser exhaustivamente estabelecidas em muitos domínios* Todavia, quando se trata da investigação do contato sob a égide da fonologia e da fonética, o número destes estudos diminui consideravelmente. Tal constatação corrobora com a necessidade de estudos linguísticos que tratem dos aspectos fonéticos quando observados no contato entre línguas. .

Por se tratar de uma sessão importante para as elucidações dos processos ocorridos no Português falado pelos Latundê a serem discorridos no Capítulo VI, descrevemos neta seção os segmentos das línguas em análise e quais são mais suscetíveis à influência do contato linguístico. Devido à escassez de pesquisas

fonéticas / fonológicas na área, especificamente no Latundê e no Português Brasileiro, serão utilizadas como cabedal para esta análise as pesquisas de TELLES (2002); e para a investigação do inventário do sistema fonológico do Português, a de BISOL (1996) e de SILVA (2002).

Dada a profundidade investigativa da natureza do contato, cabe-nos ressaltar aqui que o presente estudo não se encarregará de tratar de todas as suas nuances, visto que seu objeto está delimitado quanto aos processos fonéticos resultantes de tal contato.

Quanto ao aporte teórico, serão citados os trabalhos de WEINREICH (1953), pioneiro a tratar das questões de interferência fonéticas oriundas do contato entre línguas, VAN COETSEM (1988) e MATRAS (2009), para elucidar os processos ocorrentes no contato em questão.

5.2 INTERFERÊNCIA, FUSÃO, COEXISTÊNCIA E TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA

Um dos precursores dos estudos sobre contatos linguísticos, Uriel Weinreich, descreve em seu livro *Language in Contact (1953)* os mecanismos fonéticos que regem a intersecção existente no contato.

No que concerne aos aspectos extralinguísticos que regem os efeitos do contato sobre a fala de determinado componente social, Weinreich chama a atenção para os fatores que estão além das diferenças estruturais, bem como das inadequações lexicais da língua. Segundo ele, esses fatores não estruturais são inerentes aos falantes que estão expostos à situação do contato, por exemplo:

- a) A facilidade de o falante se expressar verbalmente e sua debilidade de lidar com as duas línguas separadamente;
- b) Proficiência relativa em cada língua;
- c) Especialização no uso de cada língua por tópicos e interlocutores;
- d) Forma de aprendizado em cada língua;
- e) Atitudes para cada língua, se idiossincrático ou estereotipado;
- f) A dimensão do grupo bilíngue e sua homogeneidade sociocultural ou diferenciação; colapso entre subgrupos usando uma ou outra língua como sua língua-mãe; fatos demográficos sociais e as relações políticas entre esses subgrupos;
- g) Prevalência individuais de bilinguismo com dadas características de comportamento de fala em subgrupos em geral;
- h) Atitudes estereotipadas em relação a cada língua (prestígio); *status* indígena ou imigrante da língua em xeque;
- i) Atitudes em relação à cultura de cada comunidade linguística;
- j) Atitudes em relação ao bilinguismo como tal;
- k) Tolerância ou intolerância com respeito à mistura linguística e com a fala incorreta de cada um;
- l) Relação entre o grupo bilíngue e cada um das duas comunidades em que ela é um segmento marginal. (Weinreich, 1953, p. 4)

Um dos pressupostos básicos à natureza do falante diz respeito ao fato de duas ou mais línguas só poderem estar em contato, se usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. O uso individual da língua será o *locus* do contato. Quando isto ocorre, a transferência de elementos fonéticos será a motivadora pela reorganização de todo o velho sistema de oposição. Ele assegura que *the term interference implies the rearrangement of patterns that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language, such as the bulk of the phonemic system, a larger part of the morphology and syntax, and some areas of the vocabulary.* (p. 1)⁶⁰

⁶⁰ O termo interferência implica a reorganização de padrões que resultam na introdução de elementos no mais alto (profundo) domínio de estruturas da linguagem, tal como a maior parte do sistema fonêmico, uma larga parte da morfologia e sintaxe, e algumas áreas do vocabulário.

Quando dois sistemas são confrontados no contato, pode ocorrer o reordenamento de padrões, ou interferência, ou exclusão. Na interferência linguística, o problema de maior interesse é a ação recíproca dos fatores estruturais e dos não estruturais ao promoverem, estimularem ou impedirem cada interferência.

Concernente aos “Mecanismos e causas estruturais de interferência”, Weinreich, *idem*, p.7, coloca que há um tipo de interferência que é extremamente comum no contato linguístico, trata-se da relação de empréstimo na qual não há uma total transferência de todos os elementos. Logo, percebe-se que é comum a transferência de parte de um sistema ou de traços desse sistema fazendo com que haja uma “coexistência de fusão de sistemas”.

A coexistência ou fusão de sistemas linguísticos pode, de acordo com este estudioso, afetar a natureza de um signo linguístico, já que esta é a combinação de uma unidade de expressão e uma de conteúdo. Neste nível de bilinguismo, ou de interferência de sistemas, pode-se entender que a relação de significado e significante não se dá de maneira unívoca.

Diante da complexidade que é a transferência linguística, a ilustração por ele adotada é a de que a interferência é como areia carregada por um fluxo de água. Na língua, ela está sedimentada no fundo de um lago. E este fenômeno se dá em todos os níveis da gramática, p. 11.

Ao tratar dos tipos de interferência nos sistemas fonéticos, Weinreich afirma que:

The problem of phonic interference concerns the manner in which a speaker perceives and reproduces the sounds of one

language, which might be designated secondary, in terms of another, to be called primary. Interference arises when a bilingual identifies a phoneme of the secondary system with one in the primary system and, in reproducing it, subjects it to the fonetic rules of the primary language. (1953, p. 15).⁶¹

Neste caso, a interferência resulta quando um falante identifica na segunda língua elementos fonéticos presentes na primeira língua. Ao reproduzir o segmento, o falante o sujeita às regras fonéticas da primeira língua: a língua mãe.



Ao prosseguir, Weinreich também aponta dois tipos de interferência a partir do quadro comparatório entre os sistemas linguísticos do Romansh⁶² e do Schweizerdeutsch⁶³, línguas coexistentes no Cantão de Grisons, na Suíça. No primeiro caso, o sistema fonético do Romansh se configura como o sistema primário e o Schweizerdeutsch, como secundário. No segundo caso, os sistemas são alternados, o sistema fonético do Schweizerdeutsch assume o lugar do sistema primário e o Romansh, o secundário.

⁶¹ O problema da interferência fonética consiste na maneira como o falante percebe (reconhece) e reproduz os sons de uma língua, que pode ser designado secundário, em outros termos, primário. A interferência surge quando um bilíngüe identifica um fonema do sistema secundário com um no sistema primário e, em reproduzi-lo, sujeitando-o às regras fonéticas da primeira língua.

⁶² É uma das quatro línguas nacionais da Suíça, juntamente com a língua alemã, a língua italiana e a língua francesa. Trata-se de uma língua românica do ramo ocidental, que se acredita descender do latim vulgar falado pelos romanos que ocuparam a área na Antiguidade.

⁶³ É qualquer um dos dialetos alemânicos falados na Suíça, no Liechtenstein e nas zonas fronteiriças da Áustria.

Quadro 7 : Quadro Comparativo dos Sistemas Fonéticos do Romansh e do Schweizerdeutsch de acordo com Weinreich (1953)

<p style="text-align: center;">Romansh (<i>Feldis</i>)</p> 	<p style="text-align: center;">Schwyzerdütsch (<i>Thusis</i>)</p> 
<p style="text-align: center;">// Stress</p> <p>/n/ has the allophone [ŋ] before /k, g/, and after /w/.</p> <p>/p, t, c, k, f, s, ʃ/ are distinguished from /b, d, ʒ, g, v, z, ʒ/, respectively, by voicing the latter series.</p> <p>Vowels are rendered long in word-final position and before all phonemes except /p, t, c, k, f, ts, tʃ/, but not before any consonant in gemination: /¹kwater/ = [k¹watar] /¹kwadar/ = [k¹wa·dar].</p> <p>Hissing and hushing fricatives are affricated after /l, ʃ, n/.</p> <p>Stress is distinctive, but can only be final or penultimate.</p>	<p style="text-align: center;">// Stress</p> <p>/n/ has the allophone [ŋ] before /k, g/.</p> <p>/p, t, k, f, s/ are distinguished from /b, d, g, v, z/, respectively, by the tenseness of the former series.</p> <p>In checked position vowels are usually rendered more open than elsewhere: /ort/ = [ort].</p> <p>/h/ intervocalically has some pharyngeal friction.</p> <p>Stress is demarcative; it is free in words, but is usually fixed on the first syllable of the root morpheme.</p>

Mais adiante, será observada a influência do Latundê no Português. Desta forma, o Português mesmo sendo a segunda língua adquirida será visto como o objeto influenciado do contato linguístico.

Quando observou o contato entre os dois sistemas linguísticos em voga, Weinreich (*idem*, p. 18 e 19) examinou o processo de interferência representado no segundo sistema fonêmico. Assim, ele elencou quatro tipos de interferências: i) subdiferenciação de fonemas, ii) superdiferenciação de fonemas, iii) reinterpretação de traços relevantes, iv) substituição de fone atual.

A subdiferenciação de fonemas ocorre quando dois sons de um segundo sistema cujos correspondentes que não se distinguem no sistema primário não são bem definidos. Tal confusão é evidenciada pela alternância que o falante do Romansh faz ao pronunciar os segmentos /y/ e /i/ do Schweizerdeutsch, ou quando o falante do Schweizerdeutsch faz ao pronunciar de forma insegura os segmentos /i/ e /I/.

O processo de superdiferenciação envolve a imposição de distinções fonêmicas do sistema primário sobre os sons do sistema secundário, onde eles não são necessários. O processo pode ser inferido a partir de uma comparação entre os sistemas de som em contacto, mesmo que nem sempre seja perceptível. No entanto entre os dois dialetos, o vocábulo /'lada/ 'amplo' do Romansh é pronunciado como /'la:da/ no Schwyzertutsch.

A reinterpretação de traços relevantes ocorre quando o falante bilíngue distingue fonemas do sistema secundário cujas características que nesse sistema são meramente concomitante ou redundante, mas que são relevantes no seu sistema principal. Por exemplo, a palavra do dialeto Romansh [ˈmes•e] "bagunça", pode ser interpretada quase como no Schwyzertutsch /'mesa/.

Por fim, o processo de substituição de fone atual é aplicado aos fonemas que são definidos de forma idêntica nos dois idiomas, mas que se comportam de forma

distintas. Na situação descrita, o segmento do Romanche / E / e o do Schwyzertatsch /ə/ são ambos definidos como vogais frontais de abertura máxima, mas o fonema do sistema Schwyzertfisch é pronunciado mais aberto.

Os fonemas /b/ do Romansh e o /B/ do Schwyzertfisch, são ambos definidos por suas oposições, tensa (sem voz), consoante aspirante e nasal homorgânica, mas / b / é sempre vozeado, /B/ apenas ocasionalmente.

Quando, ao tratar dos fatores estruturais favorecedores ou inibidores da interferência fonética, o pesquisador em questão, afirma que a análise contrastiva dos fonemas de duas línguas e a forma como eles são usados produz uma lista de formas de interferências fônicas esperada em uma situação de contato particular. Quando os sons são vistos como parte de um sistema fônico, certos fatores adicionais emergem favorecendo ou inibindo a reprodução de som defeituoso (pg. 23).

Em continuidade, ele afirma que “um fator que elimina certos ruídos na fala em língua estrangeira é a existência de "vazios no padrão" no sistema fonêmico primário, em que fonemas estranhos do sistema secundário podem ser recuperados (rotulados)”. Isso se dá devido à semelhança com o(s) segmento(s) cujas características são mais aproximadas.

Sobre a difusão dos fenômenos de interferência fonética, Weinreich assegura que no estudo da propagação de sons oriundos do contato linguístico, sobretudo na influência da língua estrangeira (língua de contato), seria relevante que investigasse se o resultado de muitos tipos de interferência é difundido da mesma forma ou com igual facilidade.

Ao citar Sapir, ele afirma que:

Podemos supor que as variações individuais decorrentes em fronteiras linguísticas têm sido gradualmente incorporadas ao desvio fonético de uma língua. Isto mostra, aliás, que um sistema de som, que é conhecido por ter sido influenciada por um estrangeiro não precisa esperar para representar uma réplica exata do sistema influenciando, (1949, p.213).⁶⁴

Para ele, um dos motivos que contribuiria para a interferência fonética seria àquela desencadeada pelo status.

Com base na reduplicação de som de Weinreich, Matra (2009, p. 241) descreve que a produção de segmentos fonéticos é vulnerável. No entanto:

A replicação fonológica ("interferência", "transferência" ou "empréstimo") pode afetar qualquer nível da estrutura de som, a articulação de fonemas individuais ou fonemas dentro das palavras, o comprimento e a geminação, acento e tom, prosódia e entonação. Em fonologia, os empréstimos foram muitas vezes considerados como estratégias para preencher as chamadas "lacunas estruturais" no sistema destinatário.⁶⁵

Matras ainda defende que a mudança induzida pelo contato fonológico é o resultado da incapacidade ou da relutância dos falantes para manter a separação completa e consistente entre os sistemas fonológicos de duas línguas. Ele cita como exemplo o fato de os falantes da língua receptora lidarem com a pronúncia de termos da língua de origem.⁶⁶

⁶⁴ We may suppose that individual variations arising at linguistic borderlands - whether by the unconscious suggestive influence of foreign speech or the actual transfer of foreign sounds into the speech of bilingual individuals - have been gradually incorporate into the phonetic drift of a language. This shows, incidentally, that a sound system which is known to have been influenced by a foreign one need not be expected to represent an exact replica of the influencing system.

⁶⁶ Isso ocorre mais frequentemente quando uma palavra estrangeira é introduzida na língua de destino, por apenas um pequeno grupo de bilíngues ou semibilíngues, e se espalha por toda fala da comunidade, inclusive para os monolíngues não estão familiarizados com os sons originais da

Quando emprestado de uma língua doadora, um vocábulo não acarretará necessariamente em mudança no sistema fonológico da língua receptora. O que ocorre, como já fora colocado aqui, é o processo de acomodação fonológica. O vocábulo emprestado passa a ser pronunciado com os segmentos fonéticos da língua receptora.

Todavia, Matra (2009, p. 222-223) chama a atenção para um segundo tipo de processo em que “os sons que aparecem nos vocábulos emprestados, que são normalmente ausentes do sistema da língua destinatária, podem ser replicados juntamente com o próprio vocábulo”, fazendo com que haja um enriquecimento no inventário fonético na língua receptora.⁶⁷

Segundo o autor, este tipo de processo ocorre, com normalidade, em situações em que o bilinguismo é muito generalizado. Logo, “membros bilíngues de uma comunidade, que estão cientes da forma original da pronúncia da língua doadora, fazem um esforço para autenticar o vocábulo emprestado, replicando sua forma original”.

Em continuidade, ele afirma que:

Uma vez que a língua doadora goza de alguma forma de prestígio, muitas vezes devido a associações com comércio, tecnologia, conhecimento e outros tipos de inovação ou de poder, a replicação de pronúncias originais da língua doadora são imitadas por muitos monolíngues (não falantes da língua doadora), como tal, levando à propagação, dentro da língua destinatária, dos novos fonemas nos vocábulos emprestados que são relevantes. Isso comprova o respeito dos falantes para a linguagem dos doadores e à sua flexibilidade no uso de sua língua materna (a língua do destinatário), indicando que os

língua doadora. Em tais situações, há uma forte lealdade para com a língua de destino e, geralmente, apenas com superficial conhecimento com a língua de origem. (p. 242)

⁶⁷ Como exemplo, é citado o caso da africada /dʒ/ que, em situação de empréstimo, pode ser pronunciada como /tʃ/ em palavras que oriundas do inglês.

falantes se contentam em atribuir, fonologicamente, autenticidade à replicação de empréstimos lexicais prioritários maiores do que para a preservação das estruturas fonológicas coerentes de sua língua nativa (*idem*, p. 224).

Em uma situação onde o bilinguismo é estabelecido e prolongado, os falantes (na maioria de uma língua minoritária como o caso dos Latundê) podem ajustar o inventário de sons e as regras que regem a sua distribuição para coincidir com as do outro.

Matras (2009, p. 225) através de um quadro, descreve os quatro tipos de mudanças fonológicas oriundas do contato linguístico, com base nos perfis dos falantes, linguagem e atitudes.

Quadro 8: Tipos de processos que conduzem a mudança fonológica induzida por contato

Type	Process	Description	Speakers/ Bilingualism	Language attitudes
A	Phonological adaptation of word-forms	Replicated word-forms are adjusted to match the sound patterns of the recipient language	Semi-bilinguals or monolinguals	Strong loyalty towards, and stability of the recipient language; superficial contact
B	Borrowing of phonological features along with word-forms	Borrowed and inserted word-forms maintain (fully or partly) the original sound patterns of the donor language ("authentication")	Fairly widespread bilingualism	Flexibility in the use of the recipient language, prestigious bilingualism
C	Convergence of systems during second-language acquisition	Word-forms of the target language are systematically adjusted to match the sound patterns of the native language	Emerging bilingualism; stable minority bilingualism; emergence of ethnolect or language shift	Strong group identity coupled with a need (pressure) to acquire the target language
D	Convergence of systems in stable, intensive bilingualism	Sound patterns of the native language are adjusted to match those of the second language	Intensive and widespread bilingualism	Second language is 'prestige' language

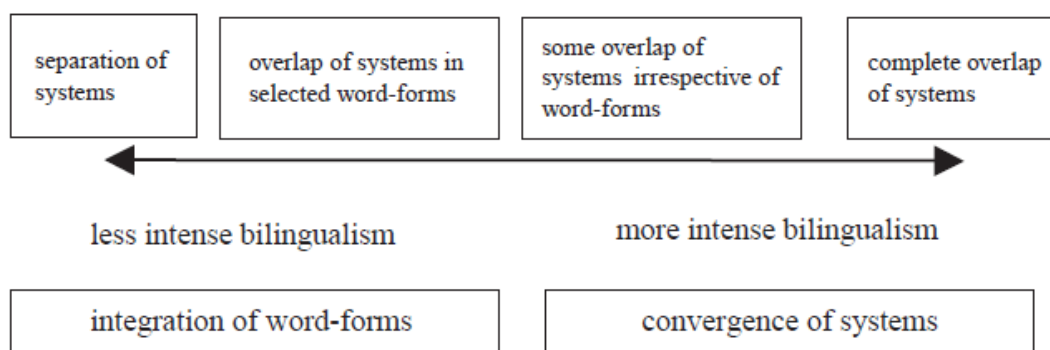
Com base no quadro anterior, depreende-se que:

- i) O tipo A é diferente, na medida em que não envolve nenhuma mudança no sistema fonológico, mas apenas uma mudança de palavras individuais, enquanto os tipos B-D todas envolvem algum grau de modificação para o sistema tal como utilizado por colunas numa base regular. No entanto, existem semelhanças entre os tipos de aspectos individuais;
- ii) Os tipos A e B são semelhantes e giram em torno de palavras emprestadas individualmente;
- iii) Os tipos A e C são semelhantes em que ambos envolvem a transferência de recursos de língua nativa para material diferente;
- iv) Os tipos B e D são semelhantes em que ambos envolvem a adoção de padrões sonoros estrangeiros e sua integração na língua nativa;
- v) Os tipos C e D mostram, como mencionado acima, o fato de que os falantes tentam evitar que para selecionar os sons de dois conjuntos distintos de inventário, e até generalize apenas um conjunto de sons para serem usadas em ambas as línguas, isto é, em toda a interação contextos.

Os falantes do português falado por Latundê se estendem em duas direções. Em tipos A e C, onde os falantes reinterpretem os sons dos vocábulos emprestados da língua doadora, alinhando-os aos padrões e inventário da língua receptora (nativa). No tipo D, os falantes modificam os segmentos fonéticos com base no inventário externo. A aplicação de uma determinada regra fonológica pode resultar na perda ou em ganho de fonemas, p.226.

O contato linguístico pode ser representado, ainda, como um contínuo. Nele, ocorrem forças centrífugas e centrípetas que dinamizam os sistemas linguísticos. Para Matras, *idem*, p. 226, fatores como: normas sociais, lealdade e consciência de identidade podem interferir e até mesmo neutralizar os fenômenos advindos do contato. O empréstimo sofreria, portanto, estas pressões.

Figura 12: Ligações entre a intensidade do bilinguismo, o tipo de processo de acomodação; e sobreposição entre os sistemas fonológicos



Quanto menor for o bilinguismo, maior será a separação de sistemas. Por outro lado, quanto mais intenso for o bilinguismo maior será a convergência de sistemas fonológicos.

No que concerne à integração fonológica, Matras (2009, p. 227) explica que *a substituição de fonemas é uma das formas mais comuns, posto que, este processo permite uma aproximação de características entre o sistema interno e externo*. Dessa forma, a substituição é mais comum, uma vez que os fonemas são combinações de recursos articulatórios; e as características em comum são mantidas em detrimento às complexidades dos fonemas que não compartilham de traços em comum.

Ele também chama a atenção para a estrutura silábica dos sistemas fonológicos que entram em contato, afirmando que “os estrangeirismos podem acomodar a sílaba e a estrutura do acento” (*idem*. p. 228).

A aplicação de regras sobre a distribuição de fonemas oriundos do empréstimo pode resultar na perda de um traço ou de um fonema. A integração de fonemas também pode levar à omissão de outros fonemas que não fazem parte o inventário fonológico da língua receptora. E a omissão de certas características durante a replicação de fonemas pode ser prejudicial para o sistema como um todo e isso pode resultar em uma redução de pares mínimos.

Sobre a convergência dos sistemas fonológicos, Matras (2009, p. 229) assegura que um fator que retarda o processo de substituição de som é a presença de vários pares de vocábulos que contam com o contraste. Neste caso, a convergência aumenta as semelhanças entre os inventários fonológicos das duas línguas. E a replicação da variação alofônica é uma via comum para a convergência.

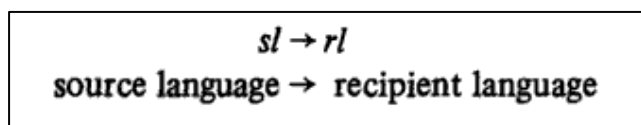
Quanto aos segmentos fonéticos, ainda de acordo com o pesquisador em questão, as consoantes são as mais introduzidas nos estrangeirismos. Uma vez que, nas línguas do mundo, o número de segmentos consonantais é maior que o das vogais. Logo, os vocábulos emprestados são mais propensos a introduzir mais consoantes que vogais.

No caso Português falado por Latundê, tal assertiva em parte se configura. A análise dos dados prova que são as consoantes as mais favoráveis para a realização dos processos fonéticos. Todavia, o número de consoantes nessa

língua é menor que o de vogais, conforme descrição de Telles, 2002, a qual veremos na próxima seção.

Van Coetsem (1988, p.7) também aborda os processos e comportamentos oriundos do contato linguístico⁶⁸. E, para que este contato seja estabelecido, é necessário que se tenha uma língua de origem (SL) e uma língua destinatária (RL).

Figura 13: Correspondência entre línguas e contato linguístico



Embora o modelo de Van Coetsem seja universal e demonstre que na maioria dos contatos linguísticos a língua de origem seja uma língua dominante, ressaltamos que neste trabalho a língua de origem (SL) é a língua minoritária: o Latundê. E o substrato analisado é uma modalidade de português falado pelos Latundê.

Em continuidade, este estudioso afirma que:

Um empréstimo fonológico é uma imitação, uma réplica ou uma reprodução na língua recipiente (RL) de um elemento estrangeiro ou uma pronúncia da língua de origem (SL). Esse tipo de imitação é muitas vezes apenas uma aproximação. Para o imitador, a imitação implica o uso de algo que ele não tem na sua própria língua. Um empréstimo fonológico como uma imitação é, portanto, algo que o falante imitador da RL não tem em sua fonologia integrada ou nativa, ou seja, algo

⁶⁸ Para Van Coetsen, o termo “empréstimo fonológico” indica qualquer forma de empréstimo no âmbito da fonologia segmentar ou suprasegmental, independentemente se isto afeta a dimensão paradigmática, a dimensão sintagmática, ou ambas. (p.7)

fonológico ou subfonológico que deriva de seu sistema fonológico nativo. (*Idem*, p. 8)⁶⁹

A intenção do falante ao fazer uso do segmento emprestado é reproduzi-lo da melhor forma possível. Ao fazer isso, ele obedece às considerações sociais. O próprio fato de que o segmento não esteja inserido em seu próprio sistema faz com que na pressão de se adaptar a diferentes pronúncias, ele (o falante) procure o equivalente mais próximo em seu sistema.

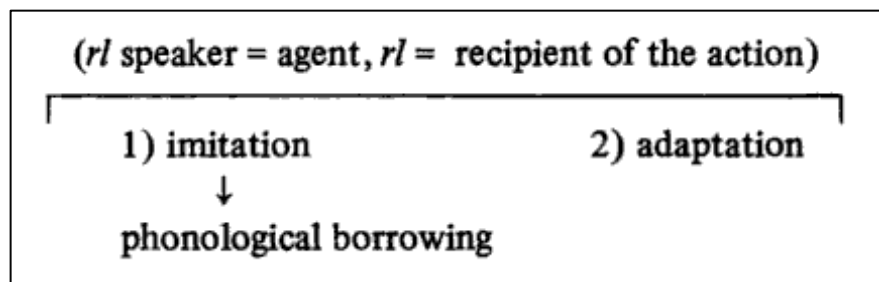
Para que isso ocorra, “o falante faz uso de dois processos: a imitação e a adaptação, p. 9”. Ambos pressupõem a existência de um conjunto organizado de segmentos fonológicos e distribuição de unidades inseridas pelo falante da língua recipiente, por um lado; e, por outro, o confronto das pronúncias estrangeiras com que o falante tem que lidar.

Além dos processos de imitação e adaptação, Van Coetsem também utiliza a noção de integração, “que é a incorporação de elementos em uma dada língua advindos de outra(s) língua(s)”. A imitação seria, portanto, o pré-requisito para a integração. No caso do português falado pelos Latundê, não há indícios de integração de fonemas específicos da sua língua de origem.

Para que ocorra o processo de imitação, é necessário que haja uma agentividade, que é um tipo específico de transferência onde o falante de uma dada língua é ativo e o outro, passivo. O inverso também pode ocorrer.

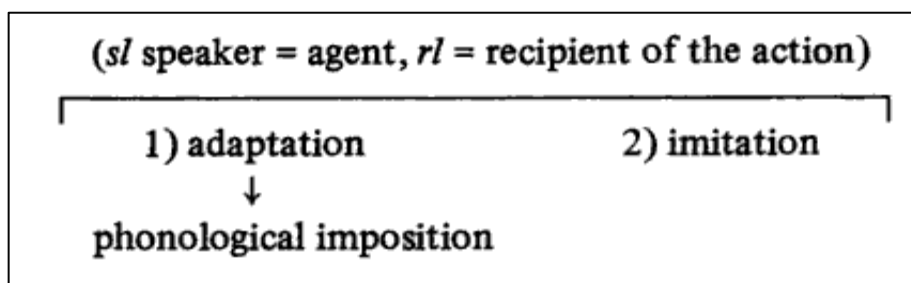
⁶⁹ A phonological loan is an imitation, replication or reproduction in the RL of a foreign or SL pronunciation; such an imitation is often only an approximation. For the imitator, imitation implies the use of something that he does not (yet) have of his own. A phonological loan as an imitation is thus something that the imitating RL speaker does not have in his integrated or native phonology, something, phonemic or subphonemic, that deviates from his native phonological system.

Figura 14: Agentividade da Língua Recipiente de acordo Van Coetsem, 1988, p.10



Na agentividade da língua recipiente (RL)⁷⁰, o segmento dominante na relação entre a língua recipiente e a língua de origem⁷¹ é o da língua recipiente. Logo, o domínio linguístico será o da língua recipiente.

Figura 15: Agentividade da Língua de Origem de acordo Van Coetsem (1988, p.11)



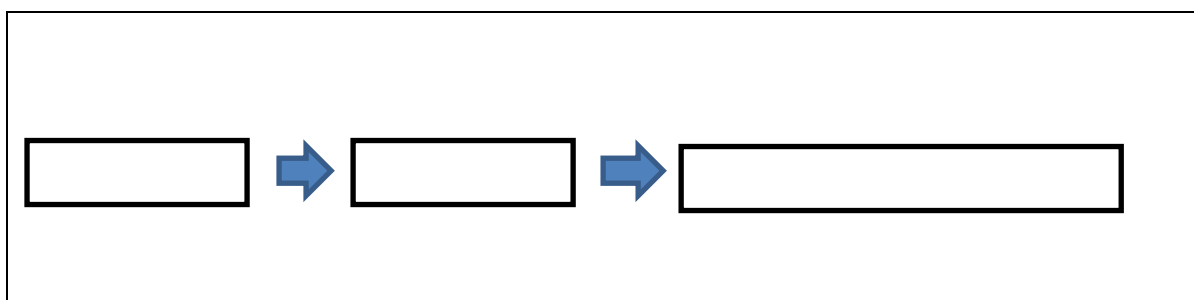
Na agentividade da língua de origem (SL), o segmento dominante na relação entre a língua recipiente e a língua de origem é o da língua de origem. Sendo assim, o domínio linguístico será o da língua de origem.

Tomando como referencial os modelos apresentados, podemos estabelecer um contínuo cronológico para compreender como se dá a agentividade sobre o contato do Português com o Latundê.

⁷⁰ No caso em questão, a modalidade do português falado pelos Latundê é a língua recipiente.

⁷¹ Consequentemente, a língua de origem (SL) é o Latundê.

Figura 16: Relação de agentividade entre o Português e o Latundê



Historicamente, devido aos fatores socioeconômicos, o contato inicial se dá entre o Português influenciando o Latundê. Aquele como língua majoritária e este como minoritária.

O Latundê por ser a língua do povo dominado é submetido às interferências da língua de domínio. Deste contato, resulta uma modalidade específica do Português que é o falado por Latundê.

Em suma, podemos afirmar que embora seja o Português a língua dominante, e que, inicialmente seja ele o agente sobre o Latundê; a posteriori, fora o Latundê o agente pelas transformações ocorrentes no Português de contato. Posto dessa forma, a agentividade se dá em ambos os contextos a partir do referencial que se tenha, uma vez que o Português e o Latundê tanto influenciaram como foram influenciados. Mas, vale ressaltar que para este recorte, o Português é a língua que sofre influência. É este o fio condutor da nossa pesquisa.

5.3 FONOLOGIA DO LATUNDÊ

Para uma melhor compreensão futura, passaremos agora a descrever os sistemas fonológicos das línguas em estudo.

Elencamos abaixo as principais características fonológicas do Latundê:

- É uma língua com maior quantidade de elementos vocálicos (dezesseis), em detrimento aos consonantais (onze). É uma língua vocálica, portanto;
- Apresenta dez vogais orais e seis nasais. Dessas, oito são laringais⁷²;
- As vogais nasais são contrativas apenas na posição do acento;
- Os glides /w, j/ quando em posição de onset sofrem o processo de consonantização;
- Apresenta seis tipos de sílabas fonológicas que são derivadas da extensão (C)V(C)(C) : /V/, /VC/, /VCC/, /VC/, /CVC/ e /CVCC/;
- O núcleo silábico é sempre preenchido por uma vogal;
- Dos segmentos consonantais, apenas a oclusiva glotal /ʔ/ não é observada em posição de onset;
- A coda pode ter desdobramento ramificado, sendo a primeira posição preenchida sempre por um glide;
- Os padrões silábicos /VC/ e /CVC/ são os mais frequentes e ocorrem tanto em sílaba tônica como átona;
- Tem uma forte tendência à monotongação;
- O sistema acentual é misto que associa o acento lexical ao acento fonético;

⁷² Telles explica que as mais novas gerações Latundê, abaixo de 20 anos, realizam o traço laringal com menor frequência e audibilidade.

- O acento é realizado foneticamente como tom (pitch) alto;
- É uma língua de característica de línguas *pitch accent*;
- Apresenta processos fonológicos em nível pós-lexical fundamentalmente;
- Estes processos são agrupados em assimilação (harmonia vocálica e vozeamento das oclusivas), dissimilação, redução / apagamento silábico e epêntese.

Quadro 9: Fonemas consonantais do Latundê

Fonemas Consonantais						
	Labiais		Coronais		Dorsal	Glota
	+ anterior	- anterior	+ anterior	- anterior	- anterior	- anterior
Plosivas	p		t		k	ʔ
Nasais	m		n			
Fricativas			s			h
Lateral			l			
Glide		w		j		

Quadro 10: Fonemas vocálicos do Latundê

Fonemas Vocálicos						
	Vogais			Vogais Laringais		
	Altas	i		u	j	
Altas Nasais	ĩ		ũ	ᶑ		ᶑ̃
Médias	e		o	ɛ		ɔ
Baixa		a			ʌ	
Baixa Nasal		ã			ã̃	

Quadro 11: Ditongos do Latundê

Ditongos				
	Crescentes		Decrescentes	
	w	j	w	J
i	wi		iw	
e, ɛ	we, wɛ	je, jɛ		ej, ɛj
a, ɶ, ǎ, ǎ̃	wa, wɶ	ja, jɶ, jǎ	aw, ɶw, ǎw	aj, ɶj, ǎj
o, ɔ	wo	jo	ow	
u, ʊ, ǔ		ju, jʊ, jǔ		

Quadro 12 : Descrição dos fonemas consonantais (Retirada de Telles, 2002)

Segmento - Descrição - Contexto de realização e especificidades	Exemplos	Tradução
<p>/p/⁷³ - Oclusiva, bilabial, surda</p> <ul style="list-style-type: none"> • É de extrema limitação de realização na língua; • Ocorre em posição de <i>onset</i>, formando sílabas com as vogais /i, a, ǎ, o, u, /; • Pode se realizar como [p] oclusiva bilabial surda, [b] oclusiva bilabial sonora, [b̥] oclusiva bilabial sonora implosiva; • Em início de palavras realiza-se [p] diante da vogal coronal [i] e [b, b̥] e diante da vogal baixa [a]; • Em meio de palavra ou enunciado, quando precedido por oclusiva glotal, realiza-se [p]; 	<p>[pi:te] /piʔ-'te/</p> <p>[.ba:'nǎn] ~ [· ba:'nǎn] /pan-'tǎn/</p> <p>[diʔpa; nǎn ʌ] /ja'liʔ pan-'tǎn-ta/</p> <p>[kõ:'bay,te] ~ [kõ'bay,te] /kown'payt-te/</p> <p>[sa'bagnĩ:,de]</p>	<p>Espécie de pássaro, chupito</p> <p>São dois</p> <p>São dois colares</p> <p>Tatu, espécie de</p>

⁷³ Outros estudos com línguas próximas também indicam a baixa frequência da realização do /p/ nas línguas desse grupo: Kingston, 1970, para o Mamaindê e Lowe, 1961, para o Nambikwára do sul (Galera, Kabixi, Mundúka, Nambikwára do Campo).

<ul style="list-style-type: none"> • Em meio de palavras ou enunciados, em ambiente intervocálico, ou nasal adjacente, realiza-se [b]. 	<p>/sa'pan-ki'nīn-'te/ [tʃa'bãʔginĩ:,de] /sa'pãn-ki'n-'te/</p>	<p>Pente Taioba</p>
<p>/m/ - Nasal, labial, + anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oclusiva bilabial nasal com distribuição mais larga do que a do /p/; • Apresenta ocorrência restrita quanto comparada à nasal alveolar /n/; • Realiza-se [m]; • Ocorre em início de sílaba diante das vogais /i, j, ĩ, ĩ̃, a, ə, ã, u, ũ, ũ, u/; • Não forma sílaba com as vogais médias frontais /e, ẽ/ e com as posteriores /o, õ/ • Após pausa e seguida de /a/, pode se realizar como oclusiva bilabial nasal pré-glotalizada - [ʔm], 	<p>[mi:'rãɳ] /mih-'tãn-ta/ [kã'mj; rãɳ] /ka'mjɰh-'tãn-ta/ [ha'mĩ; de] /he'mĩn-'te/ [he'mj; de] /he'mj -'te/ [ma: h'rãɳ] /mah-'tãn/ ['mãgalo; re] /'mãn-ka'loh-'te/ [ka mə ʔ'rãɳ] /ka- məh-'tã-ta/ ['mũ; dãna] /mũn-'tãn-ta/ [tu'muʔku re] /tu'muʔku-'te/</p>	<p>Está chovendo Água está suja Cobra, espécie de Couro Ele está esperando Roupa Está molhado Está bonito Jacu</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Em fronteira de morfema, precedido pela fricativa glotal /h/ terá a sua realização ensurdecida. 	<p>[ha'mũ; dãnʌ] /hamũn-'tãn-ta/</p> <p>[ʔmã ɲ dãn]~['ma:' n dãn] /mãn-'tãn/</p> <p>[ʔmãʔhũ:' n dãn] ~ [, mãʔhũ:'ndãn] /mãn-hũn-'tãn/</p> <p>[nũ: h .mãga'lot'na] /'nũh-'mãn-ka'loh-'tãn-na/</p>	<p>Está inchado</p> <p>Está queimando</p> <p>Você está mandando</p> <p>É nossa roupa</p>
<p>/w/ - Glide, labial, - anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Glide lábio-velar sonoro; • Ocupa as posições de onset e coda; • Apresenta leve arredondamento nos lábios; • É o segmento mais frequente das labiais; • Realiza-se como [w] em início de sílaba diante das vogais /i, e, ɛ, a, ɔ/, também podendo variar com [ʊ], fricativa lábio-dental que é realizada com fraco grau de fricção. 	<p>[wj'rãn] ~ [ʊj'rãn] /wj-tãn/</p> <p>[wo'da: h , de] ~ [ʊo'da: h , de] /wo'tah-'te/</p> <p>[na weʔ'aj're] ~ [na , ueʔ'aj're] /'nəjn-weʔ'ajh-'te/</p> <p>[ko'wajna tãnʌ]~ [ko'ʊajna , tãnʌ] /'hah-'wəjn-ta-'tãn-ta/</p> <p>[da'weʔgrã ni] /ta'weʔ-ka-'tãn-'ti/</p> <p>['wejginĩ:'dãna] /'wejn-ki'nĩn-'tãn-ta/</p> <p>['wajkinĩ; de] /'wajʔ-ki'nĩn-'te/</p>	<p>Ele comeu</p> <p>Pomba</p> <p>É para colocar na cabeça</p> <p>São poucos lápis</p> <p>Ele cozinhou</p> <p>É fruto da bacaba</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Em dissílabos, no onset de sílaba pré-tônica aberta, seguido de vogal /a/, central baixa, pode ocorrer a fusão entre o /w/ e a vogal /a/, realizando-se como [ɔ, o, u].⁷⁴ • Na sequência /w/ + /a/, o /a/ pode sofrer harmonia vocálica recebendo o ponto de articulação da vogal acentuada, sendo realizada [e]. <ul style="list-style-type: none"> • Quando em final de sílaba, segue as vogais /i, o, a, ə/. • E, depois das vogais /i,o/ pode alongar-se; • Se a vogal precedente for a baixa /a, ə/, ocorrerá a fusão, resultando as posteriores /ɔ, ɔ̃/; • Quando em sílaba em sílaba acentuada, /ɔ, ɔ̃/ podem ser alongados, ou seguido de oclusão glotal [ʔ]; ou ocorrer uma assimilação regressiva das baixas /a,ə/ passando a [ɔ, ɔ̃]; • Quanto à frequência, /w/ se mais ocorrente depois da vogal baixa /a, ə/, e baixíssima ocorrência depois da vogal /i, o/. • Ao integrar uma sílaba (C)vwN, onde a vogal é nasalizada, o glide pode ser nasalizado ou coalescer com a consoante nasal na coda. <ul style="list-style-type: none"> • Em posição de onset e pronunciada rapidamente é fortificada, podendo ser realizada como [p] e [m].⁷⁵ 	<p>['wəjkinĩ; de] /wəjh-ki'nĩn-'te/</p> <p>[wa'rarwa'raʔĩ dãnʌ] ~ [wɔ'raʔwɔ'raʔĩ dãnʌ] ~ [ɔ'raʔɔ'raʔĩ dãnʌ] /wa'tajwa'tajn-'tãn-ta/</p> <p>[we'fi; ˀde] ~ [u'fi: ˀ, de] /wa'fĩn-'te/</p> <p>[we're, rãna] ~ [o're, rãna] ~ [u're, rãna] /wa'teh-'tãn-ta/</p> <p>[giw , la:da,re] ~ [gi; la; de] /'kiwlah-'tah-'te/</p> <p>[ko'wa; re] ~ [ko:'a; re] /'ko'wah-'te/</p> <p>[əw'de] ~ [ɔ:'de] ~ [ɔ̃?'de] /əw-'te/</p> <p>[aw, de] ~ [ɔ; de] ~ [ɔʔ, de] /'awh-'te/</p> <p>[nəw, du] ~ [nɔ; du] ~ [nɔw; du] /'nəwh-'tu/</p> <p>[əwm , dãn] ~ [əw̃m dãn] ~</p>	<p>Amendoim</p> <p>Fruto do açaí</p> <p>Está fino</p> <p>Tamanduá</p> <p>Está sumido</p> <p>Cascavel</p> <p>Andorinha</p> <p>Flexa</p> <p>Gavião</p>
---	---	--

⁷⁴ Conforme Telles (2002, p. 42), *Estas alofonias variam de acordo com a qualidade da vogal tônica da sílaba seguinte, com a qual sua vogal átona nuclear se harmoniza.*

⁷⁵ Tal ocorrência é mais frequentemente constatada em falantes monolíngues em Latundê.

	<p>[ʔəm dān] /ʔəwn-'tān/</p> <p>[wo'loʔ,ʔnānʌ] ~ [po'lo,ʔnānʌ] /wa'lon-'tā-ta/</p> <p>[wʌ'naʔkiñi: de] ~ [mʌ'naʔkiñi: de] ~ [wa'naʔkiñi: de] /wa'naʔ-ki'nīn-'te/</p> <p>[wɔnut, ʔnə] ~ [mɔnuʔ ʔnə] /wɔnuʔ-'tān-nə/</p> <p>[wʌ'naʔginĩ dānʌ] ~ [ma'naʔginĩ dānʌ] ~ /wə -'naʔn-ki'n-'tān-ta/</p> <p>[wa , ʃi: de] ~ ['maʔ,ʃi: de] /wa-'sin-'te/</p>	<p>Lontra</p> <p>Está assando no burralho</p> <p>Está podre</p> <p>Castanha do caju</p> <p>É corpo inteiro</p> <p>É tua cabeça</p> <p>Espécie de abelha</p>
<p>/t/ - Plosiva, coronal, + anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oclusiva alveolar surda; • Ocorre com as vogais / i,e, e, a, ə, ã, o, o, u, ã/; • /t/ realiza-se [d] em sílaba acentuada, podendo ainda variar, em posição medial, como [t]; • Em início de palavra, o alofone [d] pode ser realizado como pré- 	<p>[dikoʔo; n de] /tiʔ-ko'lon-'te/</p> <p>[dɛhɛ ra:'re] /tɛh-'tah-'te/</p>	<p>Pássaro pintado, espécie de pássaro</p> <p>Ele cozinhou</p>

<ul style="list-style-type: none"> • As possibilidades alofônicas de /t/, entre segmentos depende do acento e do contexto adjacente. Estas duas condições definem as alofonias;⁷⁶ • Precedido de vogal, em ambiente intervocálico, realiza-se [t,d,r], sendo [d] o preferencial. • Quando /t/ é precedido por /h/, realiza-se como [t,d,r]. A presença da fricativa favorece o rotacismo de /t/, tornando-o em [r]. • Quando /t/ é precedido de /ʔ/ ou de /t/, a realização pode ser [t], mas [d] pode permanecer em raros casos. • Em contexto de nasalização, três realizações são possíveis para /t/: i) vozeamento da oclusiva alveolar; ii) pré-nasalização da oclusiva alveolar em início de sílaba tônica; e iii) assimilação total da nasal adjacente. 	<p>[ta'bawdnɔ,de] /ta'paw'n-'naw-'te/</p> <p>[ta'la; de] ~ [da'la; de] /ta'la-'te/</p> <p>[to'lowm, dām] /ta'low'n-'tān/</p> <p>[lo:'do , ra: , re] ~ [lo:' to , ra: , re] ~ [lo:'to, ra: , re] /lo'to-'tah-'te/</p> <p>[doʔ, dā]; de] ~ [toʔ, rā]; de] /to-'tajn-'te/</p> <p>[,nu: h 're] ~ [nu : h 'de] /nyh-'te/</p> <p>[lo: h're] ~ [lo: h, de] ~ [lo: h'te] /loh-'te/</p> <p>[hu; te] ~ [hu; de] /huʔ-'te/</p> <p>[ke'ja; te] ~ [ke'jaʔ, te] /ke'jat-'te/</p> <p>[ĩ; dāna] ~ [i: n'dāna] ~ [i; nāna]</p>	<p>Macaco pequeno</p> <p>Ombro</p> <p>Tipoia</p> <p>Ele terminou</p> <p>Rato grande</p> <p>Abelha vermelha</p> <p>Lagarto grande</p> <p>Urubu</p>
--	--	---

⁷⁶ Dessas alofonias, o flap [r] tem sua ocorrência ligada ao acento.

<ul style="list-style-type: none"> • Em sílaba não acentuada, /t/ pode sofrer fricativização, passando a se realizar como [s], ou [ts], ou [ʔs]; • Ainda neste contexto, permanecem possíveis as realizações [t] e [d]; se o /t/ sofrer fricativização, a aspiração glotal precedente do /h/ não se realiza. • Em travamento silábico, /t/ realiza-se de preferência como /ʔ/. Pode ser deletado ocasionando o prolongamento da vogal tautossilábico. 	<p>/in-'tân-ta/</p> <p>[kã; dãna] ~ [kã; ⁿdãna] ~ [kã; nãna]</p> <p>/kân-tân-ta/</p> <p>[ke'jaʔ, ⁿda; re] ~ [ke'jaʔ, na; e]</p> <p>/ke'jan-'tah-'te/</p> <p>[lo:sa nãʔ] ~ [los:tʂa , nãʔ] ~ [lo: ^ʔsa , nãʔ] ~ [lo: ^hta nãʔ]</p> <p>/loh-ta-nã/</p> <p>[ke'ja:,te] ~ [ke'jaʔ,te]</p> <p>/ke'jat-'te/</p> <p>[ke'jaʔtiʔjo,ho]</p> <p>/ke'jat-'ti-jo-'ho/</p> <p>[lo:,te] ~ [loʔ,te]</p> <p>/lot-'te/</p> <p>[lo:,tʃjo,nã]</p> <p>/lot-'ti-jaw-nã/</p>	<p>Arco</p> <p>Milho</p> <p>Está apimentado</p> <p>Está duro</p> <p>Lambari grande</p> <p>É urubu</p> <p>Milho</p> <p>Talvez milho seja</p> <p>Paca</p> <p>A paca estava aí</p>
--	---	---

<p>/n/ - Nasal, coronal, - anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oclusiva alveolar nasal; • Suas alofonias são condicionadas pelo contexto adjacente à sua posição de ocorrência e à estrutura silábica. • Em onset realiza-se como [n] com as vogais /i, j, ĩ, ĵ, a, ɶ, ã, ɶ̃, u, ɷ, ũ, ɷ̃/; • Também pode apresentar flutuação em onset, realizando-se [ʔn]⁷⁷, alveolar nasal pré-glotalizada, com preferência quando seguido por /a/; <ul style="list-style-type: none"> • Em posição de onset e em fronteira de morfema, dependendo do seguimento seguinte, sofrerá alteração; • Quando precedido por /h/, sofrerá enurdecimento; • Quando precedido por outro /n/ na coda silábica precedente, poderá ser pré-glotalizada [ʔn]. 	<p>[ni; du] /ni-'tu/</p> <p>[ʔn]ʔkinĩ,nãna] /ʔn]ʔ-ki'nĩn-'tãn-ta/</p> <p>[na'gã; de] /na'kãn-'te/</p> <p>[kãŋ; rãŋ] /ka'ŋh-'tãŋ/</p> <p>[,nãj'du] /nãjn-'tu/</p> <p>[ʔnã nãmʌ] /nãŋ-'tãn-ta/</p> <p>[nu: ^h e] /nuʔ-'te/</p> <p>[nɯ: ^h 're] /nɯh-'te/</p> <p>[nũ: ⁿ de] /nũn-'te/</p> <p>[,nũ: ^h 'ŋã:ga tãna]</p>	<p>Tipo de lenha</p> <p>É fruto</p> <p>Lagarto</p> <p>Está escuro</p> <p>Pacu</p> <p>Está chorando</p> <p>Braço</p> <p>Lagarto, Espécie de</p> <p>Bicho</p>
--	--	---

⁷⁷ Tal qual ocorre com /m/, a glotalização de /n/ deve-se, em alguns casos, à redução da sílaba inicial da palavra.

<ul style="list-style-type: none"> • Em posição de coda de sílaba acentuada, gera processo de assimilação, de dissimilação e de elisão, resultando numa série de alofonias; • Ainda em sílaba acentuada, se a vogal tautossilábica for oral, e entre a coda nasal existir um glide labial-velar, constituindo uma sílaba com ditongos /awn/, /own/, /n/ se realiza como [m], preferencialmente. • /w/ e /n/ em posição de coda pode sofrer coalescência realizando-se como [m] ou [n]; • Se o glide ocupante da primeira posição da coda for /j/; ou se a sílaba tiver a coda preenchida pela nasal /n/, a realização desta nasal será [n]; • Os glides que seguem a vogal na primeira posição de coda podem 	<p>/nũh-'nãn-'kah-'tãn-ta/</p> <p>[ʉd,ʔna] /un-ŋə/</p> <p>[iwm de] /iwn-'te/</p> <p>[tʰlawm nãnʌ] ~ [tʰlaŋm ,nãnʌ] /ta'lawn-'tãn-ta/</p> <p>[wawm ,dãnʌ] ~ [wəwm dãnʌ] /wawn-'tãn-ta/</p> <p>[to'lowm dãnʌ] /ta'lown-'tãn-ta/</p> <p>[jãwm de] ~ [i'jãwm de] ~ [jãm de] /jãwn-'te/</p> <p>[ãwm dãn] ~ [ãm dãn] /ãwn-'tãn/</p> <p>[i'ʃɛʔ, rãm dãn] /i'saj-'tãwn-'tãn/</p> <p>[toʔ'kõm dãn] ~ [toʔ'kãm,dãn] /toʔ'kãwn-'tãn/</p>	<p>É nosso</p> <p>Está vivo</p> <p>Larva</p> <p>Está grosso</p> <p>Está vermelho</p> <p>Está pronto</p> <p>Larva</p> <p>Está assando no burralho</p>
---	---	--

<p>assimilar a nasalidade da consoante precedente;⁷⁸</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se a vogal for nasal na maioria das ocorrências, a consoante nasal na coda será apagada, deixando seu tempo na vogal precedente e na consoante seguinte; • Quando a coda nasal /n/ segue ditongo formado por vogal nasal subjacente mais glide palatal /j/, /n/ em posição de coda pode espalhar nasalidade regressiva para o glide precedente e pode ser apagada; • Quando em coda nasal irá participar de outros processos fonológicos, além da vogal precedente; • Na posição de sílaba acentuada, em meio de palavra, seguida por /k/, /n/ promove a sonorização de /k/ e passa a se realizar como [ʔ], oclusiva glotal; 	<p>[kõm'baɪ te] ~ [kõ:'bay te] /kown'pajt-'te/</p> <p>[ʔ̃?̃ⁿ de] ~ [ʔ̃:ɲ de] /ʔ̃n-'te/</p> <p>[ʔ̃je;ⁿ dãn] /ʔ̃jɛn-'tãn/</p> <p>[j:ⁿ dã nɔ] /in-'tãn-'nɔ/</p> <p>[hẽjn'dãn] ~ [hẽj'ⁿ dãn] /hejn-'tãn]</p> <p>[nãj'de] ~ [nãj'ⁿ de] /nãjn-'te/</p> <p>[ãnd'ãn] /ãn-'tãn/</p> <p>[hã;ⁿ dãn] /hãn;'tãn]</p> <p>[mõ:'de] ~ [mũ:'de] /mũn-'te/</p> <p>[nũ;ⁿ de] /nũn-'te/</p>	<p>Eles estão correndo</p> <p>Ele misturou</p> <p>Tatu</p> <p>Tatu galinha</p> <p>Está sujo</p> <p>Ele está mamando</p> <p>Ele lavou</p> <p>Pacu</p> <p>Ele atirou</p>
---	--	--

⁷⁸ Para uma descrição mais detalhada sobre o comportamento de /n/ e os glides, ver a tese de Telles, 2002, 55-57.

<ul style="list-style-type: none"> • Ainda quanto ao contexto semelhantemente descrito acima, /n/ for seguida por uma oclusiva surda homorgânica /t/, poderá ocorrer processos que possibilitem uma alofonia em variação livre: <ul style="list-style-type: none"> • /n/ sonoriza /t/; • /n/ sofre desnasalização; • Quando /n/ sonoriza a consoante seguinte, ocorre a elisão, podendo ocorrer, ou não, o alongamento compensatório da vogal precedente, ou a pré-nasalização da consoante seguinte; • Quando /n/ sofre elisão, alonga a vogal precedente e a consoante seguinte se assimila progressivamente com o traço nasal, passando a se realizar como [n]; • /n/ se vocaliza e recebe os traços da vogal central e realiza-se nasal; • Se /n/ for seguida, em coda, por uma consoante nasal idêntica, ocupando a posição do onset da sílaba seguinte, poderá haver duas possibilidades de comportamento da coda nasal, dependendo de ser a sua vogal tautossilábica assimilar ou não; • Se a vogal precedente for nasal, a coda sofrerá elisão e a vogal se alongará; • Se a vogal central for oral, a consoante nasal da coda que precede a nasal idêntica no onset da sílaba seguinte, sofrerá dissimilação do traço nasal;⁷⁹ 	<p>[nãj'de] ~ [nãjⁿ de] /nãjn-'te/</p> <p>['kɥ?ginĩ de] /'kɥn-ki'nĩn-'te/</p> <p>[de:galo:'tãŋ] /tɛŋ-ka'loh-'tãŋ/</p> <p>['mãgalo; re] /'mãŋ-ka'loh-'te/</p> <p>[kɥn'dãŋʌ] /kɥn-'tãŋ-ta/</p> <p>[kɥd'dãŋʌ] /kɥn-'tãŋ-ta/</p> <p>[, kɥ:'ⁿ dãŋʌ] ~ [kɥ:'dãŋʌ] /kɥn-'tã-ta/</p> <p>[kɥ:'nãŋʌ] /kɥn-'tãŋ-ta/</p>	<p>Está branco</p> <p>Bom-dia, espécie de árvore.</p> <p>Bicho</p> <p>Pacu</p> <p>Rolo de fio de algodão</p> <p>Roupa velha</p> <p>Roupa</p> <p>Está fumando</p>
--	--	--

⁷⁹ A língua Latundê é caracterizada pelo OCP (Princípio do Contorno Obrigatório).

	<p>[kyũ', dãnʌ] /kyn-'tãn-ta/</p> <p>[kã; nə] /'kãn-nə/</p> <p>['lidnu re] /'lin-'nu-'te/</p> <p>['lid nəj re] /'lin-'nəjh-'te/</p>	<p>Está fumando</p> <p>Está fumando</p> <p>Está fumando</p> <p>Está fumando</p> <p>Está duro</p> <p>Beiju de mandioca</p> <p>Raiz de mandioca</p>
<p>/s/ - Fricativa alveolar surda</p> <p>Fricativa, coronal, + anterior, forma sílaba com as vogais /i, ĩ, e, a, ə, ẽ, o, u, y, ũ/;</p> <p>Realiza-se como [s], [ʃ], [tʃ], [ʔs];</p> <p>Em menor frequência, pode ser realizada como [t] e [tʰ];</p> <p>Em sílaba acentuada, em início de palavras, a fricativa pode se realizar</p>	<p>[ʔʃi; rãn] ~ [ʔsi; rãn] /'sih-'tãn/</p> <p>[ʔsi:'tãn] ~ [si:'tãn] /'set-'tan/</p>	<p>Está liso</p> <p>Trovejou</p>

<p>como palatal, africada, pré-glotal ou como alveolar;⁸⁰</p> <p>Quando /s/ se fortifica e passa a se realizar como [t] e, ou como [t^h], apresentam restrição ao contexto de vogal baixa seguinte, podendo ocorrer em início ou em meio de palavra. Nestes contextos também permanecem possíveis as demais alofonias;</p> <p>A fortificação de /s/ é frequente, em sílaba não acentuada, em início de palavra. Embora as sílabas acentuadas contenham maiores índices. Em posição não acentuada, a alveolar ocorre em maior número;</p> <p>A palatalização da fricativa é obrigatória quando precedida por /i/. Sua realização é alveolar em posição intervocálica.</p>	<p>[ʔsĩ; du; rãŋ] /sĩn-'tu-'tãŋ/ [ʔjã: ʰ re] ~ [ʔsã: ʰ re] /sãh-'te/ [ʔjo:'rãŋʌ] ~ [ʔjo:'rãŋʌ] /soh-'tãŋ-ta/ [ʔjũ:' de] ~ [ʔsũ: ʰ de] /sũn-'te/ [ʔh'aʔh'aʔi nãŋʌ] ~ [ʔa'jaʔi nãŋʌ] /sa'san-'tãŋ-ta/ [ke'jɔʔhe neʔt^h o, reʔ] ~ [ke'jɔʔhe neʔto, reʔ] /ke'jaw-ha'niʔ-'saw-'te/ [ʔto:dã , nã] ~ [ʔt^h o:dã nã] /so-'tãŋ-nã/ [ʔja'mã, de] ~ [ʔta'mã, de] ~ [sa'ma: , de] /sa'man-'te/ [ʔja'maʔdʌ rãna] /sa'man-'tah-'tãŋ-ta/ [i'jã:dã nã] /i'sãŋ-'tãŋ-nã/</p>	<p>Está arrastando</p> <p>Timbó do mato</p> <p>Está sujo</p> <p>Sol</p> <p>Está mole</p> <p>Óleo</p> <p>É guarantã (espécie de árvore)</p> <p>Tanajura</p> <p>É tanajura</p>
---	---	--

⁸⁰ A africada é a mais utilizada pelos velhos, enquanto a fricativa e a alveolar são mais utilizadas pelos jovens.

<p>como alofones [ʔl] e [d];</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acompanhado por consoante nasal em onset silábico, pode assimilar progressivamente a nasalidade sendo realizado como [n]; • Pode apresentar sobreposição na maneira como se realizam; • [t ~s]; • [t ~ n]; • [n ~ l]; • [t ~ l]; 	<p>[ʔlo; tã] ~ [a'lo; tã] /ã-'lo?-tã/ [diʔ pa : , nãna] ~ [i'liʔ pa; nãna] /ja'liʔ pan-'tã-ta/ [nagini'lə: h ni r ã] ~ [nagini'nə: h ni rã] [ta'bãginĩ:· de] ~ [sa'bãginĩ:· de] /sa'pãn-ki'nĩn-'te/ [ka'as tãna] ~ [ka'ta; tãna] /ka'sa?-tãn-ta/ [ti'dit , naj, de] ~ [ti'dit ta; de] /ta'tiʔ-najn-'te/ [na'gã; de] ~ [la'gã n de] /na'kãn-'te/ [wo'ta: h, re] ~ [wo'la: h, re] /wo'tah-'te/</p>	<p>Jacucáca</p> <p>Ele está afundado, atolado</p> <p>São dois colares</p> <p>Eu não sei se ele está doente</p> <p>Taioba</p> <p>Está grosso</p> <p>Mandioca mansa</p> <p>Lagarto do campo</p> <p>Pomba</p>
--	--	--

<p>/j/ - Glide, coronal, - anterior</p> <p>É um glide palatal que ocupa a posição de onset e de coda na sílaba; Em início de sílaba /j/ antecede as vogais /e, ɛ, o, a, ə, ã, u, ʉ, õ/;</p> <p>Quando em posição inicial na sílaba e acompanhado por /e, ɛ/ em sílaba acentuada ou seguido por /a/ em sílaba átona, /j/ pode se fortificar e se realizar como [ʒ], sendo possível, neste caso, ser seguido por um pré glide [j] de fraca e rápida duração; Quando seguido por /a/, em sílaba átona, é opcional a fusão entre o glide e a vogal, derivando a vogal longa [i:].</p>	<p>[ʒeː, ˈdã̃n] /jɐn-ˈtã̃n/</p> <p>[jaː, te] /jaʔ-ˈte/</p> <p>[jaː, te] /jaʔː, te/</p> <p>[jãʔhũ, dã̃n] ~ [iˈnãʔhũ dã̃n] /jã̃n-hũn-ˈtã̃n/</p> <p>[joː, rã̃n] /joh-ˈtã̃n/</p> <p>[juː, te] /ju-ˈte/</p> <p>[jʉː, te] /jʉː -ˈte/</p> <p>[jũːginĩ de] /jũn-kiˈnĩn-ˈte/</p> <p>[jɛˈnãːnu, te] ~ [ʒɛˈnãːnu te] /jãˈnã-nu-ˈte/</p> <p>[ˈj ʒɛː, ˈdã̃n] ~ [ˈʒɛː, ˈdã̃n] ~ [ʒeː, ˈdã̃n] /jɐn-ˈtã̃n/</p> <p>[ʒɛˈgeː, dã̃n] ~ [ʒɛˈgaj, dã̃n]</p>	<p>Está sujo</p> <p>Maribondo, espécie</p> <p>Porco</p> <p>Você tem coragem</p> <p>Está baixo</p> <p>Boca</p> <p>Pé</p> <p>Pedra de gelo, granizo</p> <p>Porco espinho</p> <p>Está sujo</p>
--	---	---

<p>• Se em posição de onset e seguido de vogal nasal, pode ocorrer uma consoante palatal, seguindo o glide palatal e precedendo a vogal nuclear; Se for /ã/, a consoante intrusiva se realizará com mais força e separará a sequência /jã/ em duas sílabas; Quando o glide vier antes da vogal /ũ/, a consoante intrusiva poderá resultar no apagamento do glide, podendo se realizar como consoante palatal ou pré-glide.</p> <p>• Em posição final de sílabas, acompanha as vogais /e, ɛ, a, ɔ/.</p>	<p>/ja'kəjn-'tã/</p> <p>[i:'nã; de]</p> <p>/ja'nãj-'te/</p> <p>[je'da; n de] ~ [zi'da; n de] ~ [i:'da n de]</p> <p>/ja'tan-'te/</p> <p>[jã?hũ, dã] ~ [i'nã?hũ dã]</p> <p>/jãh-hũn-'tã/</p> <p>[jãwm de] ~ [i'nãwm de] ~</p> <p>[jãm de]</p> <p>/jãwn-'te/</p> <p>[jũ:ginĩ de] ~ [i'nũ:gibi de]</p> <p>/jũn-ki'nĩn-'te/</p> <p>[hejdnĩ'rã]</p> <p>/hejn-ten-ni-'tã/</p> <p>[ɛj'tã]</p> <p>/ɛ?-tã/</p> <p>[wajkinĩ du]</p> <p>/waj?-ki'nĩn-'tu/</p> <p>[nãj de]</p> <p>/nãj -'te/</p> <p>[nãj'de]</p> <p>/nãjn-'te/</p>	<p>É pica-pau pequeno, espécie</p> <p>Abelha do chão, espécie</p> <p>veado, espécie</p> <p>Você tem coragem</p> <p>Larva, espécie</p> <p>Pedra de gelo, granizo</p> <p>Eu vou lavar</p> <p>Ele fez fogo</p> <p>Amendoim</p>
--	--	---

		Maribondo, espécie
		Pacu, espécie de peixe
<p>/k/- Plosiva, dorsal, - anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • É oclusiva velar surda. Tem larga distribuição e se realiza diante de todas as vogais do Latundê; <ul style="list-style-type: none"> • São seus alofones [ʔk], [g], [g] e [k].; • Em início de palavra se realiza preferencialmente como [k]. 	<p>[ki'liʔkinĩ; de] /ki'liʔ-ki'nĩn-'te/</p> <p>[kʲ; de] /'kʲ-'te/</p> <p>['ke; rãna] /'keh-'tãn-ta/</p> <p>[kɛ'jɔʔ· n de] /kɛ'jɔjn-te/</p> <p>['ka; rãna] /'kah-'tãm-ta/</p> <p>['kɔji· de] /'kɔjn-'te/</p> <p>['kã; nãna] /'kãn-'tãn-ta/</p> <p>['ko:ʰ, re] /'koh-'te/</p> <p>[kɔ, lɔʔkɔ'lɔ· n dãda] /kɔ'lɔʔkɔ'lɔn-tãn-ta/</p>	<p>Coco da palmeira inajá</p> <p>Macaco noturno</p> <p>Ele está caçando</p> <p>Caititu</p> <p>Está azedo</p> <p>Formiga</p> <p>Está duro</p> <p>Tesoura</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Em contexto de fala rápida, em início de vocábulos, a velar pré-glotal [ʔk] pode ocorrer, pode flutuar também como velar plena [k]; • Em mesmo contexto, pode-se flutuar a velar sonora [g], ou a velar implosiva [ɠ], ou a velar surda [k], ou a velar surda pré-glotalizada [ʔk]. <ul style="list-style-type: none"> • Quando em meio de vocábulo, em contexto que envolve a consoante nasal lexical precedente, a realização de [g] é categórica; • Entre vogais, é possível que se encontre a variação entre [k] e [g], sendo a surda a preferencial e em maior número de realizações. 	<p>[kũ; ˢ de] /kũn-'te/</p> <p>[kɥ; ˢ de] /kɥn-'te/</p> <p>[ko'lo; re] ~ [ko'lo; re] /ko'loh-'te/</p> <p>[ʔka laʔka'la; re] ~ [ka laʔka'la; re] /ka'laʔka'la?'-te/</p> <p>[go'lo:ta taʔ,nã:na] ~ [ko'lo:ta taʔ, nãna] /ko'lon-sa'san-'tãn-ta/</p> <p>[gi:'nãna] ~ [ɠi:'nãna] /kɣn-'tãn-ta/</p> <p>[gi'faj, ˢ dãna] ~ [ɠi'faj, ˢ dãna] ~ [ki'faj, ˢ dãna] /ki'sajɲ-'tãn-ta/</p> <p>[mãgalo re] /mãn-ka'loh-'te/</p> <p>[jũ:ginĩ de] /jũn-ki'nĩn-'te/</p> <p>[wa'ka; de] /wa'ka-'te/</p>	<p>É pintado</p> <p>Timbó do campo</p> <p>Algodão</p> <p>Barata</p> <p>Galinha</p> <p>Está maduro</p> <p>Está coçando</p> <p>Está pontudo</p> <p>Roupa</p>
--	--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Em onset da sílaba acentuada em final de vocábulo, /k/ pode se realizar [k^h]. 	<p>[lu'ká] de] /lu'kaj̃-'te/</p> <p>[na'ká; ⁿ de] ~ [na'ga; ⁿ de] /na'kã̃-'te/</p> <p>[iwgu'la; rã̃n] /iwku'lah-'tã̃n/</p> <p>[j?gã'la?ga , nã̃] /i?kã'lan-ka-nã̃/</p> <p>[ɛ'tu? da 'jowi k^h ɛ̃] /'ajh'tu 'ta-jaw-wi-'kã̃/</p>	<p>Pedra de gelo, granizo</p> <p>Garça</p> <p>Flecha</p> <p>Lagarto</p> <p>Ele subiu</p> <p>Eles estão brincando</p> <p>Pega (o banco), vamos sentar</p>
<p>/ʔ/ - Plosiva, glotal, - anterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • É uma oclusiva glotal surda com realização [ʔ] que se restringe à posição de coda silábica;⁸¹ • Tem seu comportamento condicionado pela presença das consoantes adjacentes /p, t, k/; • Pode se realizar como [ʔ] em fala rápida, preceder a oclusiva velar surda /k/; • Como [j], quando a vogal nuclear for a média frontal /e/, ou a baixa /a/; • Como [w], quando a vogal nuclear for a média posterior /o/; 	<p>[ʔhu? , ka? , dã̃n] ~ [ʔhu: , ka? , dã̃n] /'hu?- 'kah-'tã̃n/</p> <p>[ki'di?ka; tã̃n] /'ki'ti?- 'kah-'tã̃n/</p> <p>[mã'lo? , tã̃n] ~ [mã'lo: , tã̃n] ~ [ma'lo^h; tã̃ni] /'mã̃n-'lo?- 'tã̃n/</p>	<p>É arco</p> <p>É furador</p> <p>Ele queimou</p>

⁸¹ A entre // e /s/ não foi observada na língua Latundê.

<p>• E favorecer a deleção de /ʔ/, motivando um alongamento que compensa a vogal nuclear; ou alongar, ainda, alongar esta vogal seguindo de leve aspiração.</p> <p>• A realização de [ʔ], nas alofonias acima, só é notada quando na sílaba na qual está presente quando apenas a oclusiva estiver no travamento silábico (CVʔ);</p> <p>Quando em posição de coda, pode assimilar o ponto da consoante seguinte e se realizar como [t] ou [d] diante de /t,n,l/ e [p] ou [b] diante de /m/. Neste caso, as realizações homorgânicas surdas são sempre preferenciais.</p>	<p>[wo'lo; te] ~ [wo'loʔ, te] /wo'loʔ-'te/</p> <p>[eɨ tã̃] ~ [e; tã̃] /eʔ-'tã̃/</p> <p>['wajkiŋi de] /'wajʔ-ki'nĩn-'te/</p> <p>['loʔ , tã̃] ~ ['lo; tã̃] ~ ['low,tã̃] /'loʔ-'tã̃/</p> <p>[ti'diʔ nã̃dã̃ nã̃] /'ta'tiʔ-'nã̃jɨ-'tã̃n-nã̃/</p> <p>['wã̃jɨnã̃ de] /'wã̃jɨ-'nã̃n-'te/</p> <p>['a:t , nã̃ dã̃na] /'ã̃ʔ'nã̃n-'tã̃n-ta/</p> <p>['ã̃:p, mõi dã̃na] ~ ['ã̃:b, mõi dã̃na] /'ã̃ʔmũn-'tã̃n-ta/</p>	<p>Espécie de pássaro</p> <p>Ele ralou</p> <p>Amendoin</p> <p>Ele afogou</p> <p>É raiz de mandioca</p> <p>Palha da palmeira açai</p> <p>Ele está chorando muito</p> <p>Ele está muito bonito</p>
<p>/h/- Fricativa, glotal, - anterior</p> <p>É fricativa glotal surda que, em início de sílaba, ocorre com as vogais /i, e, a, ɔ, o, u/;</p> <p>Quando em início de palavra e em sílaba acentuada, seguida de /i/, realiza-se como [ʒ];</p> <p>Quando entre vogais, realiza-se como</p>	<p>['hu; te] ~ ['hu: h, de] /'huʔ-'te/</p> <p>['hé] de] /'hejn-'te/</p>	<p>Arco</p> <p>Buriti</p>

<p>fricativa glotal sonora [h].</p> <p>Se vier em início de palavra, em fala rápida e em raízes dissilábicas na posição de onset de sílaba não acentuada, poderá ser apagado.</p> <p>Quando em onset de sílaba acentuada acompanhada de consoante nasal, assimila a nasalidade da consoante adjacente, sendo realizada como [ŋ].</p> <p>Em final de sílaba é produzido com pouca fricção. Em coda acentuada motiva o alongamento da vogal com frequência, como resultado teremos uma vogal com leve aspiração. Demais realizações de /h/ em coda tendem a seguir o comportamento da oclusiva glotal /ʔ/.</p>	<p>[hata̯ tã̃n] /hat-ta-'tã̃n]</p> <p>[h̥a̯: de] /h̥an-'te/</p> <p>[ho'fo: h̥ de] /ho'hoʔ-'te/</p> <p>[hi: r e] ~ [ʔi: re] /hih-'te/</p> <p>[hi'wa: n̥ de] ~ [i'wa: n̥ de] /hi'wan-'te/</p> <p>[he'mj̃: n̥ de] ~ [e'mj̃: n̥ de] /he'mj̃n-'te/</p> <p>[ɛ: hejd'ŋa̯] /ajh#hejn-'ha/</p> <p>[o: h̥ dã̃da] /õhna-'tã̃n-ta/</p> <p>[lo: h̥ 'tã̃ n̋a̯] /loh-'tã̃n-n̋a̯/</p> <p>[ʃi: h̥ , re] /sih̥- te/</p> <p>[ke: h̥ , ã̃n] ~ [ke: ã̃n]</p>	<p>Eu não tenho</p> <p>Cará</p> <p>Espécie de coruja</p> <p>Pau, lenha</p> <p>Gambá</p> <p>Couro</p> <p>Vamos lavar (algo)</p> <p>Está alto</p> <p>É onça</p>
--	--	---

	/keh-'tãn/	Casa
	[na'kad'ʔnã; nã] /na'kah'nãn-'nã/	Ele caçou
	['ka; rãn] /'kah-'tãn/	Ela ainda está chorando
	['naw, re] ~ ['nɔ, e] /'nãwh-'te/	Está azedo
	[we'dɛ; e] ~ [we'dɛʔ, re] /wa'tɛh-'te/	Lontra
	['sej, rã] /'sih-'tãn/	Espécie de tamanduá
		É largo

Quadro 13 : Descrição dos fonemas vocálicos orais (Com base em Telles, 2002)

<p>/i/ - vogal alta frontal e /j/ - vogal alta frontal laringal</p> <p>Realiza-se como [i] e [j], podem ser núcleo de sílaba e podem também iniciam palavras; /i/ segue qualquer consoante, enquanto /j/ ocorre apenas após as consoantes /m, k, h/; Quando a coda é apagada, realiza-se como [i:] compensando tal apagamento.</p>	<p>[, i:'rãn] /i-'tãn/</p> <p>['j: ˢ, dãnʌ] /'jin-'tãn-ta/</p> <p>['giw, la:da re] ~ [gi:, la de] /'kiwlah'-tah-'te/</p>	<p>Ele mordeu</p> <p>Está quente</p> <p>Cobra cascavel, espécie de cobra</p>
---	---	--

<p>/e/ - vogal média frontal e /ɛ/ - vogal média frontal laringal</p> <p>Realizam-se como [e] e [ɛ] e correm em início de palavras; Quando seguem consoantes, não se realizam após /p,m,n/; Também não foram detectadas diante de /s, l, h/; Ao serem seguidos pelo glide palatal /j/, favorecem a fusão entre as vogais e o glide realizando-se como [i:] e [j:]; O alongamento também se dá em casos de queda de coda.</p> <p>Em sílaba átona de morfemas dissílabos, poderá ocorrer harmonização entre a vogal média frontal e a vogal tônica mais alta da sílaba seguinte; Pode ocorrer harmonização entre a vogal da raiz lexical e a vogal do sufixo classificatório.</p>	<p>[e:, rã̃n] /e-'tã̃n/</p> <p>[e:'tã̃n] /ɛ?'-tã̃n/</p> <p>[sej'tã̃n] ~ [si:'tã̃n] /set-tã̃n/</p> <p>[we?kinĩ'de] ~ [wi?kinĩ'de] /wet-ki'nĩn-'te/</p> <p>[ke'nĩ:, de] ~ [ki'nĩ:, de] /ka'nĩn-'te/</p>	<p>Ele viu</p> <p>Ele fez fogo</p> <p>Ele falou</p> <p>Criança</p> <p>Esquilo</p>
<p>/a/ - vogal baixa central e /ạ/ - vogal baixa central laringal</p> <p>A vogal baixa central /a/ apresenta larga distribuição e segue qualquer consoante e os dois glides; A vogal baixa central laringal segue quase todas as consoantes e dos dois glides; Ambas iniciam palavras e apresentam várias alofonias, [a], [ʌ], [ɔ], [o], [u], [e], [ɛ], [æ], e [i], que podem ser ou não laringais, dependendo da vogal subjacente e da condição do tom e da harmonia vocálica; Quando em sílaba tônica, /a/ se realiza como [a], [ɔ] e [ɔ:]; [ɔ] pode ocorrer quando o núcleo vocálico /a/ assimila o traço labial da coda tautossilábica de /w/ A segunda variação [ɔ:] resulta da fusão</p>	<p>[a: ^hre] /ah-'te/</p> <p>[awde] ~ ['ɔ:, de] ~ ['ɔ?, de] /awh-'te/</p> <p>[, ạw'de] ~ [, ɔ:'de] ~ [ɔ?'de] /ạw-'te/</p> <p>['ạwm de] ~ [ɔ̣m de] ~ ['ɔ̣:m de] /ạwn-'te/</p>	<p>Espécie de abelha</p> <p>Gavião</p> <p>Flecha</p> <p>Louro</p>

<p>entre o núcleo /a/ e a coda /w/; O alongamento da vogal nuclear ou da coda é necessário à preservação do peso silábico para a aposição do acento.</p> <p>Em sílaba tônica, se a /a/ é seguida por /j/ na coda (núcleo do ditongo), pode se realizar como [a], [ɛ], [ɛ:] e [æ];</p> <p>Em sílaba átona, /a/ realiza-se como [ʌ] preferencialmente.</p> <p>Quanto em posição átona, /a/ se harmoniza com a vogal tônica da sílaba seguinte, quando esta for média ou alta; As realizações provenientes dessa harmonia vocálica são as vogais [i,e,o,u].</p> <p>O processo de assimilação pode ocorrer em início de sílaba átona fazendo com que /a/ se realize como [ɔ] a partir de segmento adjacente, seja tautossilábico ou não.</p>	<p>[, aj'rāna] ~ [, ɛ'āna] /ajh-'tān-ta/</p> <p>['aj̥ rān] ~ ['æ: ,rān] ~ ['ɛ: rān] /'ajh-'tān/</p> <p>[aj̥ 'ā̃m̩ dān] ~ [æ?'ā̃m̩ dān] /ajn # 'ā̃wn-'tān/</p> <p>[ɔ̣ ra?ɔ̣'ra?i dānʌ] ~ [ɔ̣ rɛ?ɔ̣'rɛ?i dānʌ] /wa'tajwa'tajn-'tān-ta/</p> <p>[wɔ̣'da?,ⁿde] ~ [wa'da?,ⁿde] /wa'tan-'te/</p> <p>['j:̃ⁿ dānʌ] /'jn-'tān-ta/</p> <p>[tʌ'lawm̩ nānʌ] /ta'lawn-'tān-ta/</p> <p>[ki'mi: rāna] ~ [kɔ'mi: rāna] /ka'mih-'tān-ta/</p> <p>[wa'liŋ de] ~ [we'li: de] /wa'lin-'te/</p> <p>[tʌ'low nāna] ~ [to'low nānʌ] /ta'lown-'tān-ta/</p> <p>[tu'nu: rāni] /ta'nūh-'tān/</p>	<p>É roça</p> <p>Ele foi</p> <p>Ele assou peixe</p> <p>É fino</p> <p>Panela</p> <p>Está quente</p> <p>Está grosso</p> <p>Estação seca</p> <p>Tamanduá</p>
--	---	---

<p>Devido à labialização de /a/, a realização resultante sofre assimilação de palatalização, altura de glide precedente ou se funde quando o glide é tautossilábico e ocupa onset de sílaba em que /a/ é a vogal nuclear.</p>	<p>[kʌ'maʔ, mā; ⁿ de] ~ [kɔ'maʔ, mā; ⁿ de] /ka'ma-'mān-'te/ [ɔ, raʔɔ'raʔi dānʌ] ~ [ɔ, rɛʔɔ'rɛʔi dānʌ] /wa'tajwa'tajn-'tān-ta/ [wa'da: ⁿ de] ~ [wɔ'da: ⁿ de] /wa'tan-'te/ [je'da: , ⁿ de] ~ [zi'da: , ⁿ de] ~ [i:'da: ⁿ de]</p>	<p>Está terminado Ele deu Borboleta É fino Panela, cabaça Espécie de veado</p>
<p>/o/ - vogal média fechada posterior e /ɔ/ - vogal média fechada laringal</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizam-se [o] e [ɔ] respectivamente; • Não se realizam após as consoantes nasais /m,n/; • /ɔ/ só foi realizada após as consoantes /t, l, k/; • Ambas podem ser realizadas em início de vocábulo; • As realizações [o:] e [ɔ:] são resultados do alongamento compensatório que provem da delação de coda. 	<p>['o: rān] /'oh-'tān/ ['ɔ: te] /'ɔh-'te/ ['ko: ⁿ de] ~ ['kow, ⁿ de] /'kon-'te/</p>	<p>Ele misturou massa Macuco Espécie Jabuti</p>
<p>/u/ - vogal alta posterior e /u/ - vogal alta posterior laringal</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentam larga frequência nas realizações; • /u/ segue qualquer consoante; 	<p>[kɛ'ju; re] /ke'juh-'te/</p>	<p>Macaco da noite</p>

<ul style="list-style-type: none"> • /y/ ocorre após /m, n, s, k, j/; • Ambas iniciam palavras; • As realizações alongadas [u:] e [y:] são provenientes de alongamento compensatório, quando a coda é elidida. 	<p>[ⁿ'kɥ: dãnʌ] ~ [ⁿ'kɥ: dãnʌ]</p> <p>/ⁿ'kɥn-'tãn-ta/</p>	<p>Ele está fumando</p>
---	--	-------------------------

Quadro 14: Descrição dos fonemas vocálicos nasais (Com base em Telles, 2002)

<p>/ĩ/ - vogal nasal alta anterior</p> <p>Sua ocorrência só fora verificada a partir do comportamento do morfema /ĩ-/ , que é uma raiz lexical semanticamente vazia, prefixada a morfemas classificadores nominais para funcionar como núcleo nominal;</p> <p>A subyacência de /ĩ-/ sem coda nasal pode ser evidenciada na sonorização opcional da oclusiva velar /k/; e no não alongamento da vogal /ĩ/.</p>	<p>[, ĩkalo:' re] ~ [, ĩgalo:'re]</p> <p>/ĩ-ka'loh-'te/</p>	<p>Tábua</p>
<p>/ã/ - vogal nasal baixa</p> <ul style="list-style-type: none"> • É encontrada a partir do condicionamento morfológico no prefixo verbal /ãl-/ ; • Este prefixo tem valor causativo / resultativo. <p>• Quanto à subyacência de /ã/, pode-se interpretar que a realização do morfema agentivo [ãl-, ã-] está condicionada ao segmento inicial da raiz lexical a qual o prefixo se apõe;</p>	<p>[ã, loʷ'tãnʌ] ~ [ã , lo:'tãnʌ]</p> <p>/ãl-awt-'tãn-ta/</p> <p>[ã laĩⁿ dãnʌ] ~ [ã laĩⁿ dãnʌ]</p> <p>/ãl-ajn-'tãn-ta/</p> <p>[ã'lo: tãnʌ] ~ [ã'lo: tãnʌ]</p> <p>/ãl-'lo?-tãn-ta/</p> <p>[ãmũ'maj, nɔ]</p> <p>/ãl-mu'ma?-nɔ/</p> <p>[ũ'ba: tãnʌ] ~ [ã'ba: tãnʌ]</p> <p>/ãl-'pat-'tãn-ta/</p> <p>[nãĩ'de] ~ [nãĩⁿ de]</p> <p>/nãijn-'te/</p>	<p>Está / foi quebrado (algo)</p> <p>Está / foi cortado (algo)</p> <p>Está / foi afundado (algo)</p> <p>Está / foi amansado (algo)</p> <p>Está / foi colocado (algo)</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Quando a raiz verbal é iniciada por vogal, a forma sobrejacente é [ã-]; quando a raiz verbal é iniciada por vogal, a forma sobrejacente é [ãl-]; • Outra forma de ocorrência da vogal /ã/ é confirmada na base do contraste entre os ditongos orais /aj, aw/ e nasais /ãj, ãw/, mesmo quando seguidos por coda nasal formando as sequências /ajn, awn, ãjn, ãwn/. 	<p>[a jⁿ dāni] ~ [ã jⁿ dāni] /ajn-'tān/</p> <p>['jāwᵐ de] ~ ['jām,de] /'jāwn-'te/</p> <p>['wawᵐ dāna] ~ ['wɔwᵐ dāna] /'wawn-'tān-ta/</p>	<p>Pacu, espécie de peixe</p> <p>Ele cortou (algo)</p> <p>Espécie de larva</p> <p>Está vermelho, amarelo</p>
<p>/ũ/ - vogal nasal alta posterior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observada a partir da construção interna e comportamento do morfema prefixal /nũh/ - possessivo de 1pp e de seu homófono /nũh/ - verbo adjetival 'estar só'. • Quanto à subjacência de /u/ , é observada quando a coda fricativa glotal é ressilibificada ao se afixar à raiz iniciada por vogal ou glide. 	<p>[nũ:'hju?, te] /'nũh-'ju-'te/</p> <p>[, nũ:'haj rã] /'nũh'ajh-ø-'tān/</p>	<p>Nossos pés</p> <p>Ele vai sozinho</p>

5.4 FONOLOGIA DO PORTUGUÊS

Diferentemente do Latundê, o sistema fonológico do português é formado, conforme Câmara Jr. (1970, p.33 – 34) por sete vogais, que se mantêm na mesma quantidade em posição tônica, que são reduzidas a cinco quando em posição tônica diante de nasal, em posição pretônica, em posição postônica não-final e em postônica final.

Quadro 15: Vogais no Português (Câmara Jr., 1970)

Não-arredondadas		Arredondadas		
Altas	/i/		/u/	
Médias Altas	/e/		/o/	2º Grau

Médias Baixas	/ɛ/		/ɔ/	1º Grau
Baixa		/a/		
	Anterior	Central	Posterior	

Quanto aos segmentos consonantais, o português dispõe, de acordo com Lopez, 1979, p.54,⁸² de vinte e dois fonemas que ocupam as posições de onset e coda. Os segmentos consonantais são classificados quanto ao modo e ao ponto de articulação.

Os segmentos consonantais do português ainda podem ser influenciados por articulações secundárias: labialização, palatalização, velarização e dentalização.

Quadro 16: Consoantes no Português (Silva, 2002)

Articulação	Bilabial	Labiodental	Dental ou alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			k g	
Africada				tʃ dʒ			
Fricativa		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
Nasal	m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe			r				
Vibrante			ʀ				
Retroflexa			ɻ				
Lateral			l ɭ		ʎ lʝ		

⁸² Apud Bisol, 1996, p.198.

5.5 COMPARAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS FONÉTICOS DO PORTUGUÊS E DO LATUNDÊ

Passemos então à comparação ds sistemas fonológicos do Português e do Latundê para melhor compreensão dos processos fonéticos oriundos desse contato.

Quadro 17: Sistemas consonantais x Sistemas vocálicos

	Consoantes	Vogais
Português	p b m w t d s z l j n f v r k g h ɲ ɲ λ X	a ε e i ɔ o u
Latundê	p m w t s l j n k h ?	a ã ɔ ã e ɛ i ɨ j ɨ o ɔ u ã y ã

Como podemos perceber, as línguas apresentam padrões distintos no que tange à quantidade de segmentos consonantais e de segmentos vocálicos. O português é uma língua com mais consoantes, enquanto o Latundê é uma língua extremamente vocálica.

No que tange aos fonemas consonantais, o Latundê não apresenta muitos dos fonemas vozeados que compõem os pares mínimos, além das labiodentais [f, v]. Também não apresenta as fricativas alvopalatais [ʃ, ʒ] nem as palatais nasal e lateral [ɲ, λ].

O português não dispõe de vogais laringais, enquanto o Latundê tem o seu inventário basicamente composto por elas.

A disposição e presença desses elementos têm uma ligação direta com os processos fonológicos ocorrentes o português resultante do contato do Português com o Latundê como veremos no capítulo VI.

6 PROCESSOS FONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS FALADO PELOS LATUNDÊ

“Como a língua está a todo momento se equilibrando entre tendências potencialmente conflitantes, e até mesmo opostas, está sujeita a sofrer mudanças, pois esse equilíbrio pode vir a ser alterado por qualquer tipo de fator, interno ou externo”.

Chagas (2004, p. 151)

6.1 INTRODUÇÃO

É senso comum entre os estudiosos que as línguas mudam em diversos aspectos. Certamente, a variação e a mudança lhes são inerentes, conforme Cezario & Votre (2008, p. 141).

Em face da mudança, a assertiva acima abarca um conjunto de motivações internas a uma dada língua, bem como outras decorrentes de forças externas, em que se inserem aquelas oriundas do contato linguístico. Isso nos chama a atenção para o fato de que além do fator tempo, outros aspectos podem estar diretamente ligados às transformações pelas quais uma língua passa.

A forma como as mudanças sonoras operam na língua é tema de discussão há séculos. Sobre essa temática, Labov (1981, p.269) nos diz que:

Sound change appears to be systematic, in that a particular change affects all eligible words in a lexicon (McMahon, 1994). It is not known, however, how this process takes place. A group of 19th century German linguists, called the Neogrammarians, originally proposed that sound change occurs abruptly across the lexicon. This view is still accepted by many linguists (e.g. Hock, 1991; Labov, 1994). In contrast, others have argued that sound change spreads gradually across the lexicon (e.g. Chen & Wang, 1975; Krishnamurti, 1978). The same language data is sometimes used to support each hypothesis. For instance, the

English Great Vowel Shift, which brought about a series of vowel changes in Early Modern English, is used as an example of gradual change (Ogura, 1987; Aitchison, 1991) as well as abrupt change (Hock, 1991; Labov, 1994). So, the argument over whether sound change occurs abruptly or gradually presents a paradox: "both (views) are right, but both cannot be right: 269."

A discussão acerca da natureza da mudança sonora, no sentido das duas visões pontuadas acima, ainda alcança uma dimensão mais larga quando o contato intersocietário é considerado. As implicações que a variação assume quando a emergência das escolhas linguísticas envolve o impacto das interações entre línguas são multifatoriais. Devido à complexidade das transformações linguísticas, não podemos estabelecer um único molde para explicar estas modificações, haja vista que cada caso é particular quando tratamos de mudança linguística.

Como fora tratado no capítulo sobre "Contato linguístico", o encontro de duas ou mais línguas pode resultar, ou não, em outras línguas. O nível de interferência oriundo do contato pode fazer com que uma das línguas desapareça, o que ocasionaria a sua morte; e geralmente, neste caso, sobreviveria a língua do dominador; ou, a permanência dos dois códigos linguísticos tal qual ocorre entre os Latundê.

A complexidade da fusão de duas línguas desencadeia, por si só, uma série de processos que perpassa os diferentes níveis da gramática. No entanto, é no nível fonético / fonológico que estes processos são provavelmente mais evidentes e mais frutíferos. Sendo assim, podemos afirmar que os níveis fonéticos e fonológicos apresentam o maior índice de mudança e variação de uma língua. Por outro lado, de acordo com Cavaliere (2005, p. 56):

Os estudos desses processos nos auxiliam, enquanto estudiosos da língua, a entender como se comporta a mudança da língua, mediante verificação dos fatos ocorridos no passado que se mantêm no presente, bem como os que não mais se manifestam as mudanças dos sons nos usos hodiernos.

A análise realizada dos processos fonológicos do Português falado pelos Latundê terá como base a estrutura silábica do Português e do Latundê. Para a análise, consideramos útil adotar a classificação tradicional dos processos fônicos, encontrados na linguística histórica (HOCK,1991), por nomear em detalhe os variados tipos de processos observados. Além disso, nos pautamos nos trabalhos de Spencer (1996) e Lass (2000), que associam reflexões mais abstratas para explicar as ocorrências encontradas. Esclarecemos que não é nosso propósito realizar uma análise fonológica per se. Neste trabalho, partimos da descrição dos processos fonológicos operantes a fim de refletir sobre o resultado do contato linguístico de uma língua minoritária (o Latundê) com uma língua sociohistoricamente dominante: o português, e avaliar o papel da marcação linguística no contexto da interferência. Os dados, como já afirmamos, fazem parte do acervo do NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas) da UFPE.

Para uma melhor compreensão, a análise dos fenômenos observados segue distribuída em quatro subgrupos que envolvem os processos fonético-fonológicos observados: i) perda de elementos, ii) ganho; iii) alteração (transposição ou permuta), que estão diretamente ligados aos processos fonológicos de: assimilação (progressiva e regressiva), fortalecimento, lenição, apagamento, inserção e coalescência. A classificação desses processos nos remete à terminologia clássica da linguística de base.

6.1.1 Perda de elementos

Seguindo a tendência das línguas do mundo, os processos que envolvem perda de elementos também são os mais recorrentes no português falado pelos Latundê. Dessa feita, estes processos são os que têm uma relação direta com a estrutura silábica do Português que se vê obrigada a rearranjar os componentes da sílaba para o padrão (CV).

Quanto à marcação, o português assimilado pelos Latundê nem sempre tende a preservar os padrões mais marcados de sua língua, conforme descrição nos processos que se seguem.

6.1.1.1 Monotongação

Assim como no Português, a monotongação é um processo natural e bastante atuante no Latundê, que é uma língua propensa a tal fenômeno. *É uma tendência geral observada na produção da fala da comunidade Latundê, verifica-se que os ditongos crescentes e decrescentes estão sendo frequentemente fusionados, realizando-se como monotongos.* (TELLES, 2002, p.100 - 102).

Quanto aos ditongos crescentes, Telles (*idem*, p. 103) afirma que a tendência ao processo de monotongação em ditongos crescentes é quase categórica nas sílabas átonas de raízes dissilábicas, quando a vogal nuclear é a central baixa /a/.

Outros aspectos observados pela autora, que fazem menção à monotongação, apontam que a geração pós-contato realizam sistematicamente e com frequência

a fusão entre os ditongos decrescentes. Os ditongos /aw, əw, aj, əj/ são os que mais regularmente sofrem processo, dos quais decorrem as realizações médias baixas [ɔ, ɔ̃, ε, ɛ̃] que não fazem parte do inventário fonológico das vogais do Latundê.

Os ditongos /iw, ow/ que ocorrem em menor frequência são mais marcados. Nestes a monotongação se dá com a preservação da vogal do núcleo /i, o/. O ditongo /ej/ apresenta pouquíssimos casos de fusão, mantendo a qualidade do glide, diferentemente dos demais ditongos que são constituídos por vogais não baixas. Sua realização será a vogal alta anterior [i].

Apresentamos abaixo os dados apresentados por Telles (*idem*, 101) onde os resultados fonéticos do processo de monotongação são mais frequentes.

Quadro 18: Resultado mais frequente do processo de monotongação em Latundê

aw > ɔ	[‘ɔ:,re]	/’awh-‘te/	<i>Gavião</i>
əw > ɔ̃	[,ɔ:’de]	/əw-‘te/	<i>Fleche</i>
aj > ε	[,ε:’rãna]	/ajh-‘tãn-ta/	<i>é roça</i>
aj > ɛ̃	[,ɛ:’rãna]	/’əjh-‘tãn-ta/	<i>ele tem andado</i>
iw > i	[‘gi:,la:,de]	/’kiwlah-‘te/	<i>cobra cascavel</i>
ow > o	[to’lo:,dãna]	/ta’lowh-‘tãn-ta/	<i>ele tem terminado</i>

Em tritongos, a fusão é mais frequente quando o glide labial /w/ preenche a posição da coda, diferentemente da palatal /j/ que pouco se funde. Nos dois casos a fusão se dá apenas com o apagamento do glide pós-nuclear.

No que se refere ao comportamento de ditongos decrescentes diante de consoante nasal tautossilábica, podem ocorrer diferentes manifestações de superfície a depender do ponto do glide. Se os ditongos decrescentes terminarem com glide lábio-dorsal /w/ e seguidos por elemento nasal tautossilábico /awn, ɔwn, ãwn, own/ apagarão o glide da coda e a vogal nuclear preservará o ponto de articulação.

Caso o ditongo seja oral, a realização preferencial será a da manutenção do ditongo, com o glide ocorrendo na superfície. Se o ditongo for nasal, o glide pode ser nasalizado regressivamente. Todavia, a realização preferencial será o glide.

Em preferência, o glide /j/ é mantido conservando sua palatalidade em ditongos decrescentes que terminam com o glide /j/ constituindo os ditongos /ajn, ɔjn, ãjn, ejn/.

Os glides /w,j/ na posição de *onset* podem ser consonantizados. O glide /j/ não se apresenta como fator motivador para este processo. Nos poucos casos apresentados, a vogal nuclear é a anterior /e/ ou a central /a/.

De acordo com a literatura existente para o Português, a monotongação se aplica a todos os ditongos. Entretanto, alguns contextos licenciam o processo enquanto outros o bloqueiam. No português falado pelos Latundê, os ditongos decrescentes orais⁸³, assim como no português, de longe, foram os mais monotongados. Além destes, o ditongo nasal decrescente [ãw], tanto em final de verbos quanto de nomes mostrou-se recorrente na redução.

⁸³ [aj],[aw], [ej], [ew], [ow], [oj]

Enquanto processo natural, a monotongação no português falado por Latundê visa simplificar os padrões silábicos mais marcados, sobretudo na posição final de vocábulos já que no Latundê não há a ocorrência deles.

Esclarecemos que os processos observados na fala dos Latundê que também ocorrem no português atual não foram incluídos nos dados discutidos neste capítulo, ressaltando-se situações nas quais eram necessários às nossas reflexões.

(1)	<i>[ke'me]</i>	queimei	
(2)	<i>[sã'grari]</i>	sangraram	
	<i>[fi'kari]</i>	ficaram	
(3)	<i>[fa'kõ]</i>	facão	De acordo com os exemplos acima, o processo de monotongação pode se dar de duas formas: i) apagamento de um segmento, geralmente o glide; ii) fusão de elementos.
	<i>[mõ]</i>	mão	
	<i>[kora'sõ]</i>	coração	
	<i>[grã'dõ]</i>	grandão	
	<i>[tuba'rõ]</i>	tubarão	
(4)	<i>['kaze]</i>	causa	
(5)	<i>['note]</i>	noite	
(6)	<i>['taba]</i>	tábua	Os ditongos mais propensos à
(7)	<i>'mãø mã'dava</i>	mãe mandava	monotongação são os

decrecentes. Quanto às classes de palavras, os ditongos presentes nas formas verbais são mais frequentemente monotongados.

No português, o processo de monotongação é operante, porém há restrições que não coincidem com o observado na fala dos Latundê. Bisol (2001, p. 112) afirma

que apenas os ditongos decrescentes são verdadeiros. Os crescentes, de acordo com ela, seriam falsos, pois podem ser realizados como hiato e têm variação livre. Além disso, com respeito aos ditongos decrescentes, a autora ainda considera que há dois diferentes tipos de ditongos: um considerado pesado, que não sofre redução (leite), e outro, leve, passível de redução (couro). Ela elenca alguns ambientes que condicionam a monotongação, como a presença da tepe ou da palatal em posição seguinte.

Entretanto, os dados de (1) a (7), acima, nos mostram ocorrências da monotongação em contextos muito distintos do que ocorre em Português. Sobre estes, avaliamos sua ocorrência como segue.

Quando em final de vocábulos, principalmente nas formas verbais do passado simples, conforme visto em (2), o que ocorre não é um fenômeno de monotongação, em que se espera o apagamento de um dos segmentos ou a fusão dos formadores do ditongo. Nos dados em (2), entretanto, encontra-se a substituição do ditongo por um segmento que articulatoriamente não deriva da estrutura lexical. A vogal anterior, com traço de ponto coronal⁸⁴, realizada em *[fi'kari]* “ficaram”, *[sã'grari]* “sangraram” ocorre em posição átona final. Essa realização pode ser decorrente do espraçamento da coronalidade da consoante precedente. Outros aspectos de relevo para explicar esse fenômeno são a posição final dos segmentos e a atonicidade. Esses condicionantes favorecem a substituição total do ditongo nasal para a vogal anterior alta. Essa produção é

⁸⁴ Assumimos largamente neste trabalho a terminologia da fonologia clássica estrutural (GLEASON, 1969). Entretanto, termos mais técnicos, provenientes da teoria dos traços distintivos (JAKOBSON, 1952; CHOMSKY e HALE, 1968) são introduzidos quando favorecem a elucidação dos fatos. Da mesma forma, ocasionalmente, nos referimos a processos ancorados na fonologia pós-gerativa (CLEMENTS e HUME, 1995).

restrita à fala dos indígenas da geração pré-contato que adquiriram o português pelo menos no início da idade adulta.

A relevância da tonicidade também se evidencia nos dados em (3). Nesses casos ([fa'kõ] “facção”, [mõ] “mão”, [kora'sõ] “coração”), apesar de o ditongo nasal /ãw/ sofrer a fusão, passando a ser realizado [õ], a posição do acento preserva a identidade de parte da estrutura: nasalização e posteriorização com arredondamento. A tendência à preservação da estrutura também é encontrada no dado em (1). A monotongação na sílaba tônica preserva a qualidade da vogal nuclear em [ke'me] “queimei”.

O Latundê evita coda. Esse comportamento se alinha à ideia de que *The CV syllable is a prototypical example, widely considered to be the universally unmarked syllable type.* (HUME, 2004).

A monotongação do ditongo nasal /ãj/, em *mãj* > *mã*, não é encontrado regularmente na fala latundê. Esse fenômeno deve ter sido engatilhado pela junção externa na qual se observa que a sílaba da palavra seguinte contém sequência fônica semelhante à da sílaba que sofreu supressão da semivogal.

Um mesmo ditongo pode ou não apresentar diferentes realizações em cada línguas. Por exemplo, os ditongos /aw, ãw, aj, ãj/, que existem tanto no Latundê quanto no Português, se comportam da seguinte forma:

Quadro 19: Comportamento dos ditongos /aw, ãw, aj, ãj/ em Latundê

aw > ɔ	[ˈɔ:,re]	/ 'awh-te/	'gavião'
ãw > ãw ~ AM	['jãwmde] ~ ['jãmde]	/ 'jãwm-te/	'larva'
aj > ε	[,e: 'rãna]	/ 'ajh- 'tãn-ta/	'é roça'
ãj > ãj ~ ãj	[,ãj 'dãni] ~ [ãj ⁿ 'dãni]	/ 'ãjn-tãn/	'ele cortou'

Quadro 20: Comportamento dos ditongos /aw, ãw, aj, ãj/ em Latundê

aw > aw	['paw]	/pau/	'pau'
ãw > õ	['sõ]	/sãw/	'são'
ãw > i	[sã'grari]	/sangrarãw/	'sangrarão'
ãj > ãj	['mãj]	/mãj/	'mãe'
aj > aj	['paj]	/pai/	'pai'

Os ditongos /aw/, em posição do acento, resultam nas vogais médias baixas /ɔ/ e /ɛ/, no próprio Latundê, mesmo sendo essas vogais mais marcadas e não fonológicas na língua. Entretanto, no português, esses ditongos não sofrem processo de fusão quando ocorrem em sílaba tônica.

A única vogal nasal constatada na redução do ditongo é [õ], resultante do ditongo decrescente nasal /ãw/. Neste caso, é própria vogal nasal que favorece a vogal resultante da fusão.

Diferentemente do Português, em Latundê, os ditongos não se realizam em fim de vocábulos. Desta forma, o Português falado por Latundê tende a seguir o que é posto no Português utilizando as vogais menos marcadas: [sãgrari] ~ *sangraram*, [de'sarõ] ~ *deixaram*.

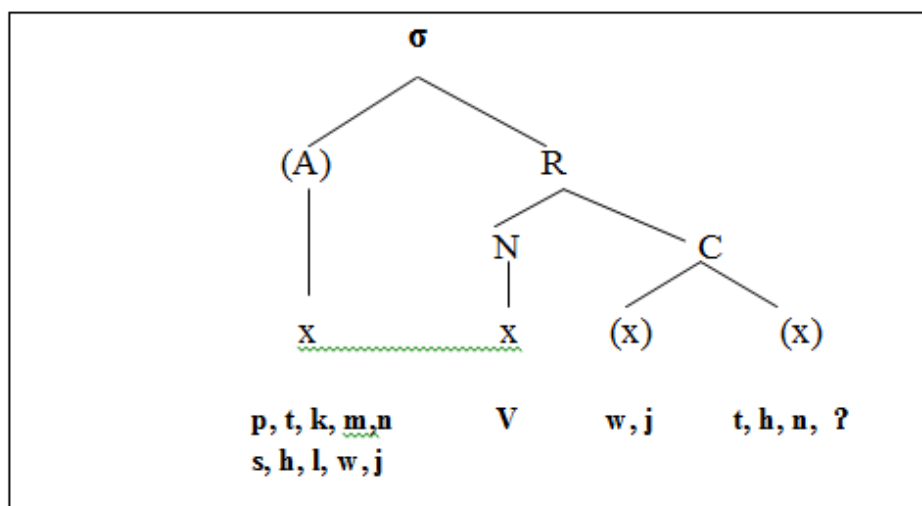
O que podemos verificar, quanto à monotongação, é que em termos gerais o Latundê não transfere os traços e características mais marcadas na língua para o Português falado por eles.

6.1.1.2 Síncope em *onset* complexo de // e /r/

A redução do *onset* complexo em Português falado pelos Latundê é um processo muito comum, que se dá devido a não aceitação de um segundo elemento no *onset*. Como podemos observar, é um processo variante que está atrelado à reorganização da sílaba e que é passível de sistematicidade.

De acordo com Telles (2002, p.105) a estrutura silábica do Latundê permite a composição de seis padrões: /V/, /VC/, /VCC/, /CV/, /CVC/, /CVCC/, que se incluem na extensão (C)V(C)(C), que podem ser representados de acordo com estrutura silábica descrita abaixo:

Figura 17: Estrutura silábica do Latundê

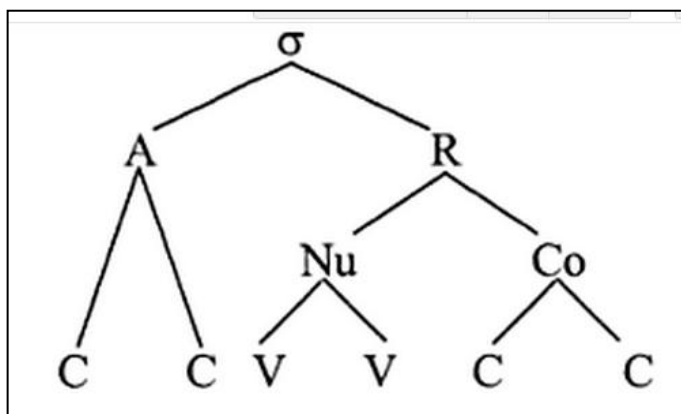


Os elementos que se encontram entre parênteses são opcionais. Em Latundê, as seqüências /CV/, /V/, /VC/, /CVC/, /VCC/ e /CVCC/ ocorrem com frequência,

sendo os dois primeiros padrões os mais frequentes. Isso nos mostra o quanto o Latundê evita *onsets* complexos e codas.

A estrutura silábica do português, de acordo com Mattoso Câmara (1969), define o molde silábico CCVCC, conforme figura abaixo:

Figura 18: Estrutura silábica do Latundê (Câmara-Júnior)



Seguindo a proposta de Mattoso Câmara, com respeito à distribuição interna dos constituintes da sílaba, as únicas consoantes que preenchem a segunda posição do onset são as líquidas // e /r/. A coda pode ser preenchida pelas consoantes // e pelos arquifonemas /R, S, N/.

No Latundê o grupo consonantal no onset não é fonológico. Entretanto, é atestada a ocorrência dos [tr, dr, kr, gr] no plano fonético, como resultado da redução em sílaba pretônica de sufixo nominal e verbal. A formação de *onset* complexo é estrutura marcada no Latundê, como também interlinguisticamente.

A estrutura mais complexa e menos frequente (marcada) do encontro consonantal no onset tende a ser simplificada no português falado pelos Latundê. Como

podemos observar em (8) e (9), os grupos consonantais são pronunciados como um só elemento. Trata-se do apagamento da tepe e da lateral líquida. É um processo em acomodação que está diretamente ligado à faixa etária dos falantes. Assim, os mais novos seguem a tendência de pronunciar o *onset* complexo, diferentemente dos mais velhos.

- | | | |
|-----|--------------------|------------------|
| (8) | <i>[bĩ'kãhŮ]</i> | <i>brincando</i> |
| | <i>['détŮ]</i> | <i>dentro</i> |
| | <i>[kɛ'baɾŮ]</i> | <i>quebraram</i> |
| | <i>['otŮ]</i> | <i>outro</i> |
| (9) | <i>['buza]</i> | <i>blusa</i> |
| | <i>[bici'ketɪ]</i> | <i>bicicleta</i> |

Embora a redução do onset complexo seja um fenômeno variável para algumas variedades do português, as realizações acima não correspondem à fala de adultos, sendo resultantes no processo da aquisição da língua.

Já entre os Latundê, são os mais velhos que apresentam a realização do onset simplificado, como um fenômeno variável, conforme observamos em (10):

- | | | |
|------|---------------------|--------------------|
| (10) | <i>[b r ĩ'karŮ]</i> | <i>brincaram</i> |
| | <i>[sõbra'sõ]</i> | <i>assombração</i> |
| | <i>[pɾi'mɛɾɪ]</i> | <i>primeiro</i> |
| | <i>[fe'brŮ]</i> | <i>febre</i> |
| | <i>['fɾɛsa]</i> | <i>flecha</i> |

O rotacismo ($l > r$) da lateral, presente em 'flecha', acima, que é muito frequente no português menos escolarizado, também ocorre na fala dos indígenas.

6.1.1.3 Apagamento da coda

Em português, quatro elementos podem ocupar a posição de coda /R,S,l,N/, além dos glides /w,j/⁸⁵. Em Latundê, a coda pode ser ramificada, e são seis os segmentos que podem preencher o espaço da coda, os glides /w, j/ além das consoantes /t, h, n, ʔ/. Como a coda pode ter até duas posições preenchidas, os primeiros elementos são sempre, neste caso, os glides /w, j/. Embora a coda da sílaba fonológica possa ser preenchida pelas consoantes acima, o Latundê é uma língua que evita coda na superfície. O fenômeno que decorre dessa tendência é o alongamento compensatório (Clements e Hume, 1995):

- (11) [ˌnũ:ˈhjuːte]
 /ˈnũh-ju ʔ -te/ ‘nossos pés’

No dado acima podemos observar a não realização da coda fricativa glotal /h/ na marca de posse /nũh-/ e da coda oclusiva glotal / ʔ / o item lexical “pé” /ju ʔ /. Nos dois casos, o apagamento da coda é compensado pelo alongamento vocálico. No caso do morfema de posse, ocorre a ressilabação da coda fricativa.

Do ponto de vista da marcação, a sílaba menos marcada é a que apresenta o padrão CV (Hume, 2004, p. 183). O Latundê tem a tendência a seguir esse padrão, de forma que, para a língua, a coda, embora fonológica, é mais marcada.

A simplificação da estrutura mais marcada (presença de coda) é transferida para o português. Conforme os dados descritos abaixo, os segmentos que mais são apagados em posição de coda são os glides /j, w/ e as consoantes /h, s/. Como o

⁸⁵ Mattoso Câmara (1969) considera que os glides pertencem ao núcleo. Neste caso trata-se de um núcleo ramificado.

Latundê não tem na sua estrutura silábica a coda fricativa alveolar /s/, esse segmento não é licenciado no português dos indígenas (dados em 13). Esse fenômeno é categórico na fala dos mais velhos, e é variável na fala dos indígenas da geração pós-contato.

(12)	[mũto]	<i>muito</i>
	[koʀŭ]	<i>couro</i>
	[vo'to]	<i>voltou</i>
(13)	[du'mi]	<i>dormir</i>
	[pi'gũta]	<i>pergunta</i>
	[pota]	<i>porta</i>
	[kota]	<i>corta</i>
	[pɛtŭ]	<i>perto</i>
	[kõko'do]	<i>concordou</i>
	[ba'budŭ]	<i>barbudo</i>
(14)	[hipõ'dew]	<i>respondeu</i>
	[go'tozŭ]	<i>gostoso</i>
	[i'tɛla]	<i>Stella ([is'tɛla])</i>

A coda é um elemento universalmente marcado. No Latundê, a sua realização é em menor frequência do que o Português, apesar de sua larga presença na subjacência. O que percebemos ademais, é que o apagamento do /R/ e do /s/ em coda contribui para a elevação da vogal média pretônica tautossilábica, conforme os dados “*corta e porta*” em (12).

A regra abaixo sintetiza o comportamento da coda no português dos Latundê:

C ou V → [∅] / coda

Como vimos, no Português falado por Latundê qualquer consoante ou vogal poderá ser apagada em posição de coda. Esta regra tem se mostrado menos produtiva nas faixas etárias mais novas. Nessas gerações, o apagamento é mais produtivo quando coincide com a realização encontrada por nativos em português. ([ˈfo:sa] ‘força’)

6.1.1.4 Redução do gerúndio – Anteriorização da vogal final

A redução do gerúndio é um processo comum em alguns dialetos brasileiros, sobretudo em registro menos tenso. Esse é mais um processo que resulta no apagamento de segmentos. No português falado pelos Latundê, é praticamente categórica a ocorrência da assimilação da alveolar em gerúndio.

(15)	[falã̃n̩]	<i>falando</i>
	[bɾ ʔgã̃n̩]	<i>brigando</i>
	[kumẽ̃n̩]	<i>comendo</i>
	[beˈbẽ̃n̩]	<i>bebendo</i>
	[soˈɾ an̩]	<i>chorando</i>
	[meˈsen̩]	<i>mexendo</i>
	[mĩ̃fin̩]	<i>mentindo</i>

Por ser esse um fenômeno de larga frequência no português nativo, entendemos que a simplificação segmental da estrutura gerundiva não é surpreendente no português indígena. Entretanto, na produção da geração pré-contato, a assimilação total da oclusiva alveolar é acompanhada pela anteriorização da vogal final conforme dados a seguir:

(16)	<i>[dimurãɪ]</i>	<i>demorando</i>
	<i>[asinãɪ]</i>	<i>ensinando</i>
	<i>[tirãɪ]</i>	<i>tirando</i>
	<i>[kãtãɪ]</i>	<i>catando</i>
	<i>[kresẽɪ]</i>	<i>crescendo</i>

Para análise das ocorrências acima, precisamos considerar a estrutura do Latundê nessa língua, uma terminação verbal altamente produtiva é o morfema aspectual acentuado {-tãɪ}. Esse morfema pode ser seguido pelo morfema de modo neutro {-i}, resultando nas sequências {-tãɪi}, conforme exemplo abaixo:

(17)	<i>[ke'ja: ,da'rãɪ]</i>	<i>é milho deitado</i>
	<i>/ke'jat 'ta-tãɪ-i/</i>	<i>(espalhado no chão)</i>
	<i>milho deitar-imperfectivo-neutro</i>	

Como no Latundê o verbo (e nome) não termina em vogal posterior, tal restrição pode explicar a anteriorização do gerúndio do português.

6.1.1.5 Redução das palatais nasal e lateral

A redução das palatais nasal e lateral está diretamente ligada à não existência destes segmentos no inventário fonológico do Latundê. No entanto, Clements e Hume (1995) em seus estudos apontam estes fonemas como complexos do ponto de vista de seu comportamento.

Os segmentos /ɲ/ e /ʎ/ são consoantes mais marcadas. A não realização destas consoantes no Latundê já é um fator para a não realização no Português devido à complexidade inerente de tais segmentos. Enquanto segmentos mais complexos, as palatais são sujeitas ao enfraquecimento através da iotização (vocalização).

Mesmo no português, esse é um processo operante particularmente em variedades populares. Mattoso Câmara (1981, p. 149) descreve que se trata de:

“...mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses, há a iotização das consoantes molhadas /ʎ/ e /ɲ/, ex: mulher > muyé, nhonho > ioiô (africanismo)”.

Além da iotização, o português apresenta a despalatização da lateral em que /ʎ/ realiza-se [l], como em [mu'ɫɛ] ‘mulher’.

No português dos Latundê, o enfraquecimento se dá mais frequentemente pela iotização, como em (18). Estas realizações ocorrem na fala dos mais velhos, na geração anterior ao contato.

18)	[mu'jɛ]	<i>mulher</i>
	[ba'ruj]	<i>barulho</i>
	[oj'ãɲŭ]	<i>olhando</i>
	[vi'mej]	<i>vermelho</i>
(19)	['fila]	<i>filha</i>
	['fola]	<i>folha</i>

Weinreich (1953, p. 18) explica que, quando em sistemas fonéticos em contato, podem ocorrer os processos de reinterpretação de fone, que leva a substituição de segmento. É o que acontece nos exemplos acima.

Em (20) e (21), o processo de despalatalização resulta no apagamento total da palatal.

- | | | |
|------|--------------|--------------|
| (20) | <i>[miʊ]</i> | <i>milho</i> |
| | <i>[fii]</i> | <i>filho</i> |
| (21) | <i>[mia]</i> | <i>minha</i> |

A redução tem menos restrições se comparada com os fatos do português falado por nativo. Em (20), as ocorrências são atestadas no português enquanto primeira língua. Diante da vogal posterior, não apenas o apagamento da palatal pode ocorrer como também o da sílaba inteira. Em (21) observamos uma realização particular dos Latundê em que a consoante palatal nasal é apagada plenamente sem deixar vestígio nasal na vogal que a precede. Esse fato tem relação com a complexidade que envolve as nasais na língua indígena, a qual não coincide com os processos existentes no português.

No caso de (22), ocorre o apagamento da sílaba em que se encontra a palatal nasal do diminutivo é comum a variedades populares do português.

- | | | |
|------|--------------------|-------------------|
| (22) | <i>[piki'nĩĩ:]</i> | <i>pequeninho</i> |
| | <i>[fakĩ:]</i> | <i>faquinha</i> |

Como afirmamos no início da seção, os segmentos palatais não existem em Latundê, o que torna sua produção no Português falado pelos Latundê mais marcada e de difícil ocorrência.

6.1.1.6 Aférese

A aférese é um processo fonético que consiste na queda de elementos iniciais do vocábulo. Este processo que fora responsável pelas modificações fonéticas do Latim para o Português, ainda é atuante no estágio atual da língua.

A queda da sílaba inicial *es-* em verbos como *esperar* e *estar*; e do *a-* em vocábulos como *aqui* e *acabar* é muito comum em alguns dialetos brasileiros. Entretanto, este tipo de delação, no português falado pelos Latundê, se expande para outros vocábulos da língua, conforme os exemplos abaixo:

- | | | |
|------|-------------------|-------------------|
| (23) | <i>[ku'tãni]</i> | <i>escutando</i> |
| | <i>['kapa]</i> | <i>escapa</i> |
| | <i>[ka'po]</i> | <i>escapou</i> |
| | <i>[pe'rãnŮ]</i> | <i>esperando</i> |
| | <i>[pĩ'gada]</i> | <i>espingarda</i> |
| (24) | <i>[tu'piw]</i> | <i>entupiu</i> |
| | <i>[gã'no]</i> | <i>enganou</i> |
| | <i>[te'harŮ]</i> | <i>enterraram</i> |
| (25) | <i>['kɪ]</i> | <i>aqui</i> |
| | <i>['kelɪ]</i> | <i>aquele</i> |
| | <i>[bra'sadŮ]</i> | <i>abraçado</i> |
| | <i>[me'to]</i> | <i>aumentou</i> |
| | <i>[ko'dadŮ]</i> | <i>acordado</i> |
| | <i>[bãdo'no]</i> | <i>abandonou</i> |
| | <i>[ka'boʃe]</i> | <i>acabou-se</i> |
| (26) | <i>[fi'rẽtɪ]</i> | <i>diferente</i> |
| | <i>[pi'taw]</i> | <i>hospital</i> |

Não consta no inventário fonológico dessa língua a presença da fricativa alveolar surda em posição de coda. Essa restrição é transferida para o português falado por Latundê conforme (23).

Outra razão para esse fenômeno pode estar na estrutura prosódica da palavra no Latundê. Nessa língua, as palavras são monossilábicas ou dissilábicas. Raízes com mais de duas sílabas são raras (TELLES, 2002). Associado a isso, o acento é morfológico em raízes. Nas dissilábicas, o acento recai na segunda sílaba:

(27) ['mã̃ginĩde]

/ 'mãjn-ki' nĩn-te/

caju-redondo-Sufixo Nominal 'castanha de caju'

No dado (27) encontramos exemplos de raiz monossilábica e de raiz dissilábica. Já no português, há um número relevante de palavras trissílabas e polissílabas. Diante disso, a aférese pode ser uma interferência da estrutura do léxico da língua indígena para simplificar a estrutura do português - mais marcada no Latundê. Este fenômeno não afeta o acento e é operante, sobretudo, quando a sílaba inicial não tem *onset*.

6.1.1.7 Apócope

A apócope é uma das formas de apagamento de segmentos que está relacionada, assim como a aférese, a outros processos fonéticos.

A queda de elementos finais é uma das formas de redução ou reorganização silábica e de palavras. Assim como nos demais processos, a sílaba tônica é preservada de qualquer alteração.

Embora alguns processos explicados aqui tratem da apócope, como a redução do gerúndio e ditongo finais, ou apagamento da nasal palatal, a exemplo de (27), estes exemplos já foram mencionados nas seções anteriores. A presença deles aqui é para mostrar que os outros processos fonéticos resultam na apócope.

(28)	[ʒũ'taɾ]	<i>juntaram</i>
	[tu'dĩ]	<i>tudinho</i>
	[tĩ]	<i>tinha</i>
	[vɛj]	<i>velho</i>
	[kabe'sĩ]	<i>cabecinha</i>
	[nã]	<i>não</i>
	[mã]	<i>mãe</i>
(29)	[ve]	<i>ver</i>
	[kɛ]	<i>quer</i>
(30)	[nɔj]	<i>nós</i>
	[maj]	<i>mais</i>
	[di'fisɾ]	<i>difícil</i>
	[di'fisŮ]	<i>difícil</i>
	[tã'mẽj]	<i>também</i>
(31)	[vi'a]	<i>viado</i>
	[luɾ]	<i>Lurdes</i>
	[tej]	<i>dele</i>

Em (29), a apócope do /R/ final é processo muito comum no português atual. Diante de tal explicação, não nos cabe assegurar se o processo é próprio do

Latundê, ou se da variedade através da qual os indígenas adquiriram o português. Os dados em (30) também apontam para a interpretação dos dados mostrados em (29).

Em (31), os dados apresentam um apagamento incomum ao português de nativos. A fala espontânea e não tensa é uma possibilidade explicativa, uma vez que essas ocorrências não são sistemáticas.

Os dados de apócope não evidenciam a transferência de traços mais marcados do Latundê para o português.

6.1.1.8 Síncope⁸⁶

A forma mais comum deste processo se apresenta no português nas proparoxítonas. Em alguns dialetos, a depender do contexto linguístico, é categórico a ocorrência da redução interna no vocábulo.

Nos exemplos elencados em (32), no caso das proparoxítonas, tal redução é motivada pelo padrão acentual do português que permite com mais tolerância o padrão paroxítono ao proparoxítono, conforme Silva (2006, p.78).

Quando ocorrente no Português, este processo está relacionado ao apagamento da vogal postônica medial. Com a redução vocálica, a consoante precedente pode tomar dois caminhos: i) é incorporado à sílaba tônica, na posição de coda; ii)

⁸⁶ Os exemplos apresentados demonstram que o processo ocorrente é muito mais motivado pelo Português do que pelo Latundê. A nossa classificação fica aqui a caráter de registro.

passa a onset da sílaba átona seguinte, o que afeta sua constituição. O apagamento vocálico resulta em uma palavra paroxítona.

(32)	<i>[ˈmuʒka]</i>	<i>música</i>
	<i>[ˈhapũ]</i>	<i>rápido</i>
	<i>[ˈkOʃka]</i>	<i>cócega</i>
	<i>[ˈavri]</i>	<i>árvore</i>

Entendemos que muitas destas ocorrências no Latundê se dão pelo português de contato. Isso é confirmado pela produção de “música” e “cócega” que licencia uma restrição forte no Latundê: a fricativa sibilante em coda. Além disso, a produção de “rápido” (*[ˈhapũ]*) também coincide com a realização encontrada no português popular, na qual a consoante em *onset* da sílaba apagada passa a *onset* da sílaba seguinte devido à restrição no português de onda oclusiva.

6.1.2 Ganho de elementos (Inserção de elementos)

Embora em menor número, os processos que resultam em ganhos de elementos também ocorrem no Português falado pelos Latundê. São poucos os processos, e menores ainda os casos em que eles ocorrem. Isso pode ser explicado, como já fora dito, devido ao fato de as línguas em geral terem um dinamismo próprio que favorece mais à perda do que o ganho de elemento. Em alguns casos, a motivação para o ganho de material fonético são as restrições fonotáticas da língua e / ou a tendência à formação de padrão silábico menos marcado. No caso do português, de acordo com Collischonn (2004, p. 67), um tipo de ganho de material, precisamente, a epêntese vocálica,

ocorre mais quando a consoante perdida está em posição pretônica, como em objeto, magnético e opção, ocorrendo em apenas 24% dos vocábulos na posição postônica, em palavras como egípcios, étnico ou ritmo. Mais especificamente, estes resultados mostram que a epêntese, que em outros contextos

ocorre numa taxa bastante alta, é dramaticamente reduzida em posição postônica.

Exemplos do que a autora descreve seguem apresentados abaixo em (33). O primeiro dado traz a inserção da vogal epentética *default* no português, a anterior alta [i], e a segundo não ocorrência da inserção:

- | | | |
|------|---------------------|----------------|
| (33) | <i>['abi'suhdŮ]</i> | <i>absurdo</i> |
| | <i>[ko'lapisŮ]</i> | <i>colapso</i> |

A epêntese vocálica nos dados examinados não foi muito expressiva, sobretudo pelo fato de não termos encontrado um número significativo de palavras com encontro consonantal no léxico dos indígenas. Entretanto, alguns casos como em (34) ilustram a ocorrência no português dos Latundê.

- | | | |
|------|------------------|--------------|
| (34) | <i>['mɔgunŮ]</i> | <i>mogno</i> |
| (35) | <i>[pi'nɛw]</i> | <i>pneu</i> |

A estrutura que favorece a epêntese no português não faz parte das regras fonotáticas do Latundê, o que também pode favorecer a vogal epentética nos dados observados.

- | | | |
|------|-------------------|-----------------|
| (36) | <i>['há'pazi]</i> | <i>rapaz</i> |
| | <i>['há'pazŮ]</i> | <i>rapaz</i> |
| | <i>[pa'pejsɪ]</i> | <i>papéis</i> |
| | <i>[do'sejɪ]</i> | <i>de vocês</i> |
| | <i>['nɔjɪ]</i> | <i>nós</i> |

Diferentemente do que ocorre em (34 - 35), os dados de (36) nos direcionam para a paragoge, processo que se caracteriza pela inserção de elemento(s) no final do vocábulo. Este processo também está diretamente ligado à presença da fricativa alveolar desvozeada em coda, sendo esse segmento proibido nessa posição no Latundê. No caso citado, a inserção pode ser da vogal alta posterior, *rapaz* [hapazŮ], mas a preferência é pela vogal alta anterior, que é a vogal menos marcada, [hapazi] *rapaz, nós* [ˈnɔjzi].

Em (37), o processo de paragoge ocorre após o processo de monotongação, ocorrendo no ditongo [ãw] que passa a ser realizado como a vogal nasal média posterior, conforme discutido em 5.1.1.1. Após esse processo, há a inserção do consoante nasal seguida da vogal alta anterior. A paragoge é variável com a redução do ditongo ([tuba'rõ]). A inserção da sílaba final [-ni] pode decorrer da existência produtiva de terminação sonora semelhante em vocábulos (nominais e verbais) no Latundê.

(37) [tuba'rõni] *tubarão*

Em (38), o processo ocorrente é a prótese. Se para o processo inverso - a aférese - os dados são em maior quantidade, para a prótese são pouquíssimos os contextos em que ela ocorre. No caso deste exemplo, a prótese se dá a presença da vogal baixa diante do verbo. Este tipo de prótese é bem recorrente no Português, em dados como ([alem'bra]). Entretanto, o caráter pontual da ocorrência do fenômeno não favorece uma interpretação mais segura.

(38) [ato'maru] *tomaram*

Outra forma de ganho de elementos pode ser o prolongamento da vogal final. O exemplo de (39) nos mostra o prolongamento da vogal média anterior. Essa ocorrência foi observada no contexto específico de ênfase.

(39) [dese:] desse
 ['se:] esse

6.1.3 Alteração de elementos (Permuta ou transposição)

A alteração de elementos linguísticos é considerada na literatura histórica como o terceiro tipo de alternância fônica inerente às línguas. Os contextos em que o câmbio é permitido são diversos e direcionados por distintas regras fonológicas. Muitos desses processos não alteram a estrutura silábica nem atinge a estrutura lexical. O que ocorre de fato é a acomodação de alguns segmentos no dialeto falado, seja pela mudança de traço(s) ou seja pela de segmento(s).

6.1.3.1 Despalatalização de [j] e [ʒ]

Tratamos na seção 5.1.1.5 do processo da redução das palatais [ʎ] e [ɲ], que também se configura como um caso de despalatalização. Todavia, tal classificação se dá devido ao fato de está ligada à perda de elementos, enquanto a que trataremos agora se configura da permuta ou da redução de traços.

Em Latundê, a presença das palatais [ʃ] e [tʃ] são realizações de /s/. Estas podem vir em início e em meio de palavras. As realizações [ʃ] e [s] são preferidas pelos mais novos, enquanto os mais velhos optam pela africada alveolo-palatal surda.

Diferentemente, no Português falado por Latundê, as realizações não palatalizadas são preferidas. Os Latundê não transferem o segmento mais marcado para o Português. Contudo, conforme seção a seguir, veremos que este processo é variável e pode se dar em qualquer posição do vocábulo, conforme dados de (40).

(40)	<i>[se'go]</i>	<i>chegou</i>
	<i>[se'gamŮ]</i>	<i>chegamos</i>
	<i>[so'ranŮ]</i>	<i>chorando</i>
	<i>[su'paha]</i>	<i>chupava</i>
	<i>[sã'mãdŮ]</i>	<i>chamando</i>
	<i>[de'sarŮ]</i>	<i>deixaram</i>
	<i>[casueŕŮ]</i>	<i>cachoeira</i>
	<i>[me'senŮ]</i>	<i>mexendo</i>
	<i>['bisŮ]</i>	<i>bicho</i>
	<i>['baso]</i>	<i>baixo</i>
	<i>[de'basŮ]</i>	<i>debaixo</i>
	<i>['pesŮ]</i>	<i>peixe</i>
	<i>[di'so]</i>	<i>deixou</i>

Não consta no inventário fonológico do Latundê as consoantes /z/ e /ʒ/, de forma que a língua não apresenta oposição entre surda e sonora para as fricativas sibilantes. Em (41), o processo de despalatalização atinge a fricativa alveopalatal vozeada que passa a se comportar como fricativa alveolar em início de sílaba e em meio de palavras.

(41)	<i>[lizerŮ]</i>	<i>ligeiro</i>
------	-----------------	----------------

<i>['lõzi]</i>	<i>longe</i>
<i>['suzɪ]</i>	<i>suja</i>
<i>['suzu]</i>	<i>sujo</i>
<i>[azu'da]</i>	<i>ajudar</i>
<i>['zudia]</i>	<i>judia</i>
<i>[aze'ta]</i>	<i>ajeitar</i>

A escolha do segmento menos marcado segue o que ocorreu com /s/, a realização desses segmentos são adquiridos analogicamente e a presença se dá no interior do vocábulo. Trata-se da reinterpretação e acomodação do segmento. Neste caso, do menos marcado, já que ambos são menos naturais em sua língua (WEINREICH, 1953).

6.1.3.2 Palatalização

A quantidade de sons palatais do Latundê não corresponde aos do Português. Em Latundê, a palatalização é um processo fonético que ocorre com o segmento /s/ e em incidência extremamente escassa com /t/, em ambientes que já foram postos no Capítulo IV, que trata deste sistema fonético. É um processo bastante variável, tendo em vista a não presença desse segmento na subjacência da língua. Essa variação ocorre marcadamente na fala dos mais velhos. Os mais jovens, que adquiriram ambas as línguas (Português e Latundê) simultaneamente, produzem em menor proporção este processo.

A africada [tʃ] é um segmento que também apresenta uma realização altamente variável, provavelmente devido à história interna da língua, conforme Telles

(2002, p.85). No Latundê não há diferença entre a oposição fonética entre as alveolares de um lado, e as palatais e alvéolo-palatais de outro.

Em (42) e (43), a palatalização atinge tanto a fricativa alveolar vozeada quanto a desvozeada.

(42)	<i>[ʃũ'miɾʊ]</i>	<i>sumiram</i>
	<i>[ʃĩma]</i>	<i>cima</i>
	<i>[ʃigu'row]</i>	<i>segurou</i>
(43)	<i>[uʒa]</i>	<i>usa</i>
	<i>[bu'ʒoɾʊ]</i>	<i>Besouro</i>

Em (44) e (45), a palatalização abrange as consoantes oclusivas alveolares que se realizam como africadas alveolo-palatais, podendo ocorrer em qualquer posição ou contexto da palavra.

(44)	<i>[ĩdʒʊ]</i>	<i>índio</i>
	<i>[mã'dʒoga]</i>	<i>mandioca</i>
	<i>[ʒɛ'ʒĩ]</i>	<i>zezinho</i>
	<i>[odʒĩ]</i>	<i>hoje</i>
	<i>[tʃĩ'dʒeɾʊ]</i>	<i>cinzeiro</i>

Embora no Português o processo de africativização de oclusivas alveolares [t, d] seja comum a alguns dialetos, como o do Rio de Janeiro [tʃia] e do português popular no Nordeste [oʒtʃʊ] sua ocorrência é condicionada à contiguidade de uma vogal anterior alta [i]. Diferentemente, em Latundê, a palatalização e a

fricativização variam entre si e ocorrem também com a fricativa alveolar /s/. Este processo pode ocorrer em qualquer lugar da palavra.

(45)	[tʃa'ij]	sair
	[tʃi'ĩga]	seringa
	[ba'tfõ]	batim
	[tʃõ]	só
	[tʃu'mirõ]	sumiram
	[tʃo'bro]	sobrou
	[a'tʃ]	assim
	[tʃu'bĩnõ]	subindo
	[ˈpõtʃa]	porta
	[ˈtʃuʒa]	suja

Os exemplos de (46) apontam para um processo secundário, o fortalecimento. Neste caso, a fricativa alveopalatal passa a ser pronunciada como africada.

(46)	[tʃo'rãõ]	chorando
	[tʃa'ma]	chama
	[tʃega]	chega
	[tʃu'verõ]	chuveiro
	[kaha'pitõ]	carrapicho

No que tange à abordagem das palatais, a variação no processo de acomodação desses inventários fonológicos é muito grande. A partir das incidências, percebemos que no Português resultante do contato, a ocorrência desses segmentos complexos se mostra também na mesma proporção.

Diante da palatalização, incluindo a fricativização, observamos que os dados apresentam duas direções quanto ao processo. Nos mesmos contextos, tanto ocorre a despalatalização quanto a palatalização. Essa variação no português dos

indígenas é engatilhada pela ausência do contraste /s:z:f:ʒ/ em sua primeira língua.

6.1.3.3 Desvozeamento e vozeamento

Diferente do português, no Latundê não há oposição das oclusivas quanto à sonoridade. As consoantes oclusivas subjacentes são as surdas bilabial, alveolar e velar: /p/, /t/ e /k/, respectivamente. Sua realização sonora é condicionada pela posição na palavra, pelo ambiente (contiguidade nasal) e pelo acento. O vozeamento obrigatório ocorre quando elas precedidas por consoante nasal na coda da sílaba anterior. O processo ocorre tanto no interior quanto em fronteiras de morfemas (TELLES 2002, p.135).

A ausência do contraste surdo-sonoro nas consoantes oclusivas do Latundê afeta a realização das consoantes no português resultante do contato. Na produção dos indígenas mais velhos (esse fenômeno não foi observado na geração mais jovem), o processo de desvozeamento atinge as consoantes oclusivas sonoras /g, d/ do português, conforme (47) e (48).

A realização sonora Latundê envolve o traço laringal. Foneticamente, em fala lenta, há a realização de [d] como alofone de /t/. Telles, (2002, p. 45) explica que *os falantes mais jovens, da geração pós-contato, que adquiriram o Português simultaneamente ao Latundê, neutralizaram o contraste entre sons, realizando preferencialmente o som menos marcado não-implodido*. Diferentemente dos mais novos, os mais velhos preferem o som implusivo [d].

Quanto ao segmento [g], o Latundê o tem enquanto alofone de [k], e pode ser encontrado em início de palavra, quando em fala rápida. Mostra-se categórico em meio de palavra quando diante de uma nasal lexical. Em ambiente intervocálico, pode-se encontrar a variação entre [k] e [g], das quais é preferencial a realização da vogal surda (*idem*, p.73). A falta do contraste no Latundê explica as realizações de (47).

(47)	[ˈbrika]	<i>briga</i>
	[ˈkoʃta]	<i>gosta</i>
	[kɔviˈõ]	<i>gavião</i>
	[kãˈba]	<i>gambá</i>

A ausência do segmento [d] em Latundê é a responsável pela variação e pela não realização dessa consoante, que ocorre como oclusiva alvéolo-palatal /t/.

(48)	[tiˈpoj]	<i>depois</i>
	[sẽˈtatu]	<i>sentado</i>

(49)	[hãˈga]	<i>arranca</i>
------	---------	----------------

Em (49), diferentemente do processo de desvozeamento, a oclusiva velar se realiza como sonora. A contiguidade nasal, em posição precedente, condiciona o vozeamento da oclusiva velar.

Em todos os casos observados acima, fica evidente a interferência do Latundê no português indígena. As consoantes sonoras, que são mais marcadas interlinguisticamente por não fonológicas no Latundê se tornam ainda mais marcadas nessa língua. Na produção do português, os Latundê mais velhos

preservam a marcação e apresentam uma realização com condicionamento emprestado da língua indígena.

6.1.3.4 Abaixamento e Elevação das Vogais Orais

No português falado pelos Latundê, os processos de abaixamento e elevação diferenciam-se dos contextos em que ocorrem no português. Os de elevação são em maior número que os de abaixamento, fato este também verificado no português falado pelos Latundê.

No caso de (50), o único caso de abaixamento ocorre na vogal anterior nasal /ẽ/, que passa a ser pronunciada como vogal baixa oral.

(50)	<i>[asi'na]</i>	<i>ensinar</i>
	<i>[asi'nãni]</i>	<i>ensinando</i>

Em (51), a elevação ocorre com a vogal central baixa final, que passa a alta anterior.

(51)	<i>['suzɪ]</i>	<i>suja</i>
	<i>['kazi]</i>	<i>causa</i>
	<i>[kazi]</i>	<i>casa</i>
	<i>[liŋɪ]</i>	<i>língua</i>
	<i>[pre'gisi]</i>	<i>preguiça</i>

Assim como em (51), em (52) a elevação da vogal final também é realizada como alta anterior. No segundo caso, não se trata de elevação, mas de anteriorização, uma vez que a vogal média posterior que ocorre em nomes no português é realizada como alta posterior.

(52)	[lĩpɪ]	<i>limpo</i>
	[kõmɪ]	<i>como</i>
	[pɾeti]	<i>preto</i>
	[sa'rãpɪ]	<i>sarampo</i>
	[pɾi'meɪ]	<i>primeiro</i>
	[mo'segɪ]	<i>morcego</i>
	[mo'hédɪ]	<i>morrendo</i>
	[novĩ]	<i>novo</i>
	[ku'ɲadɪ]	<i>cunhado</i>
	[otɪ]	<i>outro</i>
	[fikãɪ]	<i>ficando</i>

A elevação e posteriorização também ocorrem no final dos vocábulos, como em (53).

(53)	[ka'besõ]	<i>cabeça</i>
	[ka'nɛõ]	<i>canela</i>
	[minĩ'nadõ]	<i>mininada</i>
	[ma'larõ]	<i>malária</i>
	[ku'rujõ]	<i>coruja</i>

Em (54), temos também a posteriorização da alta anterior. Assim como a média posterior, em (52) a média anterior, no português, é amplamente produzida como alta anterior, de forma que o alçamento em si não se configura como um processo do português do contato.

(54)	[hedõ]	<i>rede</i>
	[bas'tâtõ]	<i>bastante</i>
	[pesõ]	<i>peixe</i>
	[notõ]	<i>noite</i>
	[febrõ]	<i>febre</i>

Apesar de não encontrarmos itens que mostrassem a sistematicidade do condicionamento entre [i] e [u] em final de palavras, os dados nos mostram que há uma tendência na base das realizações. Os vocábulos terminados em [Ū] tendem a ser produzidos com [ɪ] e os terminados por [a] tendem a ser realizados com [ʊ].

Nos dados observados, a variação entre [i] e [Ū] só ocorre em final de vocábulo quando se trata da paragoge, conforme visto nos exemplos (36) em 5.1.2: [ha'pazi] ~ [ha'pazu].

Os dados em (55) ilustram a falta de regularidade no alçamento das vogais pretônicas. Como vemos, em [fu'kãmŪ] e [vi'mej], a tonicidade ou a contiguidade segmental não condiciona a elevação da pretônica.

(55)	[pi'gũta]	pergunta
	[pis'kosŪ]	pescoço
	[hi'põdew]	respondeu
	[pigũ'tãɪ]	perguntando
	[dimo'ro]	demorou
	[vi'mej]	vermelho
	[dimu'rãɪ]	demorando
	[fu'kãmŪ]	ficamos
	[ku'miw]	comeu

6.1.3.5 Nasalização e Desnasalização

No Latundê a nasalidade vocálica é contrastiva para a central baixa, a anterior alta e a posterior alta, seguidas por consoante nasal tautossilábica. A nasalização alofônica só ocorre com vogais átonas. Apesar de a organização do traço nasal na fonologia do Latundê ser distinta da do português, o *status* contrastivo do traço em ambas as línguas favorece sua percepção e realização na produção na sala no português. Entretanto, a nasal depende também de outros fenômenos cooperantes.

Os dados a seguir ilustram a ocorrência da nasalização em vogais. A contiguidade da vogal com uma consoante nasal, mesmo heterossilábica, pode resultar na nasalização. O primeiro dado abaixo foge do esperado em língua portuguesa e tampouco decorre de uma interferência do Latundê.

(56)	[me'ã]	<i>meia</i>
	[brĩ'gã̃n̩]	<i>brigando</i>
	[ũ'mir̩]	<i>sumiram</i>
	['mĩ̃m̩]	<i>mesmo</i>

Em (57) ocorre a desnasalização em palavras funcionais. Esses casos não são frequentes no léxico e não podem ser analisados como resultados de interferência direta. O apagamento da nasal em coda ou em onset seguinte impede a nasalização.

(57)	['nɪ]	nem (não)
	['mia]	minha

6.1.3.6 Fenômenos envolvendo os róticos

O tratamento do rótico requer uma consideração sobre o seu comportamento interlinguístico. Retomando as palavras de Bonet e Mascaró (1997, p. 103),

It is well know that the phonetic realization of rhotics varies considerably from language to language, even from dialect to dialect. Rhotics can be realized as flaps, taps, trills (uvular, coronal ou bilabial), or as assibilated or fricative variants. They ca alternate with a lateral liquid, with glides, and in some cases, a flap can occur as the phonetic realization of a coronal stop in specific environments.

Os róticos são segmentos que apresentam uma grande variação no português. Não diferentemente, estes elementos também se mostraram como motivadores de vários processos fonológicos do português falado pelos Latundê.

Os exemplos dispostos em (58) apontam para a aspiração do /R/ em coda silábica. Processo este que é comum a variedades do português e que também, no caso em tela, pode ser motivado pela preferência de não coda da língua Latundê, que favorece o seu enfraquecimento, através de uma realização fricativa glotal.

(58)	[du ^h mɪ]	<i>Dormi</i>
	[mɛHgu'la]	<i>mergulhar</i>
	[foHsa]	<i>Forsa</i>

O rotacismo é um fenômeno presente no português dos Latundê, especialmente entre os mais velhos. Fonemas distintos podem sofrer o processo. Em (59) a realização do *flap* tem na base uma sibilante, uma lateral palatal e uma oclusiva

alveolar. Em “trabalhava”, a lateral palatal, inexistente no Latundê, poderia ser substituída pela lateral alveolar, constante do inventário da língua indígena. Entretanto, o flap, apesar de não fonológico no Latundê, é um segmento muito frequente na língua, decorrente de processo de enfraquecimento. Essa tendência do Latundê pode estar na base da realização do português. Dentre as ocorrências abaixo, a última se coloca como um processo frequente no próprio Latundê, no qual uma oclusiva passa a flap em ambiente intervocálico.

(59)	<i>[ka'boɾe]</i>	<i>acabou-se</i>
	<i>[taba'rava]</i>	<i>trabalhava</i>
	<i>['poɾɪ]</i>	<i>pode</i>

Em Português, particularmente falado por sujeitos menos escolarizados, o fenômeno do rotacismo também é frequente em encontros consonantais tautossilábicos, em que a segunda consoante é a lateral alveolar /l/. Dessa forma, produção encontrada em (60) pode ser devido ao contato com o Português local.

(60)	<i>['pɾãta]</i>	<i>planta</i>
	<i>['gɾɛba]</i>	<i>gleba</i>
	<i>['fɾɛsa]</i>	<i>flecha</i>

Em termos da organização da fonologia de ambas as línguas, os dados em (60), assim como aqueles em (59), podem ser refletidos a partir da escala de sonoridade proposta por Bonet e Mascaró (1997, p. 109):

Quadro 21 : Escala de Sonoridade adaptada de Bonet e Mascaró, 1997, p. 109)

0	1	2	3	4
Obstruintes (oclusivas, fricativas, trill)	nasais	laterais	glides flap	vogais

Considerando a posição do *flap* na escala de Bonet e Mascaró, podemos interpretar tanto o rotacimo no português não padrão quanto aquele presente no Latundê como resultado de enfraquecimento de diferentes segmentos situados mais à esquerda no *ranking* de sonoridade. Entre esses segmentos, como observamos na escala acima, encontra-se a própria lateral alveolar, que apesar de tradicionalmente formar a classe das líquidas ao lado dos róticos, não apresenta a mesma sonoridade que o *flap*.

6.1.3.7 Labialização e Deslabialização

No Português falado pelos Latundê, os processos que envolvem articulação secundária, especificamente a labialização e a deslabialização, estão relacionados às consoantes oclusivas velares e se realizam, praticamente, nos mesmos contextos. Trata-se de um processo fonético variável.

(61) *['kʊɪ]* *que*
['kʊelɪ] *com ele*

(62) *['kazi]* *quase*
['kãdʊ] *quando*

<i>[ka'kʊɛ]</i>	<i>qualquer</i>
<i>[ˈliŋɪ]</i>	<i>língua</i>

No Latundê, a labialização pode ser derivada de processo, mas é restrita em ocorrência. Além disso, a sequência da oclusiva seguida do glide, formando encontro consonantal também não faz parte da fonologia do Latundê. Esses fatos favorecem a produção irregular do português, em que observamos a deslabialização (ou o apagamento do glide) como em (62) e a labialização (ou inserção do glide) em (61).

6.1.3.8 Metátese

A alternância de segmentos no português falado pelos Latundê pode ocorrer entres sílabas diferentes, ou entre elementos da mesma sílaba. Além disso, ocorre nas duas direções (da esquerda para a direita e da direita para a esquerda).

(63) <i>[ba'hiʊ]</i>	<i>bairro</i>
<i>[fre'venʊ]</i>	<i>fervendo</i>
<i>[pa'guo]</i>	<i>apagou</i>

Como vemos acima, no primeiro dado de (63) ocorre não apenas a metátese como também o avanço do acento, resultando numa palavra oxítone. Nos demais dados a tranposição segmental não interfere na estrutura suprasegmental. O segundo dado, de “fervendo”, é típico do português e pode decorrer da variedade de contato, sobretudo pelo fato de o *onset* complexo não fazer parte da língua indígena. Em “apagou”, a metátese resulta na labialização da oclusiva velar. Essa

forma de palavra tem como realização fonética frequente, mesmo no português nativo, a monotongação. Nesse caso, a metátese resulta de processo irregular e pontual nos dados observados.

Como vimos nas seções anteriores, os resultados da metátese não correspondem a estruturas fonológicas no Latundê, sendo sua ocorrência derivada de processo fonético, sem condicionamento prosódico.

6.1.3.9 **Sístole**

Alguns casos de sístole, em que ocorre o recuo do acento, foram encontrados na fala dos mais velhos. Não identificamos contexto linguístico, como o sequenciamento fônico do enunciado fonológico, que justificasse essas realizações. Considerando o fato de a produção ter sido encontrada apenas na fala da geração mais velha, e de o acento lexical no Latundê ser morfológico, ancorado em uma das duas primeiras sílabas da raiz da palavra (TELLES, 2002), é plausível supor uma interferência do padrão acentual da língua indígena no português dos Latundê. Os dados em (64) evidencia o recuo do acento:

(64)	<i>['mɔhe]</i>	<i>morrer</i>
	<i>['kalo]</i>	<i>calor</i>
	<i>['katɪ]</i>	<i>quati</i>
	<i>['pega]</i>	<i>pegar</i>

Nos dados acima, importa considerar também o fato de se tratarem de itens nominais (incluindo as formas nominais dos verbos). Diante disso, uma analogia possível dos Latundê seria a de considerar a raiz monossilábica, que é altamente

produtiva na língua indígena, o que também justificaria o acento na primeira sílaba da palavra.

6.1.3.10 Fortalecimento

Casos de fortalecimento já foram abordados nas seções anteriores, em que tratamos da palatalização e da dessonorização. Nesta seção, outro fenômeno de fortalecimento é apresentado, no qual ocorre a oclusivização de fricativas. Salientamos, entretanto, que essas foram realizações mais esporádicas e menos recorrentes que as demais.

(65)	<i>[istu'bidŮ]</i>	<i>subindo</i>
	<i>[ti'gura]</i>	<i>segura</i>
	<i>[to'teɾŮ]</i>	<i>solteiro</i>
	<i>[bati'taɾŮ]</i>	<i>batizaram</i>

O processo ocorre no início e em meio de palavra. No primeiro dado, em fato, há uma epêntese da oclusiva alveolar surda [t], tendo em vista a preservação de uma sutil sibilização do /s/ em coda da sílaba precedente.

Na fonologia do Latundê, o fonema /s/ tem como alofone o fone [t], que ocorre em sílaba átona (TELLES, 2002). Embora essa não seja a realização mais frequente, a interferência do Latundê não pode ser desconsiderada. Em todos os dados de (65), há a presença de segmento oclusivo em sílaba contígua, que também pode ter motivado o fortalecimento do /s/.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne às políticas linguísticas, diante do glotocídio que tem se instaurado no Brasil desde a chegada dos portugueses, dado o estado em que se encontram as línguas indígenas brasileiras, é de grande valia qualquer estudo que vise à contribuição e que favoreça não só a proteção, como o conhecimento científico dessas línguas.

O Latundê, como já mencionamos, é uma dessas línguas minoritárias. Ela se encontra em extinção, uma vez que, hoje, dispõe de menos de 20 falantes com autonomia política. Devido à população restrita e às relações tradicionais de parentesco, os jovens Latundê não podem coabitar entre si, de forma que a interação com o mundo externo é a via de perpetuação social e, ao mesmo tempo, de crescente e não planejado contato linguístico. Tais circunstâncias implicam a urgência de mais estudos sobre a realidade desse povo.

Entedemos que estudar as línguas menos conhecidas é de grande valia para o incremento da ciência linguística. A investigação de cada nova língua é uma maneira de conceber a linguagem humana e de contribuir dessa forma com os universais linguísticos e com o entendimento da faculdade humana da linguagem. (CÂMARA-JR, 1977, p.6).

Seja entre si ou em contato com outras, estas línguas não estão (ou não estiveram) suficientemente isoladas para evitar algum tipo de proximidade. Thurston (1987, p. 165) propaga que *toda língua deve ter sofrido alguma*

influência de seus vizinhos em um determinado ponto e tempo. Todos os idiomas são, portanto, línguas mistas na medida em que todos copiaram formas lexicais e outros recursos linguísticos de línguas vizinhas.

Thomason (2001 p. 17) afirma que *o contato linguístico está em toda a parte, muitos países têm mais do que uma língua oficial e, muito provavelmente, a maior parte da população mundial fala duas ou mais línguas.*

Contudo, mesmo em grande quantidade, os estudos que se encarregam da observação do contato linguístico se debruçam ainda timidamente nos aspectos fonéticos. Com base nesta assertiva, este trabalho se propôs a observar como se dá o comportamento entre o Português e o Latundê, a partir da verificação dos padrões mais e menos marcados nos processos fonéticos de acomodação. É um estudo descritivo em que o Português é a segunda língua, mesmo em face de seu caráter nacional. Essa pluralidade linguística ainda existente no país demanda a concretização das políticas a favor da salvaguarda da diversidade no planeta.

Posto que toda língua sofra influência das forças internas e externas que agem sobre ela, partimos do pressuposto de que em qualquer pesquisa linguística não encontraremos nada de extraordinário, nada que exceda a experiência do humano. Dessa sorte, vamos encontrar (...) uma estrutura linguística como qualquer outra e, em muita coisa, até, possivelmente semelhante à nossa. (MATTOSO CÂMARA-JR, 1977, p.7).

E quando sistemas entram em contato, fenômenos emergentes podem ajudar a esclarecer os princípios e as restrições que regem as línguas particulares. Com base na complexidade e na riqueza que advêm do contato linguístico, analisamos

estas forças conflitantes com base nos princípios de hierarquização e regularidade que são forças motrizes da marcação nos processos fonéticos. Além do fator tempo, outros aspectos podem estar diretamente ligados às transformações pelas quais uma língua passa, como relações de poder, influências de outras línguas, subjetividade de seus falantes, etc.

A marcação está diretamente ligada à simetria, frequência e naturalidade. Entretanto, Rice (2007) apresenta as características da marcação agrupando-as em dois conjuntos. O primeiro envolve os termos relativos a uma marcação considerada *natural* ou pautada na *frequência*, e diz respeito, em larga medida, a “phonetic basis of an opposition”. Nele se encontram oposição como “*mais ou menos natural*”, “*mais ou menos complexo*”, “*mais ou menos estável*”, “*sujeito à aquisição mais ou menos tardia*”, etc. (Rice, 2007, p. 81). O segundo grupo é relativo a comportamentos de sistemas fonológicos, como ser “*sujeito ou resultado de neutralização*”, “*ser gatilho ou alvo de assimilação*”. Esse grupo, portanto, diz respeito à marcação *fonológica* ou *estrutural*.

No que diz respeito à análise dos dados, quanto aos processos fonéticos, percebemos, em nosso estudo, que:

- Ainda que com algumas restrições, a tendência à monotongação é transferida para o Português falado por Latundê: [sã'grari] “sangraram”, [kaze] “causa”;
- Mesmo em variação, a redução do *onset* complexo é transferida para o Português, seguindo a tendência que o Latundê tem de evitar esse tipo de sequência: [bĩ'kã̃ñ] “brincando”, [kɛ'bar̃] “quebraram”;

- O preenchimento da coda é evitado pelo Latundê, processo esse que também é atestado no Português falado por Latundê: [pi'gũta] “pergunta”, [go'tozÕ] “gostoso”;
- As consoantes /ŋ/ e /ʌ/, mais marcadas interlinguisticamente, também o são no Latundê, que não os têm no seu inventário fonológico. Como resultado, esses segmentos não são produzidos no Português falado pelos Latundê. Alternativamente, ocorre a substituição desses fonemas por segmentos articulatoriamente mais próximos ou o seu apagamento. [vi'mej] “vermelho”, [f'ila] “filha”, [fa'kĩ:] “faquinha”;
- A redução silábica é atuante também através da aférese. Como não consta no inventário fonológico do Latundê a presença da fricativa alveolar surda em posição de coda, essa restrição é transferida para o português dos Latundê, que também evita vocábulos com mais de três sílabas: [ku'tãni] “escutando”, [bra'sadÕ] “abraçado”, [fi'rẽtɪ] “diferente”;
- O Latundê evita o *onset* em final de palavra, adicionando uma vogal para reorganizar o padrão silábico. A vogal mais frequente será a alta anterior [i]: [ha'pazɪ] “rapaz”, [do'sejzɪ] “de vocês”;
- Os sons [ʃ], [ʒ], [tʃ] e [dʒ] são evitados por não fazerem parte do inventário fonológico do Latundê, de forma que a sua realização é mais marcada na língua. O comportamento desses segmentos é muito variável. Nos mais jovens, são realizados com mais frequência, e nos mais velhos são reinterpretados, envolvendo processos diversos: [se'gamÕ] “chegamos”,

[de'sarŭ] “deixaram”, [lizerŭ] “ligeiro”, [aze'ta] “ajeitar”, [ʃũ'mirŭ] “sumiram”,
[bu'zorŭ] “besouro”, [tʃĩ'dʒerŭ] “cinzeiro”;

- A ausência do contraste surdo-sonoro nas consoantes oclusivas /t/ e /k/ do Latundê promove sua neutralização na realização das consoantes no português dos indígenas: [ˈbrika] ~ [ˈbriga] “briga”, [sẽ'tatu] ~ [sẽ'tado] “sentado”;
- No que tange ao comportamento das vogais médias postônicas, os vocábulos terminados em [ŭ] tendem a ser produzidos com [ɪ] e os terminados por [a] tendem a ser realizados com [ŭ], que são vogais menos marcadas: [ˈkazi] “causa”, [ˈlĩpi] “limpo”, [ka'besŭ] “cabeça”, [bas'tâtŭ] “bastante”.

A partir dos fenômenos observados, buscamos responder às perguntas norteadoras da nossa pesquisa, abaixo retomadas:

- Fatores internos (linguísticos) e externos (estruturais) interagem com os princípios da marcação?

Resposta: Quanto aos fatores externos, no que diz respeito à faixa etária, os mais jovens tendem a não transferir os padrões mais marcados da sua língua para a língua adquirida. Em contrapartida, os mais velhos reproduzem com menor frequência, os padrões mais marcados do Português (língua dominante);

- Qual o papel da marcação no contato linguístico?

Resposta: A marcação considerada *natural* responde pela escolha de padrões mais ou menos marcados interlinguisticamente. Por essa razão, prevalece a tendência à sílaba CV do que decorre o apagamento da coda e a simplificação de onset complexo. De outro lado, há o não repasse da laringalização vocálica, que mesmo fonológica no Latunê é menos natural e mais marcada nas línguas do mundo. A marcação fonológica é observada na neutralização de oposições válidas no português, porém inexistentes na língua indígena, como o contraste quanto à sonoridade nas oclusivas e à escolha da vogal em posição final de nomes.

Efetivamente, um aspecto da marcação *natural* pode responder pelo comportamento da marcação *fonológica*, de maneira que não são características de marcação oponentes entre si. No caso em estudo, as duas marcações operam, mas não respondem por todos os fenômenos observados. Além disso, o caráter altamente variável das realizações e as condicionantes sociais dos falantes dão chance para a emergência de processos mais decorrentes da falha na percepção do sinal, sem que se estabeleça a regularidade na sua produção.

- Os traços mais marcados da língua dominada passam para a dominante?

Resposta: Em alguns casos, sim, como a africativização do /s/. Em outros, não, como o não repasse da laringalização vocálica e a oposição entre vogais orais e nasais.

Ademais, em face dos fenômenos observados, podemos pontuar alguns aspectos relevantes: os processos que envolvem perda e permuta de segmentos são mais frequentes dos que os que envolvem ganho de segmento; os segmentos

não presentes no inventário fonológico do Latundê (língua originária) tendem a ser apagados ou reinterpretados pelo segmento mais próximo do português, sendo este último o mais frequente; os traços mais marcados do Latundê estão mais evidentes nas falas da geração pré-contato, e a marcação não está condicionada apenas aos universais linguísticos, mas às especificidades das línguas.

Por fim, salientamos que o nosso propósito neste estudo foi o de contribuir para a descrição de línguas, incluindo as indígenas, e de abrir caminhos para o estudo do contato linguístico, especialmente em nível da fonética e da fonologia. Ressaltamos que este trabalho não encerra o estudo sobre o contato entre as duas línguas. Reconhecemos que os nossos resultados representam um ponto de partida para investigações posteriores, as quais poderão expandir o tema e avançar no campo da inter-relação entre contato linguístico e a marcação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. Bernadete. Fonologia: A gramática dos sons. Ver. Letras nº 05, Universidade Federal de Santa Maria – RS. Jan./Jun. 1993.

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos, UNICAMP, n.2, p. 23-45, 1981.

AIKHENVALD, Alexandra Y & R. M. W. Dixon (eds) 2007. Grammar in Contact: A cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV: 2013.

AMORIM, Gustavo da Silveira. O comportamento das vogais médias pretônicas no falar de Recife – PE. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ANOMBY, Stan. Language use on Tubarão-Latundê reserve , Rondônia, Brasil. Sil International, 2009.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. Language Contact and Bilingualism. Amsterdam: Amsterdam University Press., 2005.

AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. International Journal of bilingualism. Vol.3, nº 4. 1999.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC: 2010.

BATTISTELLA, Edwin L. The Logic of Markedness. New York. Oxford University Press, 1996.

BÍBLIA. Português. Bíblia Shedd. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1997.

BISOL, Leda. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 3ª Edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. A variação da pretônica na diacronia do Português. Letras de Hoje, n.54, p. 81-97, 1983.

BLOOMFIELD, Leonardo. Language. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1961.

BRAGA, Ana Gabriela Modesto. Fonologia Segmental do Lakondê: Família Nambikwára. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

BONET, Eulália, and Joan Mascaró. 1997. On the representation of contrasting rhotics. In Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages, edited by F. Martínez-Gil and A. Morales-Front. Washington, D.C.: Georgetown University Press: 103-126.

CAGLIARI, L. C. Fonologia do Português: Análise pela Geometria de Traços. Campinas: Edição do Autor, 1997.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística. Uma Introdução Crítica. São Paulo, Parábola, 2004.

CÂMARA-JÚNIOR, Joaquim Matoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 36ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico: 1977.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela.(org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos na língua portuguesa. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

CAVALIERE, Ricardo. Pontos essenciais em fonética e fonologia. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

_____. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Padrão, 1977.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: Manual de linguística. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2008.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística: Objetos Teóricos. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 141-163.

CHOMSKY, N. and Halle M. 1968. The Sound Pattern of English. New York: Harper and Row.

CLEMENTS, G. N. and HUME, E. V. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. In John A. GOLDSMITH (ed.) The Handbook of Phonological Theory (pp. 245-306). Cambridge: Blackwell.

COLLISCHONN, Gisela. Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.

_____. Teoria linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa, Editora Universitária, 2003, p. 67-91

COMRIE, Bernard. Language Typology and Linguistic Universals. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

COSERIU, E. Tradição e novidade na ciência da linguagem. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1980.

COSTA, J. F. bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas: Aspectos do contato Português-Yathê. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1993.

COUTO, Hildo Honório do. Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgin. Brasília: UnB, 2001.

_____. A questão da gramaticalização nos estudos crioulos. Disponível em: <http://www.didinho.org/a%20questao%20da%20gramaticalizacao%20nos%20estudos%20crioulos.htm>. Acesso em: 12 out. 2012

CRYSTAL, David. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Dicionário de Fonética e Fonologia. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

_____. Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

_____. Morte de língua ou mudança linguística? Revista do Museu Antropológico, Volumes 5-6, n. 1. Goiânia, UFG, 2002.

CROFT, William. Typology and Universals. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. Explaining Language Change: an Evolutionary Approach. Longman linguistics library, 2003.

DIXON, R. M. W. Ergativity. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R.M.W. Complement clauses and complementation strategies in typological perspective. In: DIXON, R.M.W; AIKHENVALD. A.Y. (Eds). Complementation . Oxford: Oxford University Press, 2006, p.1-48.

DRESSLER, Wolfgang, WILLI Mayerthaler, OSWALD Panagl, and WOLFGANG U. Wurzel (1987) Leitmotifs in Natural Morphology. Amsterdam: Benjamins.

DUBOIS, Jean et all. Dicionário de Linguística. São Paulo: Editora Cultrix., 1998.

ECO, Humberto. A busca da língua perfeita. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001.

FEAGIN, C. (2002). Entering the community: Fieldwork. In Chambers J.K., P. Trudgill and N. Schilling-Estes (eds), *The Handbook of Language Variation and Change*, pp. 423-443. Oxford: Blackwell.

FERGUSON, C. A. Diglossia revisited. *Jornal of linguistic*. n. 10, 1991.

FISHAMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Jornal of Social Issues*, 1967.

FRAGA, Rose mary. O Envolvimento na Linguagem Jornalística do século XIX – cartas de leitores. In *Língua, Textos e História: (manuscritos e impressos na história do português brasileiro)* Marlos de Barros Pessoa (org). Recife, 2005.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 30 de maio 2013.

GABAS JR. Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. *Scientific American Brasil – Amazônia (A floresta e o futuro)*, Brasil, n. 3, 01 set. 2008, p. 36-43. Disponível em: <http://prodoc.museudoindio.gov.br/down/O_Desafio_de_Documentar_e_Preservar_as_Linguas_Amazonia-revisada.pdf>. Acesso em: 12 de maio 2012.

GILES, Howard; COUPLAND, Nikolas "Accommodating Language". *Language: Contexts and Consequences*. Great Britain: Open University Press, 1991.

GIVÓN, Talmy. (1990) *On understanging grammar*. New York: Academic Press.

GLEASON, H.A. (1969). *An Introduction to Descriptive Linguistics*. London: Holt, Rinehart and Winston.

GÓMEZ GONZÁLEZ, María de los Ángeles, MACKENZIE, J. Lachlan & ÁLVAREZ, Elsa M. González (eds). (2008) *Languages and Cultures in*

Contrast and Comparison. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

GROSJEAN, François. Life with two languages: an introduction to bilingualism. Harvard: Harvard University Press, 1982.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. O português da gente: A língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 30 de maio de 2013.

HALL JR., Robert A. The life-cycle of pidgin languages. *Lingua* 11.151-156, 1962.

_____. Pidgin and creole languages. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1966.

HAUGEN, E. (1972). The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen. California: Stanford University Press.

HEYE, Jürgen (2003). Línguas em Contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara. Português Brasileiro. FAPERJ. Rio de Janeiro.

HOCK, H. H. (1991). Principles of Historical Linguistics. Mouton De Gruyter.

HUME, Elizabeth. 2004. Deconstructing Markedness: A Predictability-Based Approach. Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society 13:182-198.

HYMES, Dell. Pidginization and Creolization of Languages. Cambridge, Cambridge University Press, 1971.

_____ (Ed.). (1964) Language in Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper & Row.

JAKOBSON, Roman. Fonema e Fonologia. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

_____ (1958) Typological studies and their contribution to historical comparative linguistics. In Proceedings of the 8th International Congress of Linguists, 5-9 August, Oslo 1957, 17-25, 33-35. Oslo: Oslo University Press.

JAKOBSON, R., G. Fant & HALLE, Morris (1952). Preliminaries to Speech Analysis: the Distinctive Features and their Correlates. Cambridge, Ma.: MIT Press.

JAKOBSON, Roman, and WAUGH, Linda. (1979) The Sound Shape of Language. Bloomington: Indiana University Press.

KISSEBERTH, Charles. On the functional unity of phonological rules. *Linguistic Inquiry* 1, p. 291-306, 1970.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola. 1972.

LACY, Paul de. *Markedness Reduction and Preservation in Phonology*. Cambridge University Press, New York, 2007.

LASS, Roger. *Phonology: An introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge United Press, 1995.

LEE, S-H. *Fonologia Lexical, Modelos e Princípios*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 129-138, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. The name of the Nambiquara. *American Antropologist*. v.48. 1946. p.139-140.

_____. La vie familiale et sociale des indiens Nambikwara. *Journal de la Société des Américanistes*. v.37. 1948. p.1-132.

_____. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LEWIS, M. P. (ed). (2009). Ethnologue: Languages of the World: 16th edition. Dallas, Tex: SIL. International online version: <http://www.ethnologue.com>

LÓPEZ, Javier Medina. (2002) *Lenguas em Contacto*. Caderno de Língua Espanhola, 47. Arco Libros S.L. Madrid.

LUCENA, Rubens Marques. *Busca por padrões silábicos não marcados no português brasileiro: Uma abordagem baseada em restrições*. 2007. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade Federal da Paraíba.

LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística: Uma introdução*. Rio de Janeiro, LTC. 1981
LESLEY, Milroy & MUYSKEN, Pieter. (org.) (1995) *One Speaker, Two Languages*. Cambridge University Press. Cambridge.

MCCMAHON, April. *Understanding language change*, Cambridge University Press, 1994.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Cristina. *Línguas em Contato: Saber sobre o que as distingue*. (2008) Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
MATRAS, Yaron. (2009). *Language Contact*. Cambridge University Press, New York.

MATRAS, Yaron. (2009). *Language Contact*. Cambridge University Press, New York.

MATRAS, Yaron & ELSIK, Viktor. *Markedness and Language Change: The Romani Sample*. Mouton de Gruyter (formerly Mouton, The Hague) is a Division of Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin, 2006.

MELLO, Heloisa Augusta Brito de. *O falar Bilíngue*. Goiana: Editora UFG., 1999.

MIRANDA POZA, José Alberto. *Fonética e Fonologia do Latim Clássico*. Revista Intertexto. V. 4, Nº 6, agosto – dezembro 2005.

MONTENEGRO, Ana Cristina. Aquisição do ônset complexo C(r) no português: uma abordagem multidimensional. 2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco.

MYERS-SCOTTON, C. (1993). *Duelling Language: Grammatical Structure in Code-switching*. Oxford: Oxford University Press.

_____. (1995). A lexically based model of code switching: In Lesley Milroy and Pieter Muysken (eds), *One Speaker- Two Languages: Cross-Disciplinary: Perspective on Code-Switching*, (pp 233-256. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2002). *Contact Linguistics: Bilingual Encounter and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press.

_____. (2006). *Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism*. Malden: Blackwell.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MOREIRA DA SILVA, Cláudia Alexandra. *Marcação: Algumas considerações sobre o conceito a nível da fonologia*. Centro de Linguística da Universidade do Porto, Volume 3, Número 1, 2011.

NEVES, Débora David. *Contato Linguístico no Pará: o caso do português aikewára*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. 2009.

PAULA, Aldir Santos de. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PESSOA, Marlos Barros (Org.) *Língua, Textos e História: manuscritos e impressos na história do português brasileiro*. Recife: programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

PESSOA, Kátia Nepomuceno. Análise fonética e fonológica da língua Krenak e abordagem preliminar de contos Botocudo. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

POPLACK, S. (1980). Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: toward a typology of code-switching. *Linguistics*. 18:581-618.

_____. Code-switching. In Ammon, N. Dittmar, K.J. Mattheier & P. Trudgill (eds) *Soziolinguistik; International Handbook of the Science of Language*, Berlin: Walter de Gruyter.

POPLACK, Sankoff and Miller (1988). The Social Correlates and Linguistic processes of Lexical borrowing and assimilation. *Linguistics*. 57:1-28.

PRICE, David. The Nambiquara Linguistic Family. *Antropological Linguistics*. v.20. n.1. 1969. p.14-35.

_____. Overtures to the Nambiquara. *Natural History*. v.10/84. 1984. p.30- 48.

_____. Nambiquara Languages: Linguistic and Geographical Distance between Speech Communities. In: KLEIN, H. E. M.; STARK, L. R. *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, 1985. p.304-323.

PRICE, David; COOK, Cecil E. The Present Situation of the Nambikwara. *American Anthropologist, Journal of the American Anthropological Association*. v.71. 1969. p.688-693.

Povos indígenas do Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/nambikwara>. Acesso em: 21 outubro de 2013

REDFORD, & MIIKKLAINEN, Abrupt and Gradual Sound Change in an Expanding Lexicon <http://nn.cs.utexas.edu/downloads/papers/redford.AI01289.pdf>. Acesso em 10/01/2015)

RICE, Keren. Markedness in phonology. In LACY, Paul de. Markedness Reduction and Preservation in Phonology. Cambridge University Press, New York, 2006.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Línguas Brasileiras : para um conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

ROMAINE, Suzanne (2000). Language in Society: an introduction to sociolinguistics. 2a ed. New York: Oxford University.

_____ (1995). Bilingualism. 2ª. Ed. Blackwell, Oxford University, Oxford.

ROQUETE-PINTO, Edgard. Rondônia. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/rondonia00roqu#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 23 de março de 2013.

SANKOFF, D. et. al.(1990). The Case of the Nonce Loan in Tamil. Language Variation and Change. 2:71-101.

SCHANE, Sanford A. Fonologia Gerativa. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1975.

SEBONDE, R. Y. (2010). A Sociolinguistics Analysis of Variation in a Rural African Community: Chasu of Same District in Tanzania. Unpublished PhD thesis: University of Cape Town.

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. Impulso, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 233-246, 2000. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf>>. Acesso em 18 de agosto de 2014.

SILVA, André Pedro da. Supressão da Vogal Postônica Não Final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar Sapeense. Dissertação (Mestrado) João Pessoa: UFPB, 2006.

_____. Vogais Postônicas Não Finais: do sistema ao uso. Tese (Doutorado) - UFPB/PROLING João Pessoa., 2010.

SPENCER, Andrew. Phonology: Teory and description. Blackwell Publishing, Cariton, 2005.

STOLZ, Thomas, PALOMO, Rosa Salas & BAKKER Dik (eds). (2008) Aspects of language contact. New Theoretical, Methodological and Empirical Findings with Special Focus on Romancisation Processes. Mouton de Gruyter. Berlin, New York.

TARALLO, Fernando & ALKIMIN, Tânia. Falares Crioulos: Línguas em contato. Ed. Ática. São Paulo: 1987.

TELLES, Stella Virgínia de Araújo Pereira Lima. Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê. Academish Proefschrift. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit Amsterdam, 2002.

_____. In Yaathe: A última língua sagrada. Revista Continente. Cepe Editora. Ano IX, maio de 2009.

TENT, J. (2000). English Lexicography in Fiji. English Today. 6:22-31.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THOMASON, Sarah Grey. (2001) Language Contact: An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, Great Britain.

THOMASON, Sarah Gray & KAUFMAN, T. (1998). (org.) Language contact, Creolization, and genetic linguistics. Language contact, creolization and genetic linguistics. University of California Press, USA.

THURSTON W. F. (1987) Processes of change in the languages of northwestern. New Britain. Canberra: Pacific Linguistics.

TRASK, R. L. Dicionário de Linguagem e Linguística. São Paulo: Editora Contexto. 2004.

VAN COETSEM, Frans. Loan Phonology and the Two Transfer Types in Language Contact (Dordrecht: Foris, 1988)

VERMES, G. & BOUTET, J. (Orgs). Multilinguismo. Campinas: Ed. Unicamp; 1989.

VIEGAS, M. C. & VEADO, R. M. A. Alçamento de vogais pretônicas. Revistas de estudos da Linguagem, 2, 3, 1995.

VITALE, A. J. (1981). Swahili Syntax. Dordrecht: Foris Publications.

VOGELEY, Ana Carla Estellita. Vogais médias pretônicas: Aquisição e variação. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Paraíba.

VOORT, Hein Van der. A Grammar of Kwaza : A description of an endangered and unclassified indigenous language of Southern Rondônia, Brasil. Universiteit Leiden, Amsterdam, 2000

WEINREICH, Uriel. (1953). Languages in Contact. Nova York: Linguistics Circle of New York.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança Linguística. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

WENFORD, Donald. (2005) An Introduction to Contact Linguistics (2ª ed.). Victoria, Australia: Oxford-Blackwell Publishing.

WETZELS, L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do português: uma análise auto-segmental. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, UNICAMP. sn. 1991.

WHALEY, Lindsay J. Introduction to Typology. The Unity and Diversity of Languages. Thousands Oaks: Sage, 1997.

ANEXOS

(Dados Transcritos)

/pa'guo/	Apagou
/ma'ma/	Mamar
/pegũ'tãnu/	Perguntando
/ba'fo/	Vassoura
/'kɔsa/	Coçar
/ma'duPu/	Mais duro...
/'kɣati/	Quati
/a'hēti/	A gente ...
/'otu/	Outro
/i'a'vej/	E já vem...
/vē'nēni/	Veneno
/pɛgũ'to/	Perguntou
/'foj'i/	Foi
/prã'to/	Plantou
/'suzu/	Sujo
/ka'beli/	Cabelo
/gu'duru/	Gordura
/'õmi/	Homem
/'godu/	Gordo
/'pega/	Pegar
/de'tadu/	Deitado
/ma'taPu/	Mataram
/ko'kin/	Coquinho
/guri'zĩ/	Gurizinho
/'tako'sõnu/	Tá com sono... (manutenção)
/mũdi/	Mundo
/ju'veni/	Chovendo
/pigũ'ta ni/	Perguntando
/su'veni/	Chovendo
/'pɔtʃa/	Porta
/ku'migi/	Comigo
/kũve'sãni/	Conversando
/la'vãni/	Lavando
/mo'hēdi/	Morrendo
/iku'tãnu/	Escutando
/mu'hidu/	Morrido
/ma'hadu/	Amarrado
/i'kutu/	Escuto
/pe'hũto'se/	Pergunto a você
/'seja/	Cheia
/'ozi/	Hoje
/'juZu/	Sujo

/u'zotu'pāj'agua/	Os outros apanham água
/tʃuZa/	Suja
/bū'nitu/	Bonito
/'kɛla/	Aquela
/mũtu/	Muito
/veh'mejo/	Vermelho
/masu/	Manso
/ma'sādu/	Amansando
/a'risi/	Arisco
/hu'o/	Avoou
/aga/	Água
/dētū/	Dentro
/mũtu/	Muito
/tʉd i/	Tudo
/i'pia/	Espirra
/is'pritu/	Espírito
/fɔti/	Forte
/timi'tɛPi/	Cemitério
/tɛ'ha/	Enterrar
/Zɔv'a/	Jogar (o bicho fora)
/tɛ'ou/	Enterrou
/ela/	Ela
/mǎ'dǎn i/	Mandando
/bato:'se/	Bater em você
/toku'tānu/	Tô escutando
/bāj/	Banho
/brab i/	Brabo
/setu/	Certo
/Kabi'sela/	Cabeceira (do rio)
/ka'sību/	Cachimbo
/tʃu'veru/	Chuveiro (pau de)
/leti/	Leite
/futu/	Fruto
/ka'roj/	Caroço
/kaha'pitʃu/	Carrapicho
/kru/	Crua
/masu/	Massa
/pē'ja/	Pensar
/oj'ādu/	Olhando (idem)
/pē'jǎn i/	Pensando
ʉtē'dēnu/	Entendendo

/i'kuta/ /'kwādu ew piki'nīnī: / / ew bī'kava ro'dera cū a lo'rīne/	Escuta Quando eu era pequenininha Eu brincava de roda com a Lorine
/ kāndu pi'ĩ.../	Quando piin...?
/ew tābēĩ cū a lo'rine/	Eu também com a Lorine
/i 'luri ku a ma'ri/	E Lurdes com a Marí
/mīa māj nāw deĵa brī'ka/	Minha mãe não deixava brincar
/eli brika co'migu/	Ela brigava comigo
/e koĵta brin'ka ni 'Kōpu/	E gostava de brincar no campo
/mīa māj nāw deĵa brīka/	Minha mãe não deixava brincar
/e'li tābēj diskuti/	Ela também discutia
/tābej kriāsa nāw para 'ne/	Também criança não para, né?
/fika bahaka brīkāni 'ne/	Fica na barraca brincando né?
/fika gritāni/	Fica gritando
/a mīa mā mādava brīka lōzi/	A minha mãe mandava brincar longe
/nāw <u>kε</u> <u>ve</u> baruj na bahaka nāw/	Não quer ver barulho na barraca não
/ki falānu/	O que eu tô falando?
/ki 'ta brīganu nu kāpu/	Que eu tava brincando no campo
/a fruta <u>ki'li</u> cōpi, ne/	A fruta que ele come, né?
/kinōmi di fruta/	Que nome de fruta?
/akeli <u>iogrii</u> , ne/	Aquele ... né?
/noy su'paha ' deli/	Nós chupava dele
/so eli komenu fruta/	Só ali comendo fruta
/noj fikēmu a'te ĵe'ga meā note se'ga/	Nós ficamos até a meia noite chegar
/mīa māj briga kumigu/	Minha mãe brigava comigo

/tava ? se ew levãta sedu, se ew levãta sedu/ /va la nu kãpu brĩ'ka/	Estava ? Vá lá no campo brincar
/u kãpu 'ta sãmãdu o'sejs/	O campo tá chamando vocês
/noj levã'ta pra brĩ'ka nu kõpu/	Nós levantávamos para brincar no campo
/o kãpu ε u maj limpi / /eli brĩkaru, eli istubidu/	O campo é o mais limpo Eles brincaram, eles subiram...
/ε ke kãpu num ε awto, kãpu mũto baso/	É que o campo não é alto. O campo é muito baixo
/noj se'gamu be'bẽnu i co'mẽnu/ /miu asadu, batata e bebẽnu/	Nós chegamos bebendo e comendo Milho assado, batata e bebendo
/ew nũm fikej, ew brĩkava dinoti/	Eu não fiquei, eu brincava de noite
/mĩa māj nãw desa duhmi, mĩa māj briga kumigo/	Minha mãe não deixa dormir, minha mãe briga comigo
/mĩa paj fa'lo sej dumi sedu, se pikaru cobra Kõmu ki da'i/	Meu pai falou vocês durmam cedo, se cobra picar e daí?
/vai sa'ra, ou vai a 'mõhe/	Vai sarar ou vai morrer
/mĩa paj brĩkow diskuti dele nãw/	Meu pai brigou porque eu não escutava ele não
/dohmi, amã'ņã sedu vo'se brĩ'ka, co'me mũĩtu fruta/	Dorme, amanhã cedo você vai brincar, comer muito fruto
/mĩa paj nãw desa ew brĩka nãw/	Meu pai não deixava eu brincar não
/nãw icuti dele nãw/	Não escutei ele não
/criãsa icu'to/	criança escutou
/iheni fala, icu'to ε/	A gente fala, escutou é? (a gente fala e ela – a criança – escutou é?)
/ni batia nã, mi batia na/ /maj eli nũ sabe ba'tih/	Não batia, não me batia Mas ele não sabia bater

/falava di brabu mihmu/	Falava bravo mesmo
/māda ? agwa, ? mādʒoga/	Mandava buscar água, buscar mandioca
/asa biʒu, kome,	Assar beiju, comer
/nĩ tĩ água pra eli nãw/	Não tinha água pra ele não
/mĩa māj não desa ew vĩ'ga/	Minha mãe não deixava eu brincar
/mĩa povu	Meu povo
/bĩ bõ nãw/	Bem bom não
/esi aki, bisu brabu/	Esse aqui, bicho brabo
/mĩa povu matãdu nosu tudo/	Meu povo matando o nosso tudo
/e ki nomi dee ε/	E que o nome dele é...
/nũ pẽ'sa nisu aki la/	Não pensar nisso aqui lá...
/mĩa mãe falo nãw podi brĩka dẽtu dagwa nõ/	Minha mãe falou não pode brincar dentro d'água não
/agwa e mũitu perigoso/	A água é muito perigoso
/ĩdʒu vĩ i mata tudĩ, nũ iscapa ã nõ/	Índio veio e matar tudinho, não escapa um não
/distõna kohpu, sɔ leva sɔ cabesu/	Destrona corpo, só leva só a cabeça
/isu aki nũ ε mĩa parẽti nõ/	Isso aqui não é meu parente não
/io mimu.../	Eu mesma
/nĩgẽj nõ sabi/	Ninguém não sabe
/esi ki ĩdZiu morava ki i uvi/	Esse aqui índio morava aqui e ouvi
/kεbaru asĩ, levo di...	Quebraram assim, levou de... Alternância de código
/demo'ro i ew se'ge tamẽj/	Demorou e eu cheguei também
/Komi ki rapari kebro?/	Como é que o rapaz morreu?

/ai fala pra eli nε, isu ku hapazu/	Aí falou pra ele né. Isso com o rapaz...
/eli mora debasu di paw, nε?/	Ele morava debaixo de pau, né?
/vētu dehubo caiw cima deli na hedu/	Vento derrubou caiu em cima dele na rede
/so o paj deli capow/	Só o pai dele escapou
/vose da mujε nō/	Você da mulher não?
/akeli povu deli mĩ mata todo mĩa povu/	Aquele povo dele mata todo meu povo
/ĩ via pretu/	Em Veado Preto
/parEsi kũ ʒEʒĩ/	Parece com Zezinho
/ew mora hũtu aki/	Eu moro junto daqui
/keli otu/	Aquele outro
/patraj irēbora/	Para traz, ir embora
/ai dimo'ro/	Aí demorou
/se'go.../	Chegou
/keli cahĩ se'go/	Aquele Carlinhos chegou
/sa'i hora o'ʎa/	Saí fora pra olhar
/a'i fa'lo, de'saru/	Aí falou, deixaram...
/ota lĩgwa difirēti/	Outra língua diferente
/ta so'ranu/	Tá chorando
/ta bĩbō nāw/	Tá bem bom não
/fika tʃo'rānu/	Fica chorando
/mĩa parēti desaru, mĩa mu'je/	Meus parentes deixaram, minha mulher
/tēj bastāti/	Tem bastante
/pigūta pa eli/	Pergunta pra ele

/maselu kwidava/	Marcelo cuidava
/oti tipu/	Outro tipo
/kõvɛsa deli nũtēdi nõ/	A conversa dele não entendo não
/komu ki fala firēti/	Como é que fala diferente? (aférese)
/na kohpu uʒa/	No corpo usa
/lizeru/	Ligeiro
/tʃa'ma eli/	Chamar ele
/mã'do sabõ pa eli/	Mandou sabão pra ele
/abriw pota/	Abriu a porta
/lava mõ, lava pɛ, lava brasu/	Lavei a mão, lavei o pé, lavei o braço
/ai ew fikej oiãnu ai/	Aí eu fiquei olhando aí...
/fikej na pota oiãnu, cutãni...	Eu fiquei na porta, olhando
/nũ capa niũ/	Não escapa nenhum
/ma'to, cota piskosu/	Matou e cortou o pescoço
/kabesĩn/	Cabecinha
/cusivi kimigu/	Inclusive comigo
/bãku busa sĩ/	Branco, blusa assim...
/ku'miru a ka'besa da 'gēti/	Comeram a cabeça da gente
/ũ nũ fi'kari/	Um não ficou
/oti'ĩdʒu/	Outro índio
/ʒũ'tarũ/	Juntaram
/bri'gamu pra eli/	Explicamos pra ele
/ɔto dii, ele vo'to dinovu/	Outro dia ele voltou de novo
/ew sa'i hora/	Eu saí fora
/otorapaj cu'to/	Outro rapaz escutou

/oʎa lōzi/	Olhou longe
/ew 'ho/	Eu vou
/desa nō/	Deixava não
/kuta baruj/	Escuta barulho
/ma'to tudi noora/	Matou tudo na hora
/so cabesu, levo kumew/	Só a cabeça, levou e comeu
/mãia māj cūtava/	Minha mãe contava
/agwa tupiw tudo/	A água entupiu
/agwa bēj preti mehmu/	Água bem preta mesmo
/agwa suzi/	Água suja
/primiru, kanclu/	Primeiro, canela
Ŧitō pari/	Então eu parei
/nũ sa'bi/	Não sabia
/primeru ũtigu/	Primeiro antigo
/bastātu/	Bastante
/bastātu/	Bastante
/todu tirãnu, levãnu/	Tudo tirando, levando
/'kaze disu ficaru/	Por causa disso ficaram...
/tu kriãsa/	Tudo criança
/le'va todú mirĩnadu/	Levar toda menina
/eli mĩtinu/	Ele mentindo
/kõmu o'se prãta, mũito/	Como você planta muito (rotacismo)
/noj kumẽnu aki/	Nós comendo aqui
/noj seskesẽnu, fukamu/	Nós nos esquecemos e ficamos...
/a noti ma'taru tudu/	À noite mataram tudo

/eli sego gã'no/	Ele chegou, enganou
/kõmiru/	Comeram
/eli kõ'to sorãni/	Ele contou chorando
/kěj kwi kiro/	Quem que tirou...
/mĩ da mĩa filu/	Me dá meu filho
/so ũ ki ka'po/	Só um que escapou
/kri'a na kolu/	Criar no colo
/vĩ de la ũ mōti di hēti/	Veio de lá um monte de gente
/ew tãbēj gotava/	Eu também gostava
/na kɔba, no basu/	Na cobra, no braço
/bišiu/	Bichinho
/kabesera, pɛtu/	Cabeceira perto
/mɔra pa basu/	Mora pra baixo
/di'fisu ma'ta/	Difícil matar
/so bisõ/	Só bichão
/ɛ h~undo/	É fundo
/pohku/	Porco
/frɛsa/	Flecha
/mĩa māj falaru/	Minha mãe falou
/mĩa māj fikaru/	Minha mãe ficaram (ficou)
/primi mehmi/	Primo mesmo
/tatra paj tãbēj/	Trata pai também
/mĩa ihmã maj vɛj/	Minha irmã mais velha
/tu tia vɛj ta i/	Tua tia velha ta aí
/trata gwau gwau ahēti/	Trata igual igual a gente

/halu hɛla'do/	Ralo ralador
/basora ipĩ/	Vassoura espinho
/fakõ kotarũ/	Facão cortaram
/hɛla mã'dʒoka/	Rala mandioca
/ai dipoj/	Aí depois
/kũ fakĩ pikẽnu/	Com faquinha pequena
/hɛla tãmẽj/	Rela também
/mĩa paj asi'na/	Meu pai ensinar...
/kɔtaru kō a taba/	Cortaram com a tábua
/disaru/	Deixaram
/nu kōpu/	No campo
/laĩ basu/	Lá embaixo
/mĩa paj nũ hipõdew nãw/	Meu pai não respondeu não
/pesu/	Peixe
/a notu toda/	A noite toda
/basztãti porku la/	Bastante porco lá
/ũ digu vĩ/	Um dia que vim...
/mĩã mãj kōko'do/	Minha mãe quando acordou
/mĩã mãj fo'la/	Minha mãe foi lá
/kazi grãdi/	Quase grande
/noj tẽj medu dosejzi/	Nós temos medo de vocês
/be'zu kumiw/	Beiju comeu
/mohew sarãpi/	Morreu de sarampo
/pigũtãni/	Perguntando
/na kãpa/	No campo
/kahni asadu/	Carne assada

/mo'he tudĩa/	Morrer tudinho
/depoj jūmiru/	Depois sumiram
/dimo'ro mujtu/	Demorou muito
/mɔdi tehu/	Por causa da terra
/ja vaj tʃa'i/	Já vai sair...
/bãdo'no/	Abandonou
/fikēmu a'i/	Ficamos aí
/aʒēti oj'o/	A gente olhou
/hãka ka'ra/	Arranca cará
/tʃĩĩga basĩna/	Seringa para vacina
/ba'tʃõ/	Batom
/noj perãnu/	Nós esperando
/mĩ asũ'to/	Me assustou
/i odʒi/	E hoje
/běj vimej/	Bem vermelho
/otu di jĩma/	Outro de cima
/se'go co'he/	Chegou correr
ĩtēdi běj/	Entende bem
/mi asu'to/	Me assustou
/matãnu nojzi/	Matando nós
/mĩa fila/	Minha filha
/kumiru/	Comeram
/aze'ta ko'la pra eli/	Ajeitar colar pra ele
/sa'ma eli/	Chamar ele
/tʃega logu/	Chega logo
/jigurow di novu/	Segurou de novo

/di'so fi'ko/	Deixou, ficou
/a'tɛ dɛ'zora/	Até dez horas
/tʃɔ ɔj'a/	Só olhar
/pĩgada/	Espingarda
/pɛhtu casueru/	Perto da cachoeira
/maj pɛtu/	Mais perto
/ote la/	Outra lá
/pɛga pesi/	Pega peixe
/oti kazi/	Outra casa
/pɛga milu/	Pegar milho
/depoj tʃumiru brãku/	Depois sumiu o branco
/mĩ'dɛru/	Me deram
/sãgrari ašĩ/	Sangraram assim
/bastãtu/	Bastante
/ã'da ka'sãdu/	Andar caçando
/mĩã filu/	Meu filho
/noj fikãni/	Nós ficamos
/ki ku'to/	Que escutou
/so so'rãnu/	Só chorando
/depoj deli mohidu/	Depois dele morrer
/nũ ta vɛj/	Não tá velho
/ta nojĩda/	Tá novo ainda
/mĩã mãj ta bĩ nojĩda/	Minha mãe ta bem nova ainda
/pɛ'ga baʒtãtu/	Pegar bastante
/ew pe'ge/	Eu peguei

/mĩã 'ho fa'lo/	Meu avô falou
/dimurãni/	Demorando
/teharu la mehmú/	Enterraram lá mesmo
/mĩã mãj sorãnu/	Minha mãe chorando
/mĩã imã /	Minha irmã
/E cu'ḡadi deli/	É cunhado dele
/E fii deli/	É filho dele
/ku'ḡadi deli/	Cunhado dele
/hoba demaj/	Rouba demais
/ta difisi/	Ta difícil
/eli tjobro/	Ele sobrou
/sarãpi pe'go/	Sarampo pegou
/primeri mo'he/	Primeiro morreu
/ew kutej/	Eu escutei
/sa'ma mãj/	Chamar mãe
/ta di'visi/	Tá difícil
/mohew vēmēnadu/	Morreu envenenado
/ki kri'ari/	Que criaram
/mi ato'maru/	Me tomaram
/i ew to'teru/	E eu solteiro
/kazadu kō'se/	Casado com você
/nãw fi'ka diretu/	Não ficar direito
/fi'ka kweli/	Ficar com ele
/me'senu/	Mexendo
/ta setu/	Ta certo

/brabu pe'eli/	Bravo por ele
/tasi'oma komigu/	Tem ciúmes de mim
/E gotozu/	É gostoso
/tipu bu'zohu/	Tipo besouro
/tʃi'dʒeru/	Cinzeiro
/na ŋigi/	Na língua
/brāku bati'taru/	Branços batizaram
/kādu era novĩ/	Quando era novinho
/a'i tipoj/	Aí depois
/ka'bore/	Acabou-se
/tigura na māw/	Segura na mão
/ɛ 'primɛ 'deli /	É primo dele
/asināni/	Ensinando
/ew ke'me/	Eu queimei
/prā'ta maj/	Plantar mais
/ew vo 'prāta/	Eu vou plantar
/ka'kwɛ/	Qualquer
/tabarava/	Trabalhava
/tubarōni/	Tubarão
/pori pɛra/	Pode esperar
/mĩfinu/	Mentindo
/eli se'go/	Ele chegou
/ã'tõ/	Então
/ta 'setu nāw/	Ta certo não
/mesew kō'migu/	Mexeu comigo

/je'ga dinote/	Chegar de noite
/le'va pi'taw/	Levar pro hospital
/ta suzu/	Ta sujo
/'bahio/	Bairro
/ãbra'sada/	Abraçada
/maselu babudo/	Marcelo barbudo
/prãta milu/	Planta milho
/na greba/	Na gleba
/brasadu/	Abraçado
/komi hētji/	Comi gente
/kε azu'da/	Quer ajudar
/sōbrasō/	Assombração
/nũ podi ã'da/	Não pode andar
/pεga na tiheru/	Pega no terreiro
/koviō/	Gavião
/sɔ eli ka'po/	Só ele escapou
/mē'to/	Aumentou
/levava uz vεio/	Levava os velhos
/mãε desaru/	Mané deixaram
/pusa no kabelu /	Puxa no cabelo
/kabelu gēti hãga/	Cabelo de gente arranca
/iɔga gēti pra la/	Joga gente pra lá
/hũtu/	Junto
/kεma hēti/	queima a gente
/ki sɔ a oti/	Que só há outro
/bagas~i/	Bagacinho

/tirāni kātāni/	Tirando cantando
/kresēni/	Crescendo
/di'retu/	Direito
/febru, ma'laru/	Febre, malária
/maj sa'biw/	Mais sabia
/tiraru/	Tiraram
/bāi/	Banho
/ipia deli/	Espirro dele
/Ko'dadu mehmo/ /di notu/	Acordado mesmo De noite
/kasu/ /barizadu otu/	Caça Batizado outro
/atʃi mīa ihmā fala/	Assim minha irmã fala
/kotadu/	Encostado
/nū zudia deli nāw/	Não judia dele não
/gɔta maj deli/	Gosta mais dele
/samādu otu/	Chamando outro
/mīā subī/	Meu sobrinho
/mīā pohu/	Meu povo
/mīā mā/	Minha irmã
/mīā muʒka/	Minha música
/so bīga/	Só brinca
/tʃubīnu/	Subindo
/kahega na koʃta/ /dese:/ /iʃtu/ /kǎ'ba/	Carrega nas costas Desse aí Isto Gambá

/ku'tia/	Cutia
/ku'tʃia/	Cutia
/ma'ɛlu/	Amarelo
/ve'mela/ /ve'melo/	Vermelha, vermelho
/'se:/	Esse
/tẽnãu/ /tẽnã/	Tem não
/ese'ki/	Esse aqui
/'ɛma'kakupre'gisi/	É macaco preguiça
/mo'segi/	Morcego
/defe'rēti/	Diferente
/'podʒi/	Pode
/'se'nãY/	Sei não
/'se'viw/	Você viu
/a'in'ɛga'viãw/	Aí é gavião
/jabutfi/	Jabuti
/pa'rɛsi'kele/	Parece aquele
/ɛ'kele/	É aquele
/'esse'tẽ/	Esse tem
/bẽinãũ/	Também não
/ku'ruja/	Coruja
/pikẽnu/	Pequeno
/defe'rēti/	Diferente
/'kele'ɛ'otro/	Aquele é outro...
/'eja'butfi/	E jabuti
/grã'dã/	grandão
/'mesmu/	mesmo
/'meHmu/	Mesmo
/ɔ'rɔpa/	Europa
/a'beja/	Abelha
/iscɔhpiãw/	escorpião
/ewmɔ'ʎa/	Eu molhar ~ Eu molho
/pi'di/	pedir
/tas'critu/	Ta escrito
/pɛdʒi/	Pedi (a gente ...)
/Ke'ma/	queimar
/modẽnu/	Mordendo
/mo'demas/	Mordeu mais
/'noj/ /'doj/	Nós dois
/aʃɛti/	A gente (nós)
/'padi'ze/	Pra dizer

/kɔta/	Corta
/ahãj'o/	Arranhou
/muj'ɛ/	Mulher
/ahaj'æ/	Arranhou
/o'se'mehm ʔ/	Você mesmo...
/is'pĩ:/	Espinho
/so'mẽ/	Somente
/'kalo/ ~/'ka'lo/	Calor
/doi/	Dois
/tãbẽ/	Também
/ispĩ'gada/	Espingarda
/pe'deY/	Perdeu
/sẽ'tatu/	Sentado
/hẽti/	Gente
/a'didu/	Ardido
/'koda/	Corda
/mə'ta/	Matar
/ma'tani/	matando
/'ɔma'ta/	Só matar...
/'bisu/	Bicho
/'ota/	Outra
/pPã'ta/ ~/'prãta/	Plantar
/ã'dãni/	Andando
/vẽtãni/	Ventando
/defe'rẽti/	Diferente
/hu'ãnu/	Voando
/vo'to/	Voltou
/'podi'ze/	Pode dizer...
/ma'tafo'gãn ʔ/	Matar afogando
/'daga/	Da água (d'água)
/a'rea/	Areia
/'fũda/	Afunda
/'kɛlafo'go:/	Que ela afogou...
/mɛHgu'la/	Mergulhar
/ɛʃpre'me/	Espremer
/hɛlãn ʔ/	Ralando (verbo ralar)
/mɔ'lada/	Amolada
/kwãni/	Quando
/a'tia/	Ateia (verbo atear)

ʔipu'ha/	Empurrar
/eYpu'hej/	Eu empurrei
/pu'ha/	Empurrar
/'foti/	Forte
/'foHsa/	Força
/'hapu/	Rápido
/kũ'pɛ/	Com o pé...
/eYkĩpu'he/	Eu que empurrei
/si'nɛlu/	Chinelo
ʔipu'han i/	Empurrando
/sɔ'se/	Só você
/'tapu'hanu/	Tá empurrando
/sɔ'zĩ/	Sozinho
/'hãka/	Arrancar
/'sɔhã'ka/	Só arrancar
/'j'ahã'ke/	Já arranquei
/a'hãkũi'fada/	Arranco com a enxada
/'puʃa/	Puxar cabelo
/pu'ʃo/	Puxou
/pu'ʃe/	Puxei
/haf'to/	Arrastou
/haf'te/	Arrastei
/tʃi'Pa/	Tirar
/buʃ'ca/	Buscar
/buʃ'ke i/	Busquei (eu passado)
/'oto/	Outra
/'hɔpa/	Roupa
/'memo/	Mesmo
/'deʃa/	Deixa
/ti'Pe/	Tirei
/'sɛPtu/	Certo
/'hejtu/	Jeito
/'iskuj'e/	Escolher
/'takuj'enu/	Tá escolhendo
/oj'an i/	Olhando
/tʃumiY/	Sumiu
/dimu'ranu/	Demorando
/ke'ma/	Queimar
/u'zotu/	Os outros
/ke'me/	Queimei
/'nɔj/	Nós
/'pejsi/	Peixe
/Kũ'me/	Comer

/prici'za/	Precisar
/prisi'zanu/	Precisando
/ko'sera/	Coceira
/mi'ʒãñ ÷/	Mijando
/ã'dãnu/	Andando
/ba'tẽnu/	Batendo
ŋ'jima/	Encima
'kãm ÷/	Cama
/ati'ro/	Atirou
'haja'lẽ/	Racha lenha
/vo'ta/	Voltar
/tu'mãñ ÷/	Tomando
/va'ri/	Varinha
/grit'ãñ ÷/	Gritando
/frɛ'ga/	Esfregar
/mi'di/	Medir
/mĩ'tinu/	Mentindo
'kɔjka/	Cócega
/ba'siu/	Baixinho
/pɔdi'ze/	Pode dizer
/pẽ'ta/	Pentear
'bãj/	Banho
'maiʒ'tadi/	Mais tarde
'foja/	Folha
/bãna'do/	Abanador
/bu'nitu/	Bonito
'se'ki'deY/	Você que deu...
/sipa'radu/	Separado
'sãw/	Chão
/tu'di/	Tudinho
/ka'e/	Cair
/ke'bre/	Quebrei
/a'hãjo'se/	Arranho você
'muja/	Molha
'sevi/	Serve
'paj/	Palha
/pi'di/	Pedir
/de'sa/	Deixar
'moj/	Molho
/fre'venu/	Fervendo
/pu'lo/	Pulou
/no'vi/	Novinho

/fi'dido/	Fedido
/mu'lada/	Amolada
/'nɔʃi/	Nosso
/pã'neru/	Paneiro
/mõ'deli	Mão dele...
/du'zotu	Dos outros...
/'nɔʃ/	Nós
/'podi/	Podre
/fi'did i/	Fedido
/de'ta/	Deitar
/de'tadu/	Deitado
/cuʃtu'ra/	Costurar
/ba'tēm i/	Batendo
/de'sa/	Deixar
/'frɛʃa/ ~/'frɛʃ i/	Flecha
/iske'sidu/	Esquecido
/tã'měj/	Também
/abe'ʃi/	Abelhinha
/mēj'dūi/	Amendoim
/pɔ'di'ze/	Pode dizer
/'avPi/	Árvore
/'pesi/	Peixe
/tatu'ʒi/	Tatuzinho
/'vɛʃa/	Velha
/aY'dea/	Aldeia
/'dētʉ/	Dentro
/'hēti/	Gente
/'hadu/	Rádio
/'hejtu/	Jeito
/iʃtra'gadu/	Estragado
/'dēti'kaza/	Dentro de casa
/'poku/	Porco
/pihũ'tānu/	Perguntando
/gwah'de/	Guardai
/fi'gera/	Figueira
/kɔ'ta/	Cortar
/oj'a/	Olhar
/pīdu'ra/	pendurar
/mitʃu'ra/	Misturar
/'fɔʃi/	Forte

/mä'dʒoka/

/bi'ʒu/

/ma'relu/

/ã'zo/

/'pɛda/

Mandioca

Beiju

Amarelo

Anzol

Pedra